

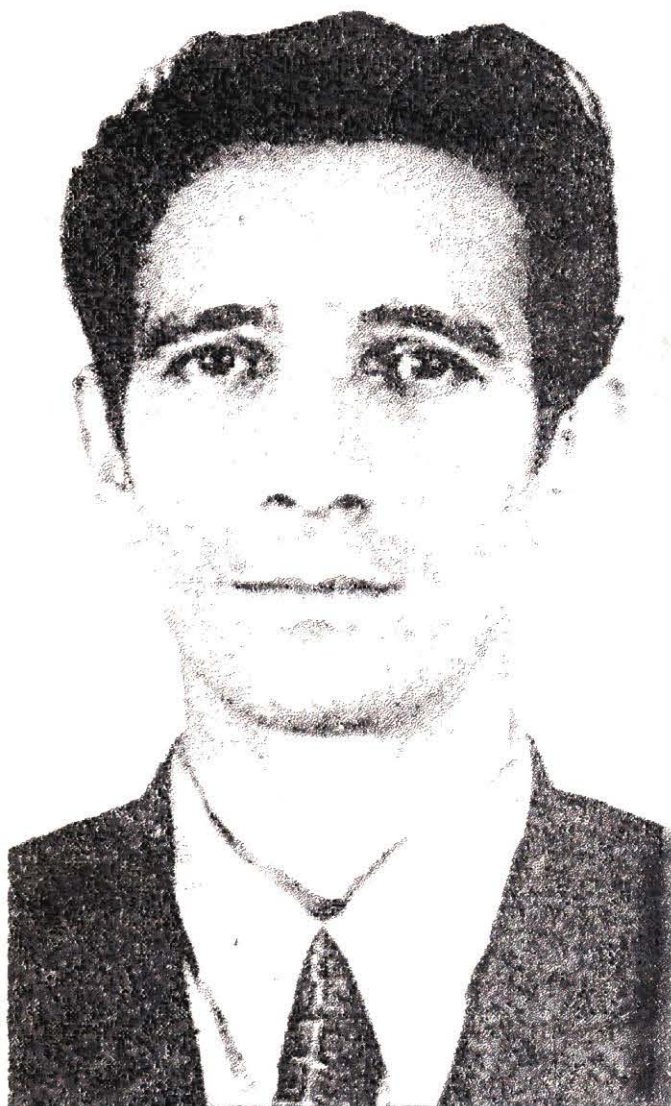
AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Zenir Rodrigues dos Anjos Filho



LAMARCA:

MITO E HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CEHAR

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Minas)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

Dezembro/1999

1.617 59
(C)

ZENIR RODRIGUES DOS ANJOS FILHO

LAMARCA:

MITO E HISTÓRIA

MONOGRAFIA APRESENTADA PELO
GRADUANDO **ZENIR RODRIGUES DOS
ANJOS FILHO**, SOB A ORIENTAÇÃO DA
PROF. DR. JACY ALVES DE SEIXAS NO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA COMO PRÉ-REQUISITO PARA
A TITULAÇÃO EM HISTÓRIA.

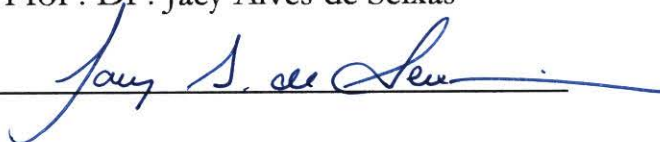
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

Dezembro/1999

BANCA EXAMINADORA

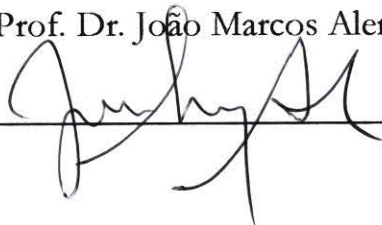
ORIENTADORA

Prof.^a Dr.^a Jacy Alves de Seixas



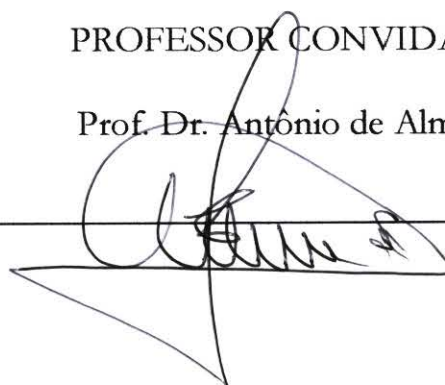
PROFESSOR CONVIDADO

Prof. Dr. João Marcos Alem



PROFESSOR CONVIDADO

Prof. Dr. Antônio de Almeida



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO - PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

AGRADECIMENTOS e DEDICATÓRIA

Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram a realizar este trabalho, e, na impossibilidade de citar tantos amigos e mestres, além de correr o risco de esquecer alguém, desejo que todos sintam-se representados na figura de meu pai, Zenir Rodrigues dos Anjos a quem dedico esta monografia.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01
CAPITULO I	
LAMARCA: UMA BIOGRAFIA.....	05
CAPITULO II	
O PERSONAGEM LAMARCA:	
MITO (E) HISTÓRIA.....	27
CAPITULO III	
O PERSONAGEM LAMARCA:	
MITO (E) MEMÓRIA.....	41
CAPITULO IV	
O MITO POLÍTICO:	
A LUTA PELA IDENTIDADE NACIONAL.....	52
“A NOVA FACE DO TERROR”:	
o tema da “conspiração”.....	57
“O LANCE DO OFICIAL DO	
EXÉRCITO BRASILEIRO”:	
o tema do “salvador”.....	65
AS PAIXÕES ETERNAS:	
o tema da “idade do ouro”.....	69
“DOS FILHOS DESTE SOLO”:	
o tema da “unidade”.....	72
CAPITULO V	
AS IMAGENS DE LAMARCA,	
O IMAGINÁRIO SOBRE LAMARCA.....	75
CAPÍTULO VI	
SINCRONIAS ENTRE “CHE” e LAMARCA.....	89
CONCLUSÃO.....	103
BIBLIOGRAFIA.....	105

ÍNDICE DE GRAVURAS

“A NOVA FACE DO TERROR”: o tema da “conspiração.....	57
AS PRIMEIRAS FOTOS: AS FOTOS COMO INSTRUTOR DE TIRO.....	78
A IMAGEM DA CAPA DO LIVRO E A FOTO DO “CHÊ”.....	85
LAMARCA NO NECROTÉRIO E “CHÊ” NA LAVANDERIA DO HOSPITAL.....	87

INTRODUÇÃO

Carlos Lamarca é um nome que na recente História política brasileira é bastante citado e conhecido. Sua trajetória no conturbado período do governo militar foi divulgada e, sem dúvida, trata-se de um personagem histórico.

Em um período onde muitos mergulharam na luta armada tentando derrubar a ditadura militar e instalar um governo socialista, seu nome foi destaque e se tornou um símbolo da época.

Foi uma época prodigiosa onde os sonhos pareciam estar ao alcance das mãos, ou dos fuzis. Sob a influência da vitoriosa revolução de Fidel Castro em Cuba a América Latina tornou-se uma frente de batalhas entre forças reacionárias apoiadas pelos Estados Unidos e revolucionários dispostos a alcançar uma segunda independência.

Os grandes nomes dessa época, em várias áreas como a música, a política, as artes, ainda são venerados e suas imagens são bastante conhecidas. John Lennon, Jimi Hendrix, Beatles, Woodstock, Jim Morrison, Janis Joplin, Fidel Castro, “Che” Guevara, maio de 68 na França, são imagens desse tempo.

Em especial o médico argentino Ernesto “Che” Guevara, companheiro de Fidel Castro em Sierra Maestra, tornou-se uma das mais famosas imagens desse período. Seu nome serviu de estímulo para movimentos revolucionários em vários países do mundo, principalmente na América Latina. Também virou marca de cerveja na Inglaterra, modelo de relógio da multinacional Swatch e teve sua foto como capa de um disco de rock⁽¹⁾, uma griffe fabrica boinas e camisetas com sua silhueta ou com uma estrela vermelha e várias vezes veste a apresentadora da Rede Globo de Televisão Xuxa Meneghel com seus artigos. Ainda hoje seu nome teima em não deixar as manchetes e invariavelmente é tratado com “um mito”. Foi assim em reportagens sobre os

¹ Estas informações foram retiradas da REVISTA VEJA de 11 de junho de 1997, onde não consta de que cantor ou grupo de rock é o disco.

trinta anos de sua morte em 1997 e também nas comemorações sobre os quarenta anos da Revolução Cubana em 1999. Eis algumas das manchetes de reportagens nestes dois momentos.

Em 04 de janeiro de 1999 a Revista Época apresentou uma reportagem onde destacou os líderes da revolução Cubana da seguinte forma:

*“OS HERÓIS DA ESQUERDA
GUERRILHEIROS SE TORNARAM MITOS*

Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e Ernesto Che Guevara foram os três principais comandantes militares da Revolução Cubana e marcaram o imaginário da esquerda das décadas de 60 e 70. Morto em 1967 pelo Exército na Bolívia, para onde o levava seu ímpeto revolucionário, Che Guevara ficou preservado do desgaste do poder e sua imagem é associada à rebeldia até hoje.”

A Revista Veja em 9 de julho de 1997 numa matéria que foi capa com a seguinte chamada: A ressurreição de Che Guevara, utilizou a também o termo mitológico na manchete:

“TRIUNFO FINAL DE CHE: COM A BUSCA DE SEUS OSSOS, RESSURGEM AS IDÉIAS E AS AVENTURAS DO GUERRILHEIRO MITOLÓGICO”.

Ainda em junho de 1997, a mesma revista em sua edição do dia 11 trazia na sua seção de livros uma matéria onde comentava o lançamento de uma biografia sob o seguinte título:

“DURO DE MATAR: SAI A MELHOR BIOGRAFIA DE GUEVARA, O MITO DE ESQUERDA QUE SOBREVIVEU AO FIM DO COMUNISMO”

Pelo uso e costume a figura de “Che” Guevara é referenciada como a de um mito político. Dificilmente encontra-se, trinta anos depois de sua morte, uma matéria na imprensa que não se refira dessa forma a sua imagem.

A imprensa brasileira tem sido bem menos benevolente com o guerrilheiro brasileiro Carlos Lamarca. Seu nome apesar de muito citado não recebe o mesmo Status do guerrilheiro argentino-cubano, mas através das abordagens feitas ao nome de Lamarca podemos afirma-lo como mito tal qual “Che” Guevara.

A comparação entre o guerrilheiro brasileiro e o guerrilheiro argentino-cubano e a afirmação de que tratam-se ambos de mitos políticos não é de modo algum isenta de rigor. É antes de mais nada o primeiro passo para o estudo do mito político, ou seja identificar um núcleo central sobre a qual a narrativa se realiza através de um método comparativo.

Mas antes desse primeiro passo de análise de mito político devemos primeiro compreender que o existem mitos naturezas diferentes como o mito de natureza política e o mito do sagrado, que esta relacionado basicamente com mitos de sociedades tradicionais⁽²⁾.

Como os mitos, independente de sua natureza, não podem prescindir de um fundamento histórico⁽³⁾ e são fundamentalmente uma “fala”⁽⁴⁾, como veremos, quando separados em sua natureza cada um irá possuir uma nova divisão em núcleos centrais sobre as quais as narrativas míticas são construídas. Assim o mito do sagrado possui dois grandes grupos, ou núcleos centrais que são os cosmogônicos e os de origem, enquanto que os de origem políticas possuem, segundo Girardet, quatro grandes núcleos: A **Conspiração**, o **Salvador**, a **Idade de Ouro**, e a **Unidade**. Estes núcleos não são herméticos, se entrelaçam, o que de certa forma elimina a precisão de seus contornos, mas possuem características que podem ser selecionados para análise a partir de comparações entre manifestações míticas que possuam narrativas, motivações,

² ELIADE, Mircea. MITO DO ETERNO RETORNO. Rio de Janeiro: Edições 70 Ltda, 1993 & MITO E REALIDADE. 5ª ed., Coleção Debates, São Paulo: 1998. Nestas obras é utilizado o termo “tradicional” para identificar civilizações agrícolas antigas e sociedades indígenas.

³ BARTHES, Roland. “O Mito, Hoje”. In: O PODER DO MITO. São Paulo: Editora Martin Claret.

⁴ BARTHES, Roland. Op. cit.

explicações e poder de mobilização próximas ou similares. Ou seja, que possuam estruturas bastante próximas.

É através da utilização deste método comparativo que é utilizado por Raoul Girardet⁽⁵⁾, mas que trata-se de uma proposta retirada do trabalho de Gilbert Durant “Structures anthropologiques de l’imaginaire”⁽⁶⁾, e que consiste em procurar definir, dentro do que é possível, os contornos ou “conjuntos de construções míticas sob o domínio de um mesmo tema, reunidas em torno de um núcleo central”⁽⁷⁾ que utilizaremos a imagem de “Che” Guevara no auxílio da análise da imagem do ex-capitão Carlos Lamarca.

As principais questões que norteiam este trabalho são; a própria compreensão do que é mito; compreende-lo como algo histórico, que ocorre e intervém na história; demonstrar os elementos que possibilitam afirmar a figura do ex-capitão como um mito político brasileiro.

⁵ GIRARDET, Raoul. MITOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. pp. 19-20

⁶ GIRARDET, Raoul. Op. cit. 1987, pp. 19-20

⁷ Idem. pp. 19-20

CAPITULO I

LAMARCA: UMA BIOGRAFIA

Esta biografia tem o intuito de fornecer algumas informações iniciais sobre o personagem Carlos Lamarca. Porém, não se trata de um trabalho biográfico e, sim, de um resumo das narrativas⁽¹⁾ sobre sua trajetória mais algumas reportagens que possam completar o texto. O principal motivo dessa opção é o interesse desse trabalho de mostrar a construção mítica em torno personagem e não recontar a sua trajetória “real”.

Carlos Lamarca era carioca, nascido no bairro do Estácio na zona norte do Rio de Janeiro no dia 27 de outubro de 1937. Era o terceiro filho do sapateiro Antônio Lamarca e Dona Gertrudes que, além de Carlos, tinham mais cinco filhos Walter, Wanda, Norma, Ivan e Célia.

Aos dois anos chegou a ser desenganado pelos médicos ao diagnosticarem uma pneumonia dupla como sendo tuberculose. A comoção familiar em torno da doença tornou-o o favorito entre os filhos do casal.

A lembrança que seu irmão Walter Lamarca guarda da infância de Carlos, e que é explicitada por seus biógrafos Oldack Miranda e Emiliano José, é que se tratava de um garoto “decidido”, que não gostava de perder e que conquistava sempre a liderança nas brincadeiras de rua. Foi orador da turma de Primeira Comunhão, estudou no Instituto Arcoverde, colégio de padres onde completou o ginásio e graças a sua persistência foi o único dos filhos a alcançar o curso superior. Destacam também que na adolescência o cultivo da disciplina se refletia até no uniforme escolar, impecavelmente engomado.

Aos dezessete anos, em 1954, ingressou na Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre, após ter sido reprovado por duas vezes, uma em São

¹ As principais fontes utilizadas foram os livros: LAMARCA, O CAPITÃO DA GUERRILHA de Oldack Miranda e Emiliano José; IARA, REPORTAGEM BIOGRÁFICA de Judith Liebllich Patarra; NÃO ÉS TU, BRASIL de Marcelo Rubens Paiva; COMBATE NAS TREVAS de Jacob Gorender; BRASIL: SEMPRE de Marco Pollo Giordani; OS ANOS DE CHUMBO – MEMÓRIA MILITAR SOBRE A REPRESSÃO org. Maria Celina D’Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro; MULHERES QUE FORAM A LUTA ARMADA de Luiz Maklouf Carvalho

Paulo outra em Fortaleza. Após a escola preparatória foi para a Academia Militar de Agulhas Negras em Resende, Rio de Janeiro.

Oldack Miranda e Emiliano José apontam que foi também na infância que conheceu sua primeira esposa, Maria Pavan. Isto teria ocorrido quando ambos tinham por volta 12 anos e Maria mudou-se para a frente da casa de Carlos. Pouco tempo teria sido necessário para tornarem-se amigos inseparáveis e logo estariam namorando. A data de casamento apontada pelos autores é de 03 de outubro de 1959, quando Lamarca ainda era cadete, o que era uma quebra de regulamento e poderia terminar com sua expulsão da Academia Militar de Agulhas Negras. A vida do casal, segundo os autores, transcorria em clima de grande afinidade. Mas há uma controvérsia em torno desse casamento, pois estes autores apontam que Maria já estaria grávida do primeiro filho César que nasceu no dia 5 de maio de 1960.

Porém em depoimento à Revista Veja⁽²⁾ sobre o filme de Sérgio Rezende a própria Maria Pavan declarou ter permanecido virgem até seis meses depois do casamento para que uma possível gravidez não pudesse complicar ainda mais a situação do marido.

Além do casamento, outros dois episódios deste período merecem o destaque dos autores Oldack Miranda e Emiliano José. O primeiro foi a reprimenda que conseguiu graças ao seu interesse por leituras “pouco ortodoxas” como o clássico *“Guerra e Paz”*, de Tolstói, e o segundo, ocorreu no ano de 1957 quando uma célula do PCB (Partido Comunista do Brasil), realizando trabalho de propaganda, introduziu sob os cobertores dos cadetes exemplares de um panfleto do partido. As reações foram diversas, alguns queimaram, outros riram e alguns leram com disfarçado interesse. Estes últimos, entre eles Lamarca, passaram a receber o panfleto sistematicamente. Assim,

² REVISTA VEJA de 04 de maio 1994 pp. 118, artigo assinado por Paulo Moreira Leite

mesmo sem nunca ter sido militante passou a ser considerado um “simpatizante convicto” das idéias comunistas.

Terminou o curso da Academia, em 1960, e foi servir em Quitaúna, na região de Osasco. Em 1962 serviu como segundo-tenente nas forças da Organização das Nações Unidas, durante a ocupação do Canal de Suez. Em Rabah, permanece por treze meses. É constrangido a servir no Oriente Médio devido a sua precária situação financeira. O soldo revelando-se insuficiente para o sustento da família, segundo Judith Lieblich Patarra Maria Pavan padecia de uma doença misteriosa que sugava as finanças do casal além de estar grávida do segundo filho como aponta Oldack Miranda e Emiliano José . Em outubro de 1962, nasce Cláudia.

Em 1963 voltou ao Brasil e foi incorporado à 6ª Companhia da Polícia do Exército, em Porto Alegre onde ficou até 1965.

Quando ocorreu o golpe de 1964, Lamarca estava servindo na 6ª Companhia da Polícia do Exército em Porto Alegre. Em um plantão seu, um preso político conseguiu fugir. Era dezembro de 1964 e o preso era o capitão da Aeronáutica Alfredo Ribeiro Daudt. Um inquérito foi, então, instaurado mas não resulta em nada.

Apesar de não ter sido oficialmente responsabilizado pela fuga do preso, o ambiente junto aos oficiais se tornou insuportável, levando-o a pedir transferência para o 4º Regimento de Infantaria, em Quitaúna, onde servira pela primeira vez.

Em Quitaúna, reencontrou o sargento Darcy Rodrigues. Segundo Oldack Miranda e Emiliano José, já eram amigos desde 1962, quando serviram juntos ali mesmo em Quitaúna. Lamarca vinha da Academia Militar de Agulhas Negras e Darcy da Escola de Sargentos e fizeram parte de um círculo de estudos políticos ao lado de oficiais e suboficiais do regimento. Para estes autores já nesta época Lamarca e Darcy acreditavam na inviabilidade de tomar o poder pela via pacífica.

Quando retornou a Quitaúna Lamarca encontrou Darcy arregimentando cautelosamente os recrutas de sua unidade através de um “clube de amigos”, meio encontrado para discutir política dentro do quartel. Darcy, o soldado José Mariane e Lamarca estavam convictos, conforme seus biógrafos, da necessidade de estruturar um foco guerrilheiro, seguindo a teoria do foquismo de “Che” Guevara onde um pequeno grupo de homens armados, disciplinados e bem treinados formam uma coluna guerrilheira numa área rural servindo, assim, de catalisador das lutas populares até que se deflagra a guerra revolucionária.

Para seus biógrafos, a chegada de Lamarca deu um novo animo às discussões, era um oficial e tinha uma formação teórica mais aprofundada.

Durante o ano de 1967, Lamarca, passou o tempo entre as tarefas no quartel e os estudos políticos do grupo. Em 25 de agosto de 1967 torna-se capitão, e, em outubro, chorou a morte de “Che” Guevara.

Uma contradição na narrativa existente em dois dos livros retidos, aparece neste momento. Oldack Miranda e Emiliano José não fazem nenhuma referência a participação Iara Iavelberg neste grupo de estudos, aliás enfatizam diz que eles só se conheceram em abril de 1969. No livro de Judith Lieblich Patarra, Iara aparece como tendo sido designada, isto em outubro de 1968, pela organização armada VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) para prestar assistência teórica ao grupo em substituição a Renata Guerra de Andrade que acompanhava o grupo desde os primeiros meses de 1968. Um detalhe que chama a atenção é que em nenhum livro há uma descrição ou narrativa de como Lamarca efetivamente chegou a VPR ou a VPR chegou até Lamarca.

Judith Lieblich Patarra, no entanto, aponta que antes mesmo deste encontro no grupo de estudo, Lamarca e Iara já se conheciam. Este primeiro contato teria sido em um final de semana quente de 1962, quando Iara, ainda estudante, foi ao quartel acompanhada de Antônio José Figueiredo – o Tom Figueiredo irmão de Afonso Figueiredo capitão do 4º RI de Quitaúna - e alguns amigos para utilizar a piscina do quartel. Tom relata que após a piscina formou-

se uma roda de papo do qual participou o oficial-de-dia, um jovem tenente muito amigo de seu irmão e que teria sido ele Tom que os apresentara. O jovem tenente era Carlos Lamarca.

Por outro lado Luiz Maklouf Carvalho em Mulheres Que Foram a Luta Armada da ao militante Espinosa o mérito de ter apresentado Lamarca a Iara, na casa da professora universitária e diretora de teatro Heleni Telles Ferreira Guariba (que consta na lista dos desaparecidos políticos) sem precisar a data em que isto teria ocorrido.

O agitado ano de 1968 é considerado pelos autores como sendo um ano decisivo, com greves operárias em Contagem e Osasco e manifestações estudantis em todo país. A participação mais direta de Lamarca nos episódios deste ano se deu nas comemorações de 1º de maio.

Um comício na Praça da Sé foi organizado pelo MIA (Movimento Intersindical Antiarrocho) e convidaram o então Governador Abreu Sodré para comparecer nas comemorações do Dia do trabalho.

As organizações de esquerda, segundo Jacob Gorender, “consideraram insultuosa a presença do Governador Abreu Sodré e decidiram escorraça-lo da praça”⁽³⁾, tomaram o palanque, apedrejaram o governador e saíram em passeata até a Praça da República. Um grande esquema preventivo havia sido montado pelo Exército para qualquer emergência. Lamarca era o comandante das tropas concentradas no Ibirapuera e de acordo com Oldack Miranda e Emiliano José a orientação dele era uma só, estavam ali para se defender não para atacar.

Neste ano o comandante do II Exército sediado em São Paulo, general Manoel Rodrigues Carvalho Lisboa havia ordenado o levantamento de barricadas em torno do quartel general, com sacos de areia e uma vigilância reforçada. Também outras instalações militares passaram a exhibir este tipo de vigilância, entre elas o Hospital Militar do Cambuci que contava em sua guarda

³ GORENDER, Jacob. **COMBATE NAS TREVAS**. São Paulo: Ática, 1987, p. 143.

com onze homens armados com fuzis FAL (Fuzil Automático Leve). Estas armas teriam chamado a atenção do comando da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) que tinha necessidade de conseguir armas para a revolução. No dia 22 de junho dez militantes entraram no Hospital pela madrugada, dominaram os dois corpos da guarda e levaram onze fuzis.

Oldack Miranda e Emiliano José afirmam que Lamarca teria tido detalhes da operação, pois os soldados que prestavam guarda no hospital eram da sua corporação e seria este o momento que Lamarca e os demais participantes do “clube de amigos” do 4º RI teriam entrado em contado com o comando da VPR sendo que o primeiro a entrar de fato para a organização teria sido o sargento Darcy Rodrigues seguido do capitão Lamarca em dezembro de 1968. Judith Patarra Lieblich, ao contrário, ressalta o que ocorreu foi que até então este grupo não tinha vínculo orgânico, mas já recebiam documentos internos da organização e discutia, entre seus membros, táticas e estratégia de lutas; o elo responsável pela ligação entre a VPR através do dirigente e ex-sargento Onofre Pinto e o grupo do 4º RI era Darcy Rodrigues.

Logo depois do ataque ao hospital o general Manoel Lisboa lançou um desafio à direção da VPR : em vez de que atacarem um hospital que fossem então atacar o seu quartel. Aceito o desafio um carro-bomba foi preparado e lançado contra o quartel no dia 26 de junho de 1968. Um soldado inadvertidamente aproximou-se do carro e não teve tempo nem mesmo de ler o aviso “afaste-se, explosivos”, morre na explosão. O nome do soldado era Mario Kosel Filho e servia no 4º RI sob o comando de Carlos Lamarca.

Nas reuniões com Onofre Pinto, Lamarca, segundo Oldack Miranda e Emiliano José, foi convencido da existência de uma área de campo já preparada para o desencadeamento da luta armada no campo; com essa perspectiva, ele preparava sua saída do Exército. Muitos seriam contra essa decisão, entre eles Carlos Marighela, comunista dissidente do PCB (na ainda Partido Comunista do Brasil) líder de outra organização a ALN (Ação Libertadora Nacional), mas

Onofre Pinto, dirigente da VPR, argumenta que Marighela não conhece a organização. E assegurava a viabilidade da implementação do foco.

Para a noite da saída de Lamarca do 4º RI Onofre imaginou uma noite inesquecível que seria chamada de “A noite de São Bartolomeu” que foi assim descrita pelos autores:

“26 de janeiro de 1969. O Palácio Bandeirante, sede do governo paulista, no Morumbi, arde em chamas após o bombardeio de lança-rojões. No mesmo instante, ataque semelhante põe em pânico o Quartel-General do II Exército, no bairro do Ibirapuera. Na Cidade Universitária, a Academia Militar de Polícia desmorona com a explosão de cem quilos de dinamite, e ao mesmo tempo, o Campo de Marte é ocupado por cinco militantes da Vanguarda Popular Revolucionária. Os sentinelas são dominados e os controles avariados para confundir o sistema aéreo da cidade. Era a ‘Noite de São Bartolomeu’, o desfecho de um plano perfeito, destinado a criar um clima de guerra civil.”⁴⁾

Lamarca deveria, então, estar pronto um dia antes. Com sua própria Kombi iria retirar cerca de 60 fuzis automáticos Leves (Fal), dois morteiros de 60 milímetros e armas curtas ao alcance da mão.

No dia 26 o sargento Darcy, que estaria de serviço junto com o cabo Mariane e o soldado Carlos Roberto Zanirato, deveria dar acesso a um caminhão da organização pintado com as cores do Exército que deveria retirar do quartel cerca de 360 fuzis e qualquer outro tipo de armamento que pudesse ser transportado na Kombi e no caminhão.

Um incidente, entretanto, acabou atrapalhando os planos do grupo e de Onofre Pinto. Num sítio em Itapecerica da Serra, a trinta Km de São Paulo, um garoto da vizinhança viu o grupo que pintava o caminhão Chevrolet Brasil 59 com as cores do Exército. Ao se aproximar do encerado que cobria o veículo levou dois tabefes de um dos militantes. A mãe do garoto apresentou queixa na Delegacia de Itapecerica e um soldado foi até o sítio pensando apenas em

⁴ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. LAMARCA, O CAPITÃO DA GUERRILHA. 9ª ed., São Paulo Editora, 1984, p. 36

intimidar os rapazes, mas percebendo que pintavam o caminhão nas mesmas cores do Exército voltou e pediu reforços. Foram presos, Pedro Lobo de Oliveira, Ismael Antônio de Souza, Oswaldo Antônio dos Santos e Hermes Camargo Batista. Outro militante que vinha se juntar ao grupo, o sargento José Araújo Nóbrega, conseguiu escapar inventando uma história de vendedor perdido e foi avisar a organização.

Os quatro que formavam o grupo de Quitaúna, Lamarca, Darcy, Zanirato e Mariane decidem então passar para a clandestinidade imediatamente levando com eles as armas que fosse possível carregar na Kombi de Lamarca, pois os nomes e até mesmo a patente de Lamarca eram conhecidos dos presos que poderiam, sob tortura, falar a qualquer momento. Assim, com 63 fuzis, três metralhadoras INA⁽⁵⁾ e munição entraram para a clandestinidade no dia 24 de janeiro de 1969.

Duas outras pessoas do Exército são citadas por Judith Lieblich Patarra como tendo participado do episódio da fuga de Lamarca. O primeiro teria sido o primeiro-tenente Altair Luchesi Campos, seu amigo íntimo desde a Academia (o único a saber, por exemplo, do casamento sem autorização), e que era chamado por Lamarca de Maninho. Luchesi teria sido avisado por Lamarca da saída e do ingresso na luta armada, pois devido a antiga amizade ele seria certamente intimado a prestar depoimento sobre as atividades do amigo, o que realmente aconteceu.

A outra pessoa envolvida teria sido o capitão Afonso Figueiredo. Segundo seu irmão, e amigo de Iara, Tom Figueiredo, Afonso teria abrigado Lamarca e os militares que abandonaram o quartel com as armas pois se sentia meio responsável pela atitude do amigo ao incentivá-lo a leituras como de Rosa Luxemburgo e Sartre. E mesmo com o exemplo pois havia se manifestado contra o golpe de 64 sendo preso mas permanecendo na tropa até o final dos

⁵ No livro de Judith Patarra o número de metralhadoras divergem pois seriam cinco e não três e ainda haveriam revólveres.

processos que o cassariam. Afonso Figueiredo teria, no entanto, desaconselhado fortemente a deserção, mas acabou dando abrigo ao amigo. Pelo episódio recebeu uma pena de três anos que não cumpriu pois fugiu e permaneceu escondido até a prescrição da pena.

No livro de Oldack Miranda e Emiliano José o episódio da fuga acabou em decepção e rancor para Carlos Lamarca. Em decepção pois constatou-se que a VPR não possuía a área de campo onde o foco pudesse ser efetivado, nem mesmo possuía condições para guardar os armamentos que os quatro haviam conseguido tirar do quartel. E em rancor porque a VPR não tendo condições de guardar as armas deixou-as nas mãos da ALN ficando apenas com três fuzis. Quando a VPR se sentia em condições de guardar as armas Carlos Marighela, dirigente da ALN negou-se a devolve-las considerando-as armas para a revolução e não propriedade de uma ou outra organização. Lamarca ameaçou descobrir onde as armas estavam guardadas e realizar nova ação para recuperá-las. O antigo e experiente militante comunista Joaquim Câmara Ferreira consegue garantir o retorno de metade das armas e apaziguar os ânimos, mas do episódio ficara, segundo os autores, uma profunda antipatia de Lamarca por Marighela, em quem não depositava nenhuma confiança como líder da revolução.

Segundo Oldack Miranda e Emiliano José este foi um período difícil para a VPR o ano de 1969. Várias “quedas” ocorreram após a delação de Hermes Camargo Batista, o militante “Xavier”, preso em Itapecerica da Serra no episódio do caminhão. A partir daí são presos Onofre Pinto, José Ibrahim e os irmão Nelson e Pedro Chaves. Debilitada a VPR tem em abril a direção formada por Waldir Sarapu, José Carmos Barreto e Antônio Espinoza que convoca um congresso onde se discutem as perspectivas da luta. Nesse congresso assume-se a posição de “não se subestimar o papel das massas”, mas, a idéia básica de implantação do foco permanece como forma fundamental da luta.

Nesse congresso Lamarca, “a contragosto” teria assumido o papel de dirigente da organização ao lado de Antônio Espinoza, Mario Japa, Fernando Mesquita e Cláudio de Souza Ribeiro. A contragosto, porque desejava o cargo de dirigente apenas da guerrilha rural a ser implantada.

A partir de então passa a maior parte do tempo trancado dentro de “aparelhos”. Para seus biógrafos é neste momento que as deficiências teóricas começam a aparecer e incomodar; evita encontrar com Zanirato pois se julgava culpado por tê-lo tirado do quartel sem conseguir levá-los direto para o campo. Quando Zanirato morre em junho assassinado pela repressão sofre muito, é a primeira perda em sua vida de clandestino.

Com suas fotos espalhadas por todo o país decide fazer uma operação plástica que no livro de Oldack Miranda e Emiliano José aparece como tendo sido realizada por Almir Dutton Ferreira, enquanto que Judith Lieblich Patarra da os créditos dessa cirurgia ao médico Afrânio Marciliano Freitas Azevedo⁶. Além da cirurgia plástica arrancou os dentes e ficou até o fim da vida com uma prótese provisória.

FOTOS DO DIÁRIO – SEQUÊNCIA DE FOTOS PARA DOCUMENTOS.



Lamarca em fotos dos órgãos de segurança em cartazes afixados em locais públicos no fim dos anos 60 e início dos 70; a barba “falsa” ampliava as possibilidades de identificação

FONTE: Jorna; Folha de São Paulo de sexta-feira, 10 de julho de 1987 . B3

⁶ PATARRA, Judith Lieblich. IARA – REPORTAGEM BIOGRÁFICA. 4ª ed., Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1993, pp. 325.

Sua primeira ação armada se dá em 09 de maio de 1969, quando a VPR realiza um assalto simultâneo aos Bancos Mercantil de São Paulo e Itaú, ambos na rua Piratininga. Sua função era dar cobertura aos militantes que invadiam os bancos. Na esquina o guarda-civil Orlando Pinto Soares ao perceber o assalto aponta a arma em direção a Darcy Rodrigues. E, conforme seus biógrafos, a 30 metros de distância Lamarca atira e acerta a nuca do guarda que dá uma volta no corpo e recebe mais um tiro no rosto.

Sua segunda ação se dá após a união da VPR com o Comando de Libertação Nacional – COLINA, liderado por Juarez de Brito dando origem a VAR-Palmares – Vanguarda Armada Revolucionária Palmares. Tratou-se da “ação cofre do Dr. Rui” que foi realizada antes da formalização da fusão.

“Dr. Rui” era o nome pelo qual o ex-governador de São Paulo Adhemar de Barros referia-se, quando na frente de estranhos, à Ana Capriglione que se notabilizou pelas relações íntimas com o governador. Segundo boatos era ela quem guardava o dinheiro da “caixinha”, fruto da corrupção do governo do amante.

A ação foi comandada por Lamarca e rendeu aos cofres da organização cerca de dois milhões e quinhentos mil dólares.

No congresso onde deveria ser formalizada a fusão das duas organizações que deram origem a VAR-Palmares houve muita discussão e até mesmo tiro. Acabou em novo racha, que ficou conhecido como o “racha dos sete”, quando Lamarca, Darcy Rodrigues, José Araújo Nóbrega, Cláudio Ribeiro, Celso Lungarette, Mário Japa e mais um militante saíram da organização levando parte do dinheiro, cerca de 70%, e fundaram a nova VPR. Agora com dinheiro e a prioridade de iniciar efetivamente a luta no campo.

Com parte desse dinheiro compraram um sítio no Vale do Jacupiranguinha, na altura do Km 510 da rodovia Régis Bittencourt ao sul

do Vale do Ribeira. Instalaram no sítio duas bases: a base “Eremias Delizoikov”, nome dado em homenagem a um militante morto em fins de 1969, contava com oito militantes; e a 400 metros dali a base batizada “Carlos Roberto Zanirato”, com dez militantes, e onde Lamarca passava a maior parte do tempo. Havia ainda um rancho onde os militantes Tercina Dias “três filhos” e José Lavechia compunham a “fachada” passando por uma família de lavradores da região. O conjunto formava o núcleo “Carlos Marighela”, morto a 4 de novembro de 1969.

A área era utilizada para treinamento e Lamarca era rigoroso. Nem mesmo sua “companheira” Iara Iavelberg, psicóloga e militante da POLOP (Política Operária) e posteriormente da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) desde a época da faculdade, que havia chegado lá em janeiro de 1970 era poupada e acabou abandonando a área por conta de problemas de saúde.

O treinamento seguia normalmente até ocorrer um acidente de carro com militante Shizuo Ozawa – Mário Japa -, que levava consigo munição e documentos da VPR, mais o agravante de saber sobre área de treinamento no Vale do Ribeira, sua localização, em quantas bases estava montado o campo de treinamento, quantas pessoas se encontravam dentro da área.

Por isso era urgente que o grupo libertasse o companheiro para que nada revelasse sob tortura. Decide-se então desmobilizar parte da área, retirando Tercina Dias e as crianças. Lavechia se juntaria aos companheiros das bases.

Lamarca vai, nessa época, a São Paulo, juntamente com Yoshitane Fujimore para uma reunião do comando. O motivo da viagem de acordo com Marcelo Rubens Paiva⁽⁷⁾ era apressar a realização do seqüestro do cônsul-geral do Japão Nobuo Okuchi para poderem negociar a libertação de

⁷ PAIVA, Marcelo Rubens. NÃO ÉS TU, BRASIL. São Paulo: Mandarin, 1996, p. 110

Mário Japa. No entanto, ainda segundo Marcelo Rubens Paiva, logo ao chegarem na cidade encontram as entradas estavam cheias de soldados. O seqüestro já havia sido realizado.

Este seqüestro do consul japonês Nobuo Okuchi foi uma ação conjunta entre a VPR, a REDE (Resistência Democrática) liderada por Eduardo Collen Leite – o Bacuri e o MRT (Movimento Revolucionário Tiradentes), liderado por Devanir José de Carvalho. Mario Japa incluído na lista dos presos políticos exigidos em troca da libertação do diplomata é libertado, nada havia revelado.

Mário Japa não falou, mas dois outros militantes também presos são acusados de “delatar” a área, Massafumi Yoshinaga e Celso Lungaretti.

Lamarca retorna à base do Vale da Ribeira em 18 de abril e no dia 19 já sabia que a base havia sido delatada. Resolve desmobilizar a área. Um primeiro grupo de 8 militantes deveria sair o mais rapidamente possível. Depois um outro grupo de 4 militantes também tentaria sair. Cinco militantes deveriam ficar na área e tentar “defender o patrimônio”.

O primeiro grupo consegue sair sem problemas, mas o segundo é obrigado a permanecer na área porque o cerco da repressão já estava instalado, juntando-se então aos cinco que deveriam ficar.

A tentativa de fuga destes nove guerrilheiros passou para a história como a “Guerrilha do Ribeira”. Nela foram presos os seguintes guerrilheiros José Araújo Nóbrega, Edmauro Gopfert, Darcy Rodrigues e José Lavechia.

Uma das passagens mais conhecidas da “*Guerrilha do Ribeira*” é a morte do tenente Paulo Mendes Júnior.

Este tenente foi feito prisioneiro em combate e ao se render havia concordado em facilitar a saída dos guerrilheiros do cerco dando passagem em uma das barreiras das estradas. Em troca poderia prestar ajuda aos seus comandados que estavam feridos. Após levar os feridos para receberem o socorro necessário retorna ao local combinado com os guerrilheiros, mas ao

contrário leva-os para uma emboscada que havia sido preparada. Em decorrência dessa emboscada foram presos José Araújo Nóbrega e Edmauro Gopfert.

Cansados, sem alimento, e tendo que se revezar para vigiar o tenente, os guerrilheiros resolvem executá-lo. Sua morte é feita a coronhadas.

Em 31 de maio de 1970 o sargento Koji Kondo e os soldados Paulo Roberto Motta, José Carlos Donattini, Manuel Carrera e Hélio da Silva saíram em um caminhão Mercedes Benz para buscar água, uma tarefa de rotina e não havia necessidade de irem armados, apenas o sargento levava uma pistola. Mas ao pararem para oferecer carona a um homem na beira da estrada o homem apontou uma arma em direção ao sargento enquanto que outros surgiam do meio do mato e dominavam os soldados. Com o caminhão e as fardas dos soldados os guerrilheiros conseguem romper o cerco.

Os autores apontam que quando Lamarca retornou a cidade encontrou a organização em uma situação complicada com a prisão de importantes quadros. Foram tantas as prisões que a VPR decidiu participar de um novo seqüestro ao lado da ALN. Assim em 11 de junho de 1970 o embaixador da Alemanha Ocidental Ehrenfried Von Holleben foi seqüestrado no Rio de Janeiro. Lamarca embora ainda estivesse em São Paulo foi apontado pelos órgãos de repressão e pela imprensa como sendo o comandante da operação.

Neste seqüestro saíram do país 40 presos entre eles os quatro que haviam sido presos durante a fuga no Vale do Ribeira.

Em setembro a VPR propôs mais um seqüestro. O MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro)⁽⁸⁾, organização formada

⁸ 8 de outubro é a data que se pensava ter morrido “Che” Guevara. Hoje já há depoimentos afirmando ter sido no dia 9.

praticamente por estudantes, é o primeiro a ir contra. Lamarca, que já a algum tempo via com bons olhos as propostas e discussões do MR-8 também posiciona-se contra um novo seqüestro mas acaba cedendo “por disciplina”.

Esta será a 3ª ação e última ação armada de Lamarca desde sua fuga do quartel de Quitaúna. Este total de três ações armadas é algo que merece comentário pois não são consideradas as fugas do Vale do Ribeira nem a fuga pelo sertão baiano em agosto e setembro de 1971 por nenhum de seus biógrafos. No dia 07 de dezembro de 1970 o carro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, um Buick negro é interceptado; durante a ação o agente Hélio Araújo de Carvalho tenta reagir e é ferido, morrendo no hospital, o motorista é dominado rapidamente. O embaixador, segundo Oldack Miranda e Emiliano José, foi avisado, por Lamarca, de que se tratava de um seqüestro. Apesar da morte do agente Hélio Araújo, o seqüestro é narrado como uma ação tranqüila. Até o embaixador parece ter contribuído com o clima de tranqüilidade a ponto de se preocupar com os cigarros que havia esquecido dentro do carro e também Lamarca que ao ser informado sobre o esquecimento, prontamente, deixou que voltasse para pega-los.

Durante a viagem até o cativeiro é feito um transbordo para outro veículo pois alguém poderia ter anotado as placas. Lamarca, segundo os biógrafos, explicou ao embaixador que se tratava de uma medida de segurança e o embaixador teria achado perfeita a manobra.

O número de presos políticos exigidos pela liberdade do embaixador suíço é de 70, além exigência da divulgação de um manifesto e distribuição de passagens de gratuitas nos trens de subúrbio na cidade do Rio de Janeiro enquanto durassem as negociações.

Porém o governo muda de tática ao negociar com os guerrilheiros. Negocia apenas os presos, a divulgação do manifesto e a

distribuição de passagens são considerados fora de cogitação. E mesmo a lista de presos não é aceita na íntegra. O governo endureceu nas negociações, vetou nomes e prolongou ao máximo as negociações. Quase 100 nomes foram citados para se chegar a lista definitiva dos 70 presos exigidos pelos guerrilheiros para que libertassem o embaixador suíço.

Diante o endurecimento do governo em relação as exigências dos guerrilheiros alguns dos participantes do seqüestro decidem que o melhor seria matar o suíço para demonstrar força. Lamarca intervém tendo Alfredo Sirkis ao seu lado e a vida do embaixador é salva.

Outra situação insólita durante o seqüestro foi a festa de final de ano, feita de surpresa por rapazes do bairro, amigos de Gerson Teodoro, o militante que morava no aparelho e que havia feito muitas amizades na região. A festa durou até as 3 horas da madrugada e exceto um militante que vigiava o embaixador no quarto dos fundos todos os demais participaram, inclusive Lamarca, o homem mais procurado do país.

Com o final do seqüestro e com 70 companheiros livres no exterior é hora de tentar arrumar o que sobrou da organização. O próprio Lamarca considera que é hora de dar uma parada, ir para o exterior e tentar se reorganizarem. Aos poucos vai sendo reconhecido como o principal dirigente da organização, mas ao mesmo tempo pensa que todos estão querendo boicota-lo, isto segundo os seus biógrafos, graças aos embates políticos e a clausura da clandestinidade que “vão incutindo nele a ‘paranóia dos aparelhos’”⁽⁹⁾.

Apontam os autores que a organização pensou na conveniência da retirada de Lamarca do país e que ele aceitou, mas protelou o quanto foi possível e por fim decidiu ficar, Iara acompanhou a sua decisão. Aproximou-se do MR-8, mesmo relutando em deixar a VPR que ajudou a criar, e

⁹ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. Op. cit, p. 106.

principalmente os amigos, mas em 22 de março informou seu desligamento da VPR e seu ingresso no MR-8.

Mas com o aumento das prisões de seus militantes o MR-8 começa a desmoronar. No dia 14 de maio é preso Stuart Edgar Angel, da direção. A repressão acreditava que através de Stuart chegaria rapidamente a Lamarca. Mesmo sob tortura Stuart não falou; foi amarrado na traseira de um jipe oficial da Aeronáutica e arrastado de um lado para o outro com a boca ao lado do cano de descarga. Asfixiado e intoxicado pelo monóxido de carbono morreu sem delatar o paradeiro do capitão.

No dia 24 de junho foi preso o militante José Gomes, avisados a tempo Lamarca e Iara que moravam junto com o militante e passaram a noite rodando a cidade dentro de ônibus e taxi. No dia seguinte saíram juntos para a Bahia. A organização, o MR-8, foi contra a ida de Iara, mas a decisão de não se separarem foi firme e a organização acabou cedendo, mas apenas em parte. Iara foi para uma base em Salvador, enquanto que Lamarca foi para uma área de campo.

Essa área de campo eram as terras do pai do ex-seminarista José Campos Barreto – Jesse, ou Zequinha como era conhecido na região de Buriti Cristalino, lugarejo nas serras do município de Brotas de Macaúbas. Zequinha já havia sido operário em Osasco e a muito estava na militância política. Já estivera na VAR-Palmares e agora no MR-8 vislumbrava a possibilidade de realizar um trabalho no campo. O número de militantes na região era reduzido. Resumiam-se a Zequinha, dois de seus irmãos, Otoniel e Olderico, o militante Luís Antônio Santa Barbara conhecido como professor Roberto e depois Lamarca. Todos ficavam em Buriti Cristalino, apenas Lamarca ficava escondido no mato.

Antes mesmo da chegada de Lamarca a situação em Salvador começou a piorar. No dia 4 de março de 1971 na reinauguração do estádio da Fonte Nova um tumulto deixou mais de dois mil feridos e dois mortos.

Atordoada por uma crise de esquizofrenia e a beira da loucura Solange Lourenço Gomes dirigente do MR-8 se entregou a polícia. Repetia insistentemente.

“Eu sou uma subversiva, eu sou uma subversiva.”

A partir dessa queda ocorreu um fechamento do cerco na capital baiana. Várias outras quedas ocorreram e culminaram com a morte de Iara.

Na versão oficial Iara teria tentado fugir do apartamento número 201 do Edifício Santa Terezinha, onde estava escondida junto com Lúcia Bernadete Cunha e seu filho de menos de um mês de idade, saltando para o de número 202, saltando um vão de mais de 3 metros. Quando o cerco estava sendo desmontado um garoto de 15 anos aproximadamente pediu permissão para subir até o apartamento 202 para pegar material escolar. Dirigiu-se ao quarto destinado a empregada e deu de frente com uma mulher apontando-lhe dois revólveres. Bateu a porta, que não abria por dentro, e deu o alarme. Foram lançadas bombas para dentro do minúsculo quarto de empregada, entre as bombas um tiro. Quando a porta foi arrombada viu-se que Iara havia escolhido o suicídio.

Com outra queda, a de Kid – José Carlos que havia dirigido a Kombi que levou Lamarca e Iara para a Bahia -, inicia-se o último ato da trajetória de Lamarca.

Sob tortura Kid vai abrindo ao poucos o que sabe, tentando ganhar tempo, mas acaba por entregar o hotel em na cidade de Feira de Santana onde iria pernoitar outro militante da organização, Fio – João Lopes Salgado, da direção e que se dirigia para a região de Buriti Cristalino que só escapou graças a decisão do proprietário de não deixar os soldados incomodar os hospedes durante a madrugada.

O delegado Fleury, Sérgio Paranhos Fleury, o mais famoso no combate a subversão foi para Salvador interrogar o Kid. Kid permaneceu tentando ganhar tempo, mas ao ver nas mãos do delegado cartas que

Lamarca escrevia diariamente para Iara capturadas em uma blitz no Rio de Janeiro e que posteriormente foram editadas como sendo o diário de Lamarca, onde seu nome aparecia não tinha mais o que esconder, segundo os autores. Continua, no entanto, tentando ganhar tempo mas foi abrindo cada vez mais.

Apontam os autores de *“Lamarca – O Capitão da Guerrilha”* que Lamarca recebeu a notícia de que a região estava sendo cercada através de Fio, que contou sobre o cerco ao hotel e a provável prisão de Zé Carlos. Era preciso desativar a área, no entanto, o pessoal que estava na área decidiu permanecer dentro dos limites da área. Só saíam dali com a deliberação do Comando Nacional. Fio voltou ao Rio para informar a situação ao Comando Nacional que decidiu lavar as mãos com a justificativa de que “quem conhece o trabalho é quem está lá”. Como precaução decidiram que a partir daquele dia, 27 de agosto de 1971, Zequinha que já era conhecido da repressão e Santa Barbara, que também já tinha seus problemas com a justiça ficariam no acampamento junto com Lamarca. Os outros Otoniel e Olderico poderiam ficar em Buriti Cristalino, não reagir e mantê-los informados da movimentação das tropas.

No dia 28 de agosto as tropas chegaram a Buriti Cristalino, cercaram a casa de seu José Barreto, pai de Zequinha, gritaram para os que estavam dentro da casa saírem de mãos para o alto. Otoniel foi saindo na frente e foi pego a base de pancadas. Olderico estava dentro da casa e os policiais no portão. Pensou rapidamente em avisar os companheiros, atirou entre os quatro policiais que estão no portão, uma fuzilaria começou. Quando se preparava para dar um segundo tiro viu um dos policiais já dentro do quintal, nova fuzilaria. No terceiro tiro uma rajada o atingiu-o na mão e no rosto. Quando os policiais entraram na casa encontraram mais um cadáver, o de Santa Barbara, que voltou para casa durante a madrugada e se suicidou durante o tiroteio.

Otoniel tentou fugir para avisar Lamarca e Zequinha, mas foi perseguido e morto imediatamente.

Lamarca e Zequinha teriam ouvido o tiroteio. Saíram rapidamente em direção a Engenho Pau D'arco, marchando a noite demoraram a chegar, mas encontraram ajuda no dono do engenho, Gabriel Pereira, velho amigo da família. Logo no entanto a região estava sendo vasculhada e descobriu-se ali a primeira pista. Algumas balas perdidas no chão.

Zequinha, conhecedor da área decidiu permanecer alguns dias nas proximidades do pé do morro, numa região chamada de “saco do padre” onde havia abundância de água. Depois foram para a região de Três Reses, onde Zequinha tinha conhecidos, uma das propriedades pertencia a seus avós maternos. Chegaram lá no dia 07 de setembro de 1971, mas sentia-se o pavor pela presença da repressão na região.

Foi justamente um primo de Zequinha, Antônio de Virgílio, quem resolveu entregá-los à polícia. Saiu montado em um cavalo, mas uma menina o viu e deu o alarme.

Caminharam em direção à Serra da Conceição, lugar inóspito, deserto, fora do município de Brotas, e chegaram a caatinga. Andaram dia e noite até chegar a Ibotirama, às margens do Rio São Francisco e da Rodovia Bahia-Brasília a 700 quilômetros de Salvador. Lá procuraram ajuda do médico Armindo Sousa, mas a resposta foi que só os atenderia com a autorização das autoridades. Decidiram voltar em direção a Brotas, pois precisavam de alguém atender o capitão que estava doente. Passaram por Carnaúba, onde alguns camponeses viram Zequinha chegar carregando o companheiro. Segundo Oldack e Emiliano, estes camponeses teriam ouvido também Lamarca dizer a Zequinha para fugir sozinho, pois para ele tudo estava perdido e a resposta de Zequinha:

“Quem é amigo na vida é amigo na morte”.

La também teriam ficado sabendo dos acontecimentos do Buriti Cristalino, as mortes de Otoniel e Santa Barbara e a prisão de Olderico, além dos suplícios que velho José Barreto sofria. Partiram novamente, sempre em direção a Brotas, no dia 17 de setembro pararam para descansar perto do lugarejo de Pintada no município de Iupuiara, já haviam percorrido aproximadamente 300 quilômetros em 20 dias.

No dia 17 de setembro haviam três equipes da repressão se movimentando pela região de Pintada. O major Nilton Cerqueira comandava a “Equipe Cão” composta pelo cabo Dalmar Caribé, do DOI-CODI, soldado Jesus, da PM baiana, um sargento da aeronáutica, outro do Exército e mais um militar, o carcereiro da Delegacia de Brotas, Genésio Nunes Araújo, servia de guia.

Genésio identificou pegadas de duas pessoas, uma usava sapatos e outra sandalhas, mas não deu muita importância para o fato. Andaram muito até que o comandante resolvesse voltar para examinar melhor aquelas pegadas deixando o motorista Nicolau Santos Dantas da mineração Boquira tomando conta das duas camionetes Veraneios e da C-14 e foi junto com o cabo Dalmar e os dois sargentos até um ponto mais alto observar a região. Nicolau estava sozinho vigiando as camionetes quando chegaram correndo o moradores da região Juraci Souza e Claudemiro Pacheco.

Juraci caminhava de Pintada em direção a sua casa quando viu dois homens, um estava deitado e o outro sentado debaixo de uma baraúna. Caminhou até um pouco mais adiante e voltou, sem chamar a atenção dos estranhos. Procurou Claudemiro que já vinha trabalhando como informante da polícia e correram para avisar o major.

O motorista não acreditou na história e resolveu conferir, incrédulo voltou para avisar o major pelo rádio.

Na cena final de Lamarca, narrada por Oldack Miranda e Emiliano José o major teria reagido rapidamente separando a equipe em dois grupos.

Com Caribé estava o sargento da Aeronáutica que ao se aproximar teria pisado em um galho seco que estalou. O barulho teria sido suficiente para despertar Zequinha que ainda teria gritado para Lamarca avisando da chegada dos policiais.

No livro de Oldack e Emiliano, Lamarca teria sido morto imediatamente, deitado, sem tempo para reagir. E Zequinha um pouco mais adiante tentando correr. Ainda teria tentado lançar uma pedra contra o seu perseguidor, o cabo Dalmar Caribé e dar um grito contra a ditadura. No livro de Marcelo Rubens Paiva e no relatório do major Nilton Cerqueira ainda houve tempo para um rápido diálogo entre Lamarca e seu caçador, onde Lamarca reconhecia a derrota.

Este é o resumo da trajetória de Carlos Lamarca, ou pelo menos é um resumo das narrativas que são apresentada por seus biógrafos, sejam estes, cineastas, jornalistas ou romancistas. Nos capítulos posteriores vamos tentar demonstrar como que estas narrativas estão repletas de elementos míticos.

A função deste resumo neste trabalho monográfico é que a partir destes “fundamentos históricos” é que poderemos analisar elementos míticos nestas narrativas. Isto não quer dizer que neste resumo encontra-se de alguma forma uma “história verdadeira”, mas nele estão contidos as principais passagens e acontecimentos sobre os quais são produzidas desdobram-se as narrativas sobre Carlos Lamarca.

CAPITULO II

O PERSONAGEM LAMARCA: MITO (E) HISTÓRIA

Uma narrativa: Carlos Lamarca capitão do Exército aderiu à luta armada contra o Regime Militar. Abandonou a carreira e enviou a família para o exterior, passando em 24 de janeiro de 1969 para a clandestinidade como integrante da organização guerrilheira VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), levando consigo 63 fuzis FAL (Fuzil Automático Leve), 5 metralhadoras e munição. Após dois anos, oito meses e 25 dias de luta foi morto pela "Equipe Cão", chefiada pelo então Major Nilton Cerqueira

Este relato foi contado e recontado⁽¹⁾ e, para aquele que aceite o desafio de trabalhar com o mito político, oferece uma particular riqueza e também dificuldades inerentes à compreensão do sentido do próprio termo mito político.

O personagem, Lamarca já foi abordado em diversas obras como biografia, filme, romance e seu nome aparece sempre que algum jornal ou revista retomam o tema da luta armada, mas curiosamente não foi localizado um só trabalho acadêmico que trate exclusivamente sobre ele que tenha sido editado, ou seja o que temos são obras de ficção desempenhando a função de divulgar e tornar conhecida a sua trajetória. E com um expressivo êxito pois o livro Lamarca, O Capitão da Guerrilha, de Oldack Miranda e Emiliano José, que foi lançado em agosto de 1980, chegou, em um ano, a sete edições, o que no mercado editorial brasileiro pode ser considerado um grande feito, e ser elevado à categoria de best-seller. O livro Iara, Reportagem Biográfica, de Judith Lieblich Patarra, onde lhe é dedicada a parte IV e que conta a vida de sua companheira Iara Iavelberg, é também um exemplo de êxito editorial; lançado em 1992 chegou a 4 edições em um ano.

¹ Foram publicados uma biografia denominada LAMARCA, O CAPITÃO DA GUERRILHA dos jornalistas Oldack Miranda e Emiliano José, um romance NÃO ÉS TU, BRASIL de Marcelo Rubens Paiva e um filme LAMARCA de Sérgio Rezende.

Em 1994, quando o cinema brasileiro tentava se reerguer após um período de dificuldades por falta de incentivo financeiro, foi lançado o filme “Lamarca”, de Sérgio Rezende.

Em 1996, quando a Comissão de mortos e desaparecidos no regime militar estava avaliando o processo⁽²⁾ de reconhecimento de sua morte após já estar preso e dominado, o que daria a família direito à indenização, foi lançado um romance com o nome de Não és tu, Brasil, abordando o tema da “Guerrilha do Ribeira” e a passagem de Lamarca pela região sul de São Paulo, na região do vale do Rio da Ribeira próximo ao Km 510 da Rodovia Regis Bittencourt. Esse romance é de autoria de Marcelo Rubens Paiva, filho do celebre deputado Rubens Paiva, um dos primeiros a ser reconhecido como morto em dependências policiais pela “Comissão de Mortos e Desaparecidos”.

Nestas narrativas, seja nos livros, filmes, artigos de jornais e revistas, encontramos elementos suficientes para afirmar que trata-se de um personagem histórico e de ficção representado através de configurações míticas, ou seja, um mito político.

É preciso, no entanto, uma definição do que vem a ser mito, por enquanto, sem nos atermos a sua natureza, ou seja sem diferenciarmos mito político ou mito sagrado.

Antes de mais nada, o mito deve ser visto como algo histórico. É Roland Barthes quem nos remete a esta questão:

² Após vários adiamentos e muita polêmica em torno desse processo, a “Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos”, no dia 11 de dezembro de 1996, aprovou por 5 votos a 2 a indenização da família de Carlos Lamarca, por considerar que ele já estava preso e dominado no momento em que foi executado pela equipe “Cão”, chefiada pelo então major Nilton Cerqueira.

“O mito é uma fala. Naturalmente não é uma fala qualquer. São necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito (...) Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela História: não poderia de modo algum surgir da ‘natureza’ das coisas.”⁽³⁾

Alguns aspectos fundamentais devem ser aqui retidos. O primeiro em relação a tratar, o mito, de uma fala. Sendo uma fala o mito é, também, um discurso e um diálogo. Não se encontra somente na narrativa produzida, nem nas imagens, nem nas formas dos objetos. Encontra-se, também, na aceitação de diálogo com essa narrativa, imagens e formas pela sociedade.

O diálogo para poder ser estabelecido pressupõe que haja uma consciência da sociedade sobre os significados contidos em suas narrativas, imagens e formas. Ou seja, o diálogo deve fazer sentido, deve ser possível e coerente. Não é uma construção somente. É uma construção que é aceita e reconhecida.

O mito não deve, porém, ser tomado como um discurso histórico qualquer. É um discurso especial, completo e complexo, onde encontramos “ficção, síntese explicativa e mensagem mobilizadora”⁽⁴⁾, como veremos mais adiante.

Para o personagem Lamarca, a sociedade que irá manter com a sua figura um diálogo mítico é aquela que lutou contra o regime militar e que utiliza sua figura de forma justificadora e explicativa de seus próprios atos, ou mesmo a parcela que apoiou o regime e que, da mesma forma, se utiliza da sua figura. É aquela que possui descendência e discute hoje aquele momento com o qual se mantém intimamente ligada. É também aquela que se nega a discuti-lo por pensar que o que ocorreu pertence ao passado e que aquilo que foi feito era

³ BARTHES, Roland. "O Mito, Hoje". In: **O PODER DO MITO**. São Paulo: Editora Martin Claret, pp. 105-106

⁴ BARTHES, Roland. Op. cit, p. 98

necessário, importando no presente olhar para o futuro. Mas que, em síntese, é aquela sociedade que para reconhecer-se brasileira não pretende abolir sua história, seja na discussão do seu passado ou para projetar-se ao futuro.

Por isso, por se tratar, a sociedade, de algo poliforme e, nessa forma múltipla, fornecer uma variante de diversidades possíveis de elaboração de manifestações míticas, deve-se atentar para o *núcleo temático central* que a manifestação mítica poderá possuir. É em torno desse núcleo central e de um fundamento histórico que este dialogo pode ser estabelecido.

Os mitos, de maneira geral, possuem núcleos temáticos que não se apresentam, no entanto, como únicos ou definitivos. Podem apresentar-se em certos momentos com um determinado núcleo temático para uma parcela da sociedade e outro núcleo para outra parcela.

Assim, Lamarca como líder guerrilheiro pode se apresentar, para uma parte da sociedade, como um homem providencial, um salvador, um messias; como pode, também, e simultaneamente, representar a figura da conspirador, encarnando o perigo de uma conspiração que quer levar o país ao encontro do “inferno” socialista.

Também internamente os núcleos possuem este caráter duplo, a imagem do salvador e do traidor são encontradas dentro de um mesmo núcleo temático, assim como a conspiração se apresenta tanto como a expressão do Bem como podendo ser a figura do Mal.

O segundo aspecto é o fato desta fala ser escolhida pela História. Sendo assim, considera que é a História quem seleciona as imagens e as formas e que dá coerência a narrativa transformando o discurso abstrato em algo real, concreto.

Mesmo que se trate de uma alteração, uma fabulação, não pode o mito prescindir de uma coerência histórica que, mesmo contradizendo as regras do raciocínio lógico, deve constituir-se num sistema complexo de imagens, formas e narrativas onde se ordenam e se explicam os fatos e os acontecimentos.

Este fundamento histórico está presente também nos chamados mitos do sagrado. E, de certa forma, são o próprio fundamento destes, na medida que analisando seus dois maiores núcleos míticos⁽⁵⁾ - o mito cosmogônico e o mito de origem - vemos que estes contam, respectivamente, a História sobre a origem do todo e a origem de cada coisa. Ou seja, o mito cosmogônico está relacionado com a própria criação do universo, num momento exato, datado, mesmo que em outra concepção de tempo, um tempo cíclico e que pode ser retomado sempre através de rituais; enquanto que o mito de origem é relacionado à origem de cada coisa, o que vem complementar, de certa forma, o mito cosmogônico, ou seja, complementar a representação do universo com aquilo que não estava presente no momento da criação. Também o mito de origem possui essa noção de tempo cíclico, que pode ser retomado em sua forma primordial.

Ambos os mitos primordiais são relativos a acontecimentos passados e são formadores da sociedade, explicando suas colheitas, a procriação, uma doença, a formação dos clãs e mesmo a distinção entre seus membros; em resumo, todo o contexto social das sociedades tradicionais é explicado e justificado por um dado acontecimento primordial expresso em uma narrativa mítica. Assim, nas sociedades onde existem mitos do sagrado, estes explicam e contam não apenas a criação da natureza mas também da própria sociedade que se reconhece em relação e em comunhão com a natureza.

Ao tomar a natureza como referência social, não estamos perdendo de forma alguma o sentido do histórico. Nem mesmo podemos afirmar que estas sociedades abolissem "de certa forma a História"⁽⁶⁾, e isto por uma razão simples, sua História está pronta. É isso que possibilita que se retorne aos primeiros momentos, aos acontecimentos primordiais. Conhecendo a História

⁵ ELIADE, Mircea. *MITO E REALIDADE*. 5ª ed., Coleção Debates, São Paulo: Perspectiva, 1998, pp. 25 e 26. Para Mircea Eliade o mito cosmogônico trata da "criação do Mundo por excelência" e torna-se modelo de toda espécie de criação. O mito de origem irá completar esse mito cosmogônico, "eles contam como o Mundo foi modificado, enriquecido ou empobrecido" através da criação de coisas da natureza e mesmo de clãs dentro das sociedades.

⁶ ELIADE, Mircea. *O MITO DO ETERNO RETORNO*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1993, pp. 153 e seguintes.

do início ao fim, o pensamento mítico pode regenerá-la, pode torná-la perfeita e completa.

Esta História, que tem por referência a comunhão com a natureza e não a transformação da natureza apenas não está atrelada à “*idéia do ‘homem histórico’ (moderno), que se sabe e se quer criador da história*”⁽⁷⁾ ou em função de um processo evolutivo das sociedades. Mas em momento nenhum abole ou desvaloriza a História. E esta é a afirmação que faz Mircea Eliade em relação ao homem das civilizações tradicionais, que:

“... tinha uma atitude negativa em relação à história. Quer a abolisse periodicamente, quer a desvalorizasse atribuindo-lhe sempre modelos e arquétipos trans-históricos, quer ainda lhe atribuísse um sentido meta-histórico (teoria cíclica, significações escatológicas).”⁽⁸⁾

Ora o que é abolido é aquilo que não faz parte do seu processo histórico visto que isto, processo histórico, que é possuidor de sentido, télos, que não se repete, que transforma a natureza ao invés de se ver em comunhão com ela, este sim é uma categoria específica do próprio modo de existência do homem moderno, e não a História. Esta não lhe é exclusiva, também está presente nas sociedades tradicionais.

É o próprio mito que conta a História das sociedades tradicionais. E são seus ritos que cumprem o papel de demonstrar este específico processo histórico, só que este é um processo já conhecido, determinado e completo em si, na medida que participar de um rito pode também significar caminhar sobre pegadas já conhecidas, com o objetivo de regeneração na mesma medida que a natureza se regenera.

Mesmo assim estas sociedades possuem mecanismos de complementaridade da sua História. Esta é uma função social dos mitos de

⁷ ELIADE, Mircea. Op. cit., p. 153

⁸ Idem, p. 153

origem ao explicar o surgimento de algo que não havia no início ou para reordenar e naturalizar um acontecimento.

Compreendendo pois que a sociedade tradicional possui História, e, por se tratar o mito de uma fala que necessita de um fundamento histórico, é que não podemos estar, mais uma vez, em total concordância com Mircea Eliade⁽⁹⁾ quando este nos propõe que:

‘É preciso que nos habituemos a dissociar a noção de ‘mito’ das de ‘palavra’, de ‘fábula’ (veja-se a acepção homérica de mythos: ‘palavra’, ‘discurso’), para a aproximar-mos das noções de ‘ação sagrada’, de ‘gesto significativo’, de ‘acontecimento primordial’.⁽¹⁰⁾

Não é dissociando a noção de “mito” da de “palavra” e nos aproximando de uma noção que possui apenas algum sentido de ação ou acontecimentos que iremos compreender o mito, mas, o contrário, ao associarmos a ação ao discurso, à palavra, assim é que poderemos compreendê-lo na sua complexa coerência. Pois se o mito conta uma história sagrada⁽¹¹⁾, a forma como esta história é contada também lhe é fundamental. Ou seja, é preciso que não nos limitemos a compreender no mito apenas a noção de discurso, mas, de forma alguma, poderemos nos abster do discurso para a compreensão da ação, do gesto ou do acontecimento e do poder de exemplo, de explicação e de mobilização adquiridos por estas ações ou acontecimentos.

É preciso compreendermos que a ação, o gesto, o acontecimento são selecionados pela História para a construção do discurso. E é no discurso, na narrativa da história de uma pedra, de um ovo, de um ser, que se distingue esta pedra, este ovo, este ser dentre outros. Não é pois a sua natureza — o fato de ser uma pedra, um ovo, um ser — que poderá lhe dar conotação mítica, e sim a

⁹ Mircea Eliade – Historiador e professor de História das Religiões na Universidade de Chicago.

¹⁰ ELIADE, Mircea. “Função dos Mitos”. In: O PODER DO MITO. Coleção O Poder do Poder, São Paulo: Editora Martin Claret p. 15

¹¹ GIRARDET, Raoul. MITOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS. São Paulo: Ática, 1987, p. 13. Raoul Girardet ao citar Mircea Eliade aponta que “O mito conta uma história sagrada; relata um acontecimento que teve lugar no tempo imemorial”.

narrativa sobre um gesto ou um acontecimento primordial onde um determinado ovo, por exemplo, possa ser relacionado com o surgimento do próprio homem.⁽¹²⁾

A luz dessas considerações, retomemos nosso personagem, Lamarca, e tentemos discutir sua compreensão histórica como um mito político.

Não é então por ingressar na luta armada e levar até as últimas conseqüências a sua participação que se pode afirmar Lamarca como um mito. A(s) *narrativa(s)* destas ações é que o fará.

Contudo, não podemos nos limitar a compreender estas narrativas como sendo apenas as que aparecem escritas ou em filmes onde estão expostos “todos” os acontecimentos. Igualmente importante são as imagens que sintetizam estes acontecimentos e as citações, os depoimentos sobre estes acontecimentos. Assim, fotos e citações não apenas nos remetem à narrativa, mas também passam a ser partes importantes e complementares da narrativa mítica e, ao mesmo tempo, a síntese de toda a narrativa.

Convém lembrar que estamos, até o momento, nos remetendo a discussão de mito independente de sua natureza, e é nessa perspectiva que iremos iniciar a análise dessas narrativas.

A narrativa sobre a qual nos deteremos é o prefácio do livro de Oldack Miranda e Emiliano José, Lamarca, O Capitão da Guerrilha. Lançado em agosto de 1980, um ano após ser sancionada a Lei de Anistia (28 de agosto de 1979), conseguiu em um ano chegar a sete edições. A segunda edição é do mesmo mês do lançamento, a terceira e a quarta edição são de outubro de 1980, a quinta em janeiro de 1981, a sexta em abril de 1981 e a sétima em agosto de 1981.

O número de edições deste livro em um período tão curto expressa o quanto o tema despertou interesse. Mas, para além disso, interessa saber os elementos que despertam e estabelecem um diálogo com o leitor. Bom número

¹² ELIADE, Mircea. “Função dos Mitos”. In: O PODER DO MITO. São Paulo: Martin Claret, pag. 12

de elementos que constituem o mito encontram-se presentes: a narrativa capaz de diferenciá-lo em relação aos outros guerrilheiros, a presença um fundamento histórico (elemento necessário ao mito) o poder de síntese explicativa e o poder mobilizador a narrativa estão presentes no prefácio escrito por Raimundo Rodrigues Pereira. Mais ainda, identificamos também este prefácio como uma “receita” a ser utilizada na leitura não apenas deste livro mas de todo o período.

Vejamos:

“Os jornalistas brasileiros têm ajudado a contar a história recente do país através de vários livros. São reportagens e pesquisas que a imprensa não pôde ou não quis fazer na época: a Guerrilha do Araguaia, a Tortura, O projeto Jari, de Fernando Portela, Antônio Carlos Fon, Sérgio Buarque, Palmério Vasconcelos, Jaime Sautchuk e outros. O livro de Emiliano e Oldack, um desses documentos de nossa história, acrescenta aos esforços anteriores mais do que um perfil político do capitão Lamarca: ‘revela também a intensa emoção, o amor e a tragédia da vida de alguns revolucionários desse período; e inclui também uma narrativa precisa e dramática do horror desses anos de repressão sangüinária’.”⁽¹³⁾

Eis, então, os primeiros elementos sobre a qual repousa a produção da narrativa, ou seja, um fundamento histórico, um período de crise e uma imagem que possibilite condições de síntese deste período; onde narrativa que cuida de dividir bem os lados, quem está de um lado quem está de outro lado, quem são os deuses, quem são os demônios.

Não apenas este livro, mas praticamente toda abordagem feita em torno de Lamarca, está assim direcionada⁽¹⁴⁾. E, antes de mais nada, precisamos

¹³ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. LAMARCA, O CAPITÃO DA GUERRILHA. 9ª ed., São Paulo: Global Editora, 1984, pp. 11-13.

¹⁴ O filme de Sérgio Rezende apresenta no início um trecho extraído da obra de Charles Dickens que nos desperta para toda a emoção do período e para esta linha divisória: “Era o melhor de todos os tempos, era o pior de todos os tempos, era a idade da sabedoria, era a idade do disparate, era a época da fé, era a época da descrença, era a estação da lua, era a estação da treva, era a primavera da esperança era o inverno do desespero, tínhamos tudo à nossa frente, não tínhamos nada à nossa frente, em suma, era uma época tão semelhante à atual, que algumas de suas mais espalhafatosas autoridades insistem em ser aceitas, para o bem ou para o mal apenas no grau superlativo: Deuses ou Demônios.”

O livro de Marcelo Rubens Paiva, segundo o próprio autor é uma tentativa de contar a “Guerrilha do Ribeira” pela ótica dos moradores do local, ou seja mostrar a situação de toda a população diante da passagem dessa

atentar que este livro não quer ser apenas a construção do perfil do personagem Lamarca, e sim sintetizar tanto as ações como as emoções de um grupo que participou daquele período e, dessa forma ampliada, ocupar um espaço dentro de uma narrativa maior, que é a própria história do país.

Vemos, assim, a possibilidade que esta imagem oferece de sintetizar um período de guerra, de tortura, de censura e, também, de motivar trabalhos árduos de várias pessoas para que este período não seja esquecido. Em outras palavras, trata-se de unir à ação e ao acontecimento, uma narrativa que os expliquem e perpetuem na História, não apenas na frieza de um documento, mas também nas emoções que cercaram o acontecimento. O mais interessante é perceber que, mesmo não sendo a construção de um perfil político de Lamarca, é a narrativa de sua trajetória que é capaz de cumprir tal papel.

Como colocado acima, as imagens são fundamentais na construção mítica, pois adquirem um poder de síntese muito grande. E é este papel de síntese que a figura, a foto, a imagem, o nome de Lamarca passa a desempenhar revelando “a intensa emoção, o amor e a tragédia da vida de alguns revolucionários desse período”, assim como o “horror desses anos de repressão sangüinária”.

Nesse sentido, podemos ler no "Prefácio":

“O livro permite uma reflexão amarga sobre a imprensa de nossos dias. A certa altura, numa entrevista que nunca saiu, nem sairia na imprensa legal da época, Lamarca diz que ‘a imprensa é dominada pelo capital americano; o que ficava de dignidade foi varrido pela pressão econômica. O regime de semi-escravidão do Nordeste brasileiro está sendo institucionalizado pelo governo e a imprensa aplaude, mostrando o grau de indignidade moral a que chegou’.

Lamarca exagera nesse juízo. Restava muita dignidade dentro das redações dos jornais brasileiros da época. Mas o erro não é essencial: a direção das grandes empresas jornalísticas, que dá o tom e o conteúdo geral das

figura pela região (Jornal Folha de São Paulo, 4º caderno, p. 1. 13 de junho de 1996), mas acaba por demonstrar que mesmo sem definir quem são os Deuses ou quem são os Demônios no livro, esta linha divisória permanece ao se promover um debate pelo Jornal Folha de São Paulo entre o autor do livro e o ex-ministro militar Jarbas Passarinho em 25/08/96.

*publicações que dominam o mercado de informações, fez o que pôde para omitir ou ocultar a vida trágica daqueles anos, exatamente por seu compromisso com o regime militar implantado para servir os monopólios e latifundiários, especialmente os estrangeiros.*¹⁵⁾

A figura de Lamarca vai, pela construção da narrativa, a cada momento adquirindo um poder maior. Agora, não apenas *explica* a realidade do seu momento, mas também redime os jornalistas individualmente da omissão ou do comportamento da imprensa de maneira geral, pois os jornalistas (no prefácio e não na opinião do próprio Lamarca) são também prisioneiros e adversários da mesma realidade contra a qual o capitão se rebelou.

Mais adiante, lemos:

*“O livro mostra um Lamarca de que poucos têm notícias: pai dedicado e amoroso; o homem apaixonado; o revolucionário em busca de uma saída para seu povo; o justiceiro de sangue frio que expropriou a fortuna que Adhemar de Barros passou para o cofre da amante; o capitão competente e corajoso que enfrenta e vence o cerco de 20 mil soldados no Vale do Ribeira; e o político angustiado que morreu no sertão isolado, mas que vibrava de alegria com as vitórias de qualquer povo, elogiava Fidel, Lênin e Trotsky, dava vivas à Albânia e desejava ‘longa vida’ à Mao Tse-Tung.*¹⁶⁾

Eis que Lamarca aparece através de valores sociais como um homem comum. Tal qual o leitor que está diante do livro. É apenas um rosto no meio da multidão, um ser humano comum que é capaz de amar os filhos e a esposa. É capaz de se indignar diante do que julga injusto e de vibrar com a vitória da justiça.

Este é o movimento mais interessante do trecho acima: neste momento a narrativa dá a Lamarca um perfil de um homem comum, o que ele era obviamente, mas apenas para depois diferenciá-lo através da sua

¹⁵ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. Op. cit., 1984

¹⁶ Idem

reação diante das aflições, que, por extensão, são de todos aqueles que nele se reconhecem através desses traços comuns. Continuando:

“O livro de Emiliano e Oldack realiza ainda um mergulho no poço negro do horror fascista e ajuda a compreender por que a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita, pela punição dos torturadores e desmantelamento dos órgãos repressivos não pode ser interrompida: no livro estão os nomes de muitos dos responsáveis pelos crimes e que hoje circulam com liberdade em postos oficiais”.⁽¹⁷⁾

Neste parágrafo não é o livro apresentado que possui o poder de incitar a uma mobilização, através da luta política e da vigília constante. É a figura de Lamarca que se investe dessa missão. O livro é o instrumento que possibilita a esta figura alcançar um público cada vez maior. Ocorre que a narrativa possui um caráter funcional sobre um dado fundamento histórico, selecionando e dotando-o de valor e poder. É nesse corpo único que a narrativa ou a ação irá possuir algum valor ou poder, e não isoladamente.

Mais adiante:

“A seqüência que leva à descoberta do refúgio do Capitão Lamarca no sertão talvez não tenha paralelo na história da crueldade policial brasileira: mulheres enlouquecem, outras morrem, outras se suicidam; homens são trespassados por torturas que lhes arrancam as almas e os obrigam à traição. Ao mesmo tempo, lemos a história de Olderico, o amigo de Lamarca que resiste e se mantém de pé; pessoalmente vitorioso, com o rosto varado por uma bala, a mão mutilada. O corpo dilacerado por pancadas e eletricidade; mas com a alma alegre e vitoriosa de quem não traiu.”⁽¹⁸⁾

Temos aqui a narrativa mitificada da trajetória e da tragédia final do capitão. Depois de todo o caos eis que sua imagem aparece vitoriosa na figura do amigo. A morte e o horror lhe cercam e por alguns momentos parecem tê-lo vencido, mas são devidamente derrotadas na integridade de seus ideais expostos na figura de Olderico.

¹⁷ Idem

¹⁸ idem

Resumidamente: encontramos neste prefácio a necessidade de uma narrativa sobre a ação guerrilheira. Esta ação, o “acontecimento primordial”, ou seja o período da luta armada, necessita dessa narrativa. Por sua vez, a narrativa precisa ser compreendida e aceita, para isso são necessários elementos que a tornem compreensível e aceitável: assim os valores e desejos atribuídos a Lamarca (e não há porque pensar que ele não os tivesse, justamente o contrário, é por tê-los que é selecionado) são próprios do homem comum, possibilitando, assim, que este homem comum se reconheça na narrativa.

Vemos até aqui que mesmo antes de passarmos à análise da natureza do mito político, já encontramos elementos que nos autoriza pensar a figura de Lamarca enquanto mito. Pois esta figura nos é apresentada diante de um “fundamento histórico”, que é o período da luta armada e de repressão do governo militar às atividades políticas, mas não se trata apenas da trajetória individual de um entre os muitos que optaram por esta luta, mas sim da possibilidade, ou “condições especiais”, que oferece para compor uma síntese tanto dos acontecimentos como de toda a emoção que estes acontecimentos contém. E por isso tem sua imagem selecionada e/ou construída.

Lembremos: há na narrativa mítica “fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real”⁽¹⁹⁾, pois há todo um sentido seletivo de imagens para assim poder constituir-se numa forma explicativa e mobilizadora ampla, complexa e completa em si. Em outras palavras, há na narrativa mítica (o mito político incluído) toda uma reconstrução do acontecimento onde o “real” passa a ser o que está expresso na narrativa, ou seja, o acontecimento dotado de toda conotação emotiva que esta narrativa possa atribuir-lhe.

Sendo na História que o mito se manifesta, seja esta História aquela que está em comunhão com a natureza ou a que transforma a natureza, é também a História que oferece as condições para que haja esta manifestação

¹⁹ GIRARDET, Raoul. MITOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS. São Paulo: Ática, 1987, p. 13.

através do fundamento histórico que a narrativa mítica necessita. A História e a sociedade que nela se reconhece.

Ou seja, se o mito intervém na História é porque a própria História, e somente ela, lhe oferece condições para se manifestar. Isto porque é preciso mais uma vez, e neste caso é de fundamental importância, enfatizar que a História é uma obra de historiadores (leigos ou acadêmicos). Onde também é necessário compreender que existe um reconhecimento da sociedade de que a História é uma expressão, um reconhecimento do seu próprio modo de existência.

Compreendendo pois que a História é uma relação entre a sua produção e o seu reconhecimento pela sociedade, estaremos reconhecendo-a como um dialogo, um debate e dessa forma necessita de um discurso, uma narrativa, para que este debate se estabeleça.

O mito se manifesta neste espaço construído e reconhecido como um elemento construtivo da realidade social. É diante de valores sociais, portanto históricos, selecionados e reconhecidos pela sociedade que podemos compreender a “fabulação, deformação interpretação objetivamente recusável do real”⁽²⁰⁾ contidas tanto no mito de maneira geral como no mito político especificamente. É nesse espaço que poderemos compreendê-lo em sua “função explicativa”⁽²¹⁾, que fornece “certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e acontecimentos”⁽²²⁾. É apenas na História que o mito pode manifestar.

Assim acontece com a História, assim acontece com o mito, assim acontece com o mito político; e assim acontece Lamarca.

²⁰ Idem

²¹ Idem

²² Idem

CAPITULO III

O PERSONAGEM LAMARCA :MITO (E) MEMÓRIA

É necessário abrir agora um espaço para a importância da memória coletiva para o mito político. Através da compreensão de algumas características dessa memória, cruzadas com outras do mito político podemos melhor analisar os depoimentos sobre Lamarca e encontrar elementos que nos possibilitem traçar um contorno e compreender o personagem histórico como um personagem mítico.

Uma das características do mito político apresentada por Raoul Girardet reside no fato da manifestação mítica acontecer em situações de crise e vacuidade social. Momentos de uma nova realidade a ser conhecida ou conquistada:

“Não há nenhum dos sistemas mitológicos de que tentamos definir as estruturas que não se ligue muito diretamente a fenômenos de crise: aceleração brutal do processo de evolução histórica, rupturas repentinas do meio cultural ou social, desagregação dos mecanismos de solidariedade e de complementaridade que ordenam a vida coletiva. Nenhum que não se relacione a situações de vacuidade, de inquietação de angústia ou de contestação.”⁽¹⁾

Nestes momentos de vacuidade e inquietação social, os mitos políticos aparecem ligados a grupos minoritários e/ou subalternos que sofrem todo o peso dessa mudança acelerada da realidade social:

“Também não é à toa que eles parecem muito geralmente encontrar seu impulso motriz no interior de grupos minoritários, ameaçados ou oprimidos – ou sobre os quais pesa, em todo caso, um sentimento de ameaça ou de opressão. Esses grupos aparecem, no mais das vezes em uma situação instável em relação à sociedade global, de distorção em relação ao sistema estabelecido ou em via de instauração.”⁽²⁾

¹ GIRARDET, Raoul. MITOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS. São Paulo: Companhia das Letras. 1987, p. 180.

² Idem

São grupos que podem ser identificados e afirmam essa identidade a partir dos contornos dos sistemas mitológicos.

No caso da luta armada contra o regime militar podemos encontrar vários depoimentos sobre participações pessoais. Muitos livros foram publicados sobre o período, entre eles:

- Que é Isso Companheiro e Entradas e Bandeiras, de Fernando Gabeira, memórias;
- Rompendo o Silêncio, de Carlos Alberto Brilhante Ustra, memórias;
- Os Carbonários, de Alfredo Sirkis, memórias;
- Batismo de Sangue e Das Catacumbas – Cartas da Prisão 1969 – 1971, de Frei Beto, memórias;
- Mulheres Que Foram à Luta Armada, de Luiz Maklouf Carvalho, jornalístico;
- Brasil: Sempre, de Marco Pollo Giordani;
- Brasil: Nunca Mais, organizado pela Arquidiocese de São Paulo, dossie sobre tortura;
- Os Anos de Chumbo – A Memória Militar Sobre a Repressão, organizado por Maria Celina D'Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro, depoimentos.
- Iara – Reportagem Biográfica, de Judith Lieblich Patarra, biografia
- Lamarca – O Capitão da Guerrilha, de Oldack Miranda e Emiliano José, biografia.
- A Revolução Faltou ao Encontro, de Daniel Aarão Reis Filho;
- Combate nas Trevas – A Esquerda Armada: Das Ilusões Perdidas à Luta Armada, de Jacob Gorender.
- Não és tu, Brasil de Marcelo Rubens Paiva, romance;
- Inventário de Cicatrizes de Alex Polari de Alverga, livro de poesias.

Trata-se apenas de alguns dos livros sobre o período, o que demonstra o quanto o tema da luta armada é caro a sociedade brasileira. Quase todos são elaborados a partir de depoimentos, ou seja, de memórias. Nessa perspectiva, salta aos olhos a importância de compreendermos a significação da memória coletiva.

Ao analisar um depoimento de lembranças de fatos públicos podemos nelas encontrar alguns aspectos convencionais que identifiquem o sujeito. Assim observa Ecléa Bosi:

“Se a memória da infância e dos primeiros contatos com o mundo se aproxima, pela sua força e espontaneidade, da pura evocação, a lembrança dos fatos públicos acusa, muitas vezes, um pronunciado sabor de convenção. Leitura social do passado com os olhos do presente, o seu teor ideológico se torna mais visível.”⁽³⁾

No livro *Inventário de Cicatrizes*, de Alex Polari de Alverga, Lamarca é homenageado na dedicatória ao lado de outros militantes:

*“A todos os companheiros, livres, na clandestinidade, nas prisões e no exílio.
Especialmente em homenagem de:
Stuart Edgar Angel Jones, assassinado na tortura.
Eduardo Leite, assassinado na tortura.
Juarez Guimarães de Brito, por suicídio depois de ferido
Carlos Lamarca, fuzilado depois de preso.
Yara Iavelberg, morta? Assassinada? Suicídio?*

*A TODOS OS NOSSOS MORTOS,
A MORTE*

*A MEU FILHO THLAGO
À VIDA*

(Entre esses dois extremos e compromissos eu vou seguindo)⁽⁴⁾

³ BOSI, Ecléa. *MEMÓRIA E SOCIEDADE – LEMBRANÇA DE VELHOS*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁴ ALVERGA, Alex Polari de. *INVENTÁRIO DE CICATRIZES*. 3ª ed., São Paulo: Editora Parma, 1978, p. 7

Este livro foi editado em um momento singular em relação aos outros citados. Ele é anterior à lei de anistia de 28 de agosto de 1979, foi lançado em 1978 e o produto da venda do livro foi cedido para o "Comitê Brasileiro Pela Anistia". Seu autor, um dos que seriam beneficiados pela anistia, encontrava-se na época do lançamento no Presídio Milton Dias, onde já havia cumprido 7 anos da condenação dos 74 anos impostos pelos tribunais militares por sua militância política em organizações clandestinas. Foi militante da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) da qual Lamarca foi um dos membros da direção.

Eis, então, que o autor se coloca ao lado dos homenageados, pois para os participantes a luta armada não terminou com o fim dos combates. Ainda é algo presente, na medida em que a própria existência do autor continua. Não parece ser uma homenagem póstuma e sim uma colocação explícita diante de uma situação concreta. São os homenageados os contornos do espaço social onde se insere o sujeito que recorda.

Nessa perspectiva, não apenas o autor mas também o seu grupo pode ser identificado através dos olhos do presente e das convenções adotadas pelo sujeito. A possibilidade dessa identificação é feita logo no início do livro, na dedicatória a nomes cuja simples menção é capaz de nos remeter a um espaço social específico, a entender e identificar o grupo.

O ato da lembrança de fatos públicos recorrer a imagens capazes de tal síntese, ou seja, cruzando, mesmo que momentaneamente, com uma característica da narrativa mítica, não apenas favorece a localização social do sujeito, como também passa a constituir-se como parte da construção mitológica. Cruzam-se e se constroem simultaneamente. Pois a cada citação mais elementos vão sendo incluídos e explicados na imagem evocada.

Ecléa Bosi ao recordar a colega de faculdade Iara Iavelberg percorre este caminho em direção tanto do resgate de uma memória coletiva como de construção de uma imagem mítica:

“Fui colega de classe de Iara Iavelberg, cuja vida e morte precoce e trágica impressionaram nossa geração. Ela estudou e formou-se conosco, dividimos o pão concreto, discutimos idéias nas aulas. Muitos se lembrarão de sua figura magra, de um louro queimado, sua voz combativa. É um trabalho árduo esse, de recomposição, porque muitos traços de sua fisionomia requerem, para se completar, que se revivam nossa época de estudo, nossos ideais, nossos mestres, nossas leituras. Cada um de nós guardou dela uma conversa, um gesto, uma pequena lembrança preciosa. Procurei seu vestígio em caminhos que iam dar no sertão, em esarpas que ela subiu a pé; e que alegria senti à beira de estrada ao ouvir suas palavras repetidas por uma mulher que nunca a esqueceu!*

Que interesse terão tais elementos para a geração atual? Encontrarei uma linguagem que comova as pessoas de hoje, para as quais seu nome pouco significa? As lutas pela memória, eis algo de que todos temos conhecimento de causa.

() Iara Iavelberg (1944-1971) psicóloga.*

Após anos de resistência clandestina à ditadura militar foi assassinada pela repressão em Salvador.”⁽⁵⁾

Sua recordação dota a imagem de Iara de todos os sentimentos evidenciados durante a relação recordada. Através do vínculo entre as imagens de Iara e Lamarca estes sentimentos vão ser compartilhados, uma vez que a imagem de Iara ajuda a compor a imagem de Lamarca e vice-versa.

Isto é, a medida que o mito é utilizado pela memória para estabelecer os contornos sociais do sujeito que recorda, será reforçado em seu poder de explicação e de mobilização. Pois essa imagem explica a recordação, a necessidade, as formas e os motivos de se recordar. Iara, ao se tornar síntese e motivo de tal depoimento sobre os acontecimentos nos quais esteve envolvida acaba por ser a própria linguagem Ecléa procura.

Ecléa Bosi recorre a Halbwachs para afirmar que: *“...cada memória individual é um ponto de partida sobre a memória coletiva.”⁽⁶⁾*

⁵ BOSI, Ecléa. op. Cit. p. 411

⁶ Idem, p. 413.

Como foi visto no depoimento Ecléa questiona sobre o reconhecimento da figura de Iara por outra geração. Define de certa forma o grupo seletivo que compartilha esta memória coletiva. Para o mito estes grupos minoritários têm uma razão de ser. Segundo Girardet:

“... a efervescência mítica começa a desenvolver-se a partir do momento em que se opera na consciência coletiva o que se pode considerar como um fenômeno de não identificação.”⁽⁷⁾

Diante desse fenômeno de não identificação coletiva uma nova identidade vai se formando, se restaurando, se definindo a partir do mito ao mesmo tempo que define este, assim como o espaço entre o “nós” e o “eles”. A memória política, o recordar fatos públicos reforça estes contornos pois têm “um pronunciado sabor de convenção” e também porque:

“Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica ‘neutra’. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando.”⁽⁸⁾

Este posicionamento é fundamental na construção de Lamarca como personagem mítico. Em vários depoimentos ele vai ser utilizado para dar o contorno social e também para demonstrar as virtudes do sujeito que recorda ou é recordado.

O livro de Luiz Maklouf Carvalho, *Mulheres Que Foram a Luta Armada*, é bastante rico em depoimentos desta natureza sobre a figura de Lamarca. Uma das entrevistadas, Idalina Maria Pinto, viúva de Onofre Pinto, ex-sargento e dirigente da VPR quando da fuga de Lamarca do quartel em Quitaúna, relembra assim a capacidade de entrega do marido em prol da causa revolucionária e a sua coragem diante do perigo:

⁷ GIRARDET, Raoul. op. Cit., Pag. 181.

⁸ BOSI, Ecléa. *MEMÓRIA E SOCIEDADE, LEMBRANÇAS DE VELHOS*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

“A prioridade era fazer a revolução, derrubar os militares. Foi ele que organizou a saída de Lamarca do quartel de Quitaúna. A mulher e as filhas do Lamarca ficaram hospedadas comigo, na casa do Carandiru. Era um perigo danado”⁽⁹⁾

A dimensão do perigo e da coragem é dada a partir da presença física de Lamarca ou de pessoas próximas a ele. Assim quanto mais a imagem de Lamarca representa perigo maior será a coragem e a importância de quem recorda ou é recordado.

Não são apenas as pessoas quando relembram que utilizam a imagem de Lamarca para dar a dimensionar sua participação. Também o autor o faz para poder dar a devida importância aos entrevistados.

Ao trazer à tona a trajetória de Renata Guerra de Andrade, uma das mais ativas entre as mulheres envolvidas com a guerrilha urbana, tendo participado entre outras das ações do roubo de armas no Hospital do Cambuci e da explosão do carro-bomba no Quartel-General do II Exército, no Ibirapuera, o autor representa-a da seguinte forma:

“Renata mudou-se para a capital em 66. Entrou no cursinho de vestibular para Psicologia, onde foi aluna de Iara Iavelberg, a bela militante que logo encantaria o capitão do Exército Carlos Lamarca.”⁽¹⁰⁾

Renata ainda não é a destacada guerrilheira, mas seu espaço já começa a ser delineado. O destino parece estar ligado a uma aproximação com Lamarca. Existe até uma certa hierarquia de figuras que pode ser detectada partindo da aluna de cursinho, passando por Iara, cujo primeiro grande feito parece ter sido o de ser bela e encantar Lamarca, até chegar a Lamarca propriamente.

⁹ CARVALHO, Luiz Maklouf. MULHERES QUE FORAM A LUTA ARMADA. São Paulo: Editora Globo, 1998, p.30

¹⁰ CARVALHO, Luiz Maklouf. Op. cit. p. 32.

Renata parece obedecer à mesma trama ao comentar sua participação:

“Renata:

Onofre me destacou para dar assistência teórica ao grupo de Lamarca e de seus companheiros em Quitaúna. Ajudei a recrutá-lo para a VPR. Ele era um simpatizante descontente com o Partido Comunista Brasileiro. No primeiro encontro que tivemos já falou na possibilidade de desertar, saindo com um enorme arsenal. Eu achei que era cutucar a onça com vara curta. Achei que podíamos esperar o momento mais adequado. Mas a idéia foi crescendo. (...) Eu defendia a idéia que Lamarca deveria sair quando tivéssemos pelo menos gente para empunhar tantas armas. Nem isso havia. Éramos um grupo de gatos-pingados.”⁽¹¹⁾

Outra característica da memória política, além de marcar bem o lugar que ocupa o sujeito, é olhar o passado com os olhos do presente julgar os erros desse passado, determinando não apenas o sua posição na luta contra a ditadura, mas também o seu espaço individual dentro da organização.

Lamarca ainda estava no Exército. E sua saída é motivo para que a narrativa possa apresentar algumas façanhas de outra destemida guerrilheira, Dulce Maia de Souza – a Judith:

“Viria, então, como uma ação conjunta, o plano de maior envergadura até ali: a retirada do capitão Carlos Lamarca do 4º Regimento de Infantaria do Quartel de Quitaúna, em Osasco (SP). O capitão sairia com outros militares e com uma grande quantidade de armas às 8 da manhã de 26 de janeiro de 1969. Dia em que São Paulo viveria, com explosões e blecaute, a comemoração antecipada do apocalipse revolucionário. A ALN acha-o demais e não participa. Parte da VPR assume a responsabilidade e toca o plano em frente.

Entre idas e vindas a Quitaúna, para organizar as coisas com o capitão e sua esposa Maria, Dulce Maia aproveita para treinar tiro, dentro do quartel, misturada às bancárias que Lamarca ensinava a atirar, um serviço gratuito que o Exército prestava aos bancos temerosos de ataque terroristas.”⁽¹²⁾

¹¹ Idem, pp. 45/46

¹² Idem, pp. 39/40

O plano para a saída de Lamarca de Quitaúna era algo de grande proporção para as organizações⁽¹³⁾. Para o momento interessa perceber toda a coragem de uma militante entrar em um quartel e treinar tiros tendo como instrutor um companheiro que, mais tarde, se tornaria o homem mais procurado do país. A participação nesse plano que merece ser lembrado, com todo destaque possível.

Dulce, esteve presente no atentado ao QG do II Exército em 26/06/68, do assalto ao Banco Mercantil da Rua Joaquim Floriano, no Itaim, em 01/08/68, da morte do Capitão Chandler, militar americano morto em 12/10/68, do primeiro assalto à agência do Banco do Estado de São Paulo, em 15/10/68, e no segundo assalto a esta mesma agência bancária, em 06/12/68, recebe outra tarefa que o autor tem em conta ser de altíssimo risco:

“Incansável, adrenalina a mil, Dulce/Judith estará às voltas com tarefas de altíssimo risco – entre elas a de recolher a mulher (Maria) e os filhos do capitão (César e Cláudia)”⁽¹⁴⁾

Damarís Lucena, esposa de Antônio Raimundo de Lucena, mecânico e militante conhecido por “Doutor” e mãe de Ariston Lucena que esteve no Vale do Ribeira junto com Lamarca, também recorda esta passagem, julgando-a:

“A reunião que decidiu a saída do Lamarca do quartel foi lá em casa. Ele esteve lá duas vezes – com o nome de João. Na primeira, a reunião entrou pela noite. Se tivesse tomado parte da reunião, eu teria dito pra ele não sair. Eu achava que lá dentro ele produziria muito mais. Ficava como infiltrado e teria uma participação mais produtiva. Esse talvez tenha sido um erro muito grave. Muito mais grave do que a gente pensou naquela época.”⁽¹⁵⁾

Um outro relato muito interessante onde Lamarca é citado é o de Sônia Lafoz ao comentar os preparativos para a operação plástica de Lamarca:

¹³ Ver capítulo Uma Biografia.

¹⁴ CARVALHO, Luiz Maklouf. Op. cit. p. 52.

¹⁵ Idem, p. 47.

“Sônia Lafoz:

— *Precisavam de uma mulher para fazer o papel da irmã. No início eu não sabia que era ele. Só soube no aparelho da Barra da Tijuca, uma casa antiga. Ele foi pra lá – e aí eu tive que fazer aquele papel de atriz, de irmã, dar a entender que ele seria meio efeminado, que precisaria arrumar o nariz*
 — *A fachada foi disfarçar o Lamarca de gay?*
 — *Foi. O médico sabia, mas a clínica não. A equipe de enfermagem, o anestesista, ninguém sabia. Então você tinha que entrar com a conversa de que era um paciente que queria melhorar a cara, o nariz, a arcada dentária, porque se achava feio e precisava se arrumar. Então, que justificativa que eu tinha que dar? Que era um homossexual! Hoje é comum, mas naquela época homem não fazia cirurgia plástica. Então a gente foi por aí. Na casa a gente ficou treinando com ele. Ele ficava puto.”⁽¹⁶⁾*

Este é mais um depoimento onde a figura física de Lamarca tem um papel bem determinado. A aproximação com alguém tão importante de maneira tão íntima não é uma pequena e deliciosa indiscrição. Representa a importância pessoal em participar de algo grandioso com naturalidade, ter intimidade com um ser que está além do alcance da normalidade, sentindo-se importante ao estar próximo de alguém que julga superior. É como tirar uma foto ao lado do ídolo de futebol, de algum pop-star do cinema.

Entre outros relatos em que Lamarca aparece mais um pode ser citado. É o de Kito, filho de Damáris e Antonio Lucena:

“O que fizeram com as crianças depois que ela foi presa? Com a palavra Kito, que então tinha 9 anos: Eles circularam com a gente por vários lugares de São Paulo. Ninguém nos queria porque circulava a história de que Lamarca ia nos tirar das mãos da polícia. Tentaram em São João Clímaco, no Catarina Labouré. Ninguém queria. Era como se fôssemos filhos de Judas. Acabamos ficando na Febem do Tatuapé, mas volta e meia saindo com o capitão Maurício. Queriam que a gente encontrasse pessoas e apontasse. Um dia nos levava à Oban. Nós almoçamos lá.”⁽¹⁷⁾

¹⁶ Idem, p. 377

¹⁷ Idem, p. 83

No conjunto destes depoimentos encontramos momentos em que a memória coletiva e o mito cruzam. Quando isto ocorre a figura de Lamarca é utilizada para definir os espaços e, também, para dimensionar o grau de envolvimento e participação de outros militantes.

Colocado hierarquicamente acima destes militantes, sua figura acaba por se alimentar da própria coragem deles, uma vez que mesmo o mais audaz guerrilheiro se coloca aquém de sua figura. É esta a imagem construída nos relatos de Dulce Maia, Sônia Lafoz, Damáris e Idalina.

A proximidade parece algo afetivo, mas retrata as virtudes de quem recorda. A coragem, a sabedoria, o bom senso que não pôde ser ouvido, a ousadia. A imagem funciona até como ponto de partida para autocrítica de erros militares.

Lamarca habita nestas memórias um lugar definitivo. É um pólo para onde convergem a coragem a ousadia e a doação destas pessoas. Explica as suas ações e motiva lembranças e julgamentos. E, ao mesmo tempo, tem a sua imagem alimentada pela ação destas pois sempre se encontra mais além. De certa forma a luta armada é representada através da figura de Lamarca. Toda a vida clandestina, toda ação, todo poder que se acreditava possuir, o orgulho de ter participado de algo importante caminha em sua direção. É o complô se vendo por seus próprios olhos. Complô este que é um dos núcleos do próximo capítulo onde o mito político analisado.

No caso do boato do resgate de Kito outra imagem é literalmente mostrada, a de um *salvador* — figura que Raoul Girardet apresenta como sendo um dos principais núcleos dos mitos políticos, como veremos.

Interessa reter a forma como Lamarca é representado nesta memória coletiva, ou seja, não apenas define os lados onde se encontram as pessoas como dimensiona as próprias ações e importância delas.

CAPITULO IV

O MITO POLÍTICO: A LUTA PELA IDENTIDADE NACIONAL

O mito de Lamarca para poder ser melhor analisado deve ser considerado como um *mito político*. O que motiva esta postura é que suas ações aparecem não na relação entre homem e natureza característica do homem tradicional. Ocorrem dentro de uma sociedade onde os homens se reconhecem nos outros homens e nas suas instituições.

Nesta sociedade onde este homem, que se quer como o homem histórico, se reconhece estão as instituições políticas onde a representação política é exercida por alguns poucos representantes. Mesmo diante da impossibilidade de uma atuação completa pelo representante em sua tarefa, em sua forma pura⁽¹⁾, enquanto houver algum grau de satisfação entre os representados não haverá grandes crises institucionais.

A luta armada mostra exatamente um momento de crise, quando uma parcela não se identifica com a situação política imposta a sociedade e uma segunda parcela não se identifica com as propostas de mudança aspiradas pela primeira. A figura de Lamarca surge exatamente no momento mais crítico, após a decretação do Ato Institucional nº 5 em 13 de dezembro de 1968. Entre outras medidas, este Ato dava ao presidente o poder para decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas e das Câmaras dos Vereadores, intervenção nos municípios, suspensão dos direitos políticos de qualquer cidadão pelo prazo de dez anos e das garantias de *habeas-corpus* nos casos de crimes políticos contra a segurança nacional.

Neste momento já existe um processo de crise, como nos diz Girardet. Mas, com o Ato Institucional esse processo alcança o seu climax. Para o próprio Lamarca o Ato significa uma declaração de guerra: “O governo

¹ BOBBIO, Norberto. DICIONÁRIO DE POLÍTICA. Brasília: Editora UNB, p. 1104

se declarou em guerra contra todos que contestam o regime. Ou vocês participam ou saio sozinho com meu 38.”⁽²⁾

Para Jacob Gorender, o Ato Institucional é a oficialização do terrorismo de direita:

“Consumado o fechamento ditatorial, não era mais necessária a atuação provocadora das organizações paramilitares. O terrorismo de direita se oficializou. Tornou-se terrorismo de Estado, diretamente praticado por organizações militares institucionais.”⁽³⁾

Para nós, significa um momento de crise propício em que um sistema mitológico começa a definir suas estruturas. É um momento em que se marca literalmente quem está de um lado ou de outro, o que vai identificar definitivamente estes lados. Pode mostrar quem vai ser perseguido ou perseguir, quem possui a identidade nacional e os que são destituídos dessa identidade, quem são os deuses e os demônios, quem somos “nós” e quem são “eles”.

Como para o mito é necessário um fundamento histórico, assim nos diz Roland Barthes; para o mito político este fundamento está relacionado com estes momentos de crise, como diz Raoul Girardet:

“Não há nenhum dos sistemas mitológicos de que tentamos definir as estruturas que não se ligue muito diretamente a fenômenos de crise: aceleração brutal do processo de evolução histórica, rupturas repentinas do meio cultural ou social, desagregação dos mecanismos de solidariedade e de complementaridade que ordenam a vida coletiva. Nenhum que não se relacione a situações de vacuidade, de inquietação de angústia ou de contestação.”⁽⁴⁾

² PATARRA, Judith Liebllich. *IARA, REPORTAGEM BIOGRÁFICA*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1993. p. 277. Segundo esta autora esta afirmação foi feita na última reunião da VPR para avaliarem a pertinência da saída de Lamarca naquele momento. Teria ocorrido após o dia 17 e antes do dia 24 de janeiro, sem precisar a data certa.

³ GORENDER, Jacob. *COMBATE NAS TREVAS*. São Paulo: Ática, 1987, p. 152.

⁴ GIRARDET, Raoul. *MITOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 180.

O processo de crise que culmina na luta armada é anterior ao AI-5, mas as ações posteriores a ele transformam este período de crise em um período de guerra, onde as organizações de esquerda na sua maioria opta pelas armas e o aparelho repressivo que o regime incrementa pelo regime passa a agir.

A *identidade* é um tema do qual não se pode distanciar quando se trata de um mito político, seja esta de um grupo pequeno ou de um país. No caso da luta armada essa identidade nacional é fácil de ser notada como a forma pela qual os participantes se definem. Ambos os lados se querem brasileiros. Os antagonistas estão a serviço de governos estrangeiros e assim são identificados. Lamarca mesmo refere a esta direta participação estrangeira:

“Atualmente, os EUA mantêm no Brasil um corpo permanente de ‘assessores’, e o aumento dos agentes da CIA e dos ‘Peace Corps’ é significativo. No interior das Forças Armadas brasileiras há uma propaganda entre os oficiais para que seja aceita a intervenção.”⁽⁵⁾

E também militares identificam como sendo os interesses internacionais que conduzem a subversão. Para Marco Pollo Giordani:

“Logo após a conquista do poder, em Cuba, pelos comunistas, passou o PCUS – (Partido Comunista da União Soviética) a se utilizar daquele país como pólo irradiador de movimentos revolucionários de cunho violento (guerrilha), subversão e terrorismo.”⁽⁶⁾

Estes dois depoimentos apresentam diferenças. O de Lamarca é feito no calor da luta, enquanto que o de Marco Pollo Giordani, posterior, tenta explicar a luta. Mas percebe-se que em ambos uma identidade é

⁵ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. LAMARCA – O CAPITÃO DA GUERRILHA, 9ª ed., São Paulo: Global Editora, 1984, p. 92

⁶ GIORDANI, Marco Pollo. BRASIL: SEMPRE. Porto Alegre: Editora Tchê, 1986, p. 160.

ciosamente dada ao antagonista. Ele, é o *corpo estranho* à unidade nacional. Mais que a luta pelo poder, percebe-se nos depoimentos que essa identidade aparece como justificativa da ação. Quando existe fenômeno de não identificação com o sistema que é imposto à sociedade como um todo, uma nova identidade começa a se formar em torno de uma outra imagem.

Este tema de identificação nacional em alguns casos chega mesmo a ser suficiente como premissa para se afirmar como mito uma dada imagem.

“Um pesquisador brasileiro afirma que Aleijadinho é um mito. Baseado em dúvidas sobre a existência do escultor, o paulista Dalton Sala está escrevendo um livro em que defende que Aleijadinho, considerado o principal artista do barroco brasileiro, foi uma criação do regime de Getúlio Vargas para a construção da identidade nacional.”⁽⁷⁾

No caso da pesquisa sobre o Aleijadinho a vacuidade social, a falta de uma identidade nacional é a justificativa para se criar uma figura capaz de suprir esta deficiência. Ou seja, dotar toda a nação com um referencial de identidade.

Na luta armada, e nos depoimentos a respeito, pode-se observar que esta identidade sendo firmada através de divisores de lado. Lamarca aparece nesses depoimentos, como um desses divisores. Sua imagem oferece a possibilidade de dimensionar as participações, reorganizando os espaços dos outros participantes daqueles acontecimentos.

O mito político, ou a efervescência mítica, que surge neste momento deve então fornecer condições de para uma nova identificação, mesmo que através apenas de uma ligação afetiva.

Nada mais natural que encontrar em depoimentos de memória política aquele que, ao recordar a sua passagem em alguns acontecimentos recorra a imagens míticas. Assim é, por exemplo, que no depoimento de

⁷ JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, de 16/03/96cad. 4 p. 8

Kito, Lamarca aparece como possível salvador, através de uma operação de resgate.

O mito político se diferencia do sagrado também em seus núcleos centrais. Não é o momento do surgimento do Cosmo e nem a sua complementação. Seus núcleos centrais são outros e estão relacionados a questão de identidade nacional.

Por isso recorremos a Raoul Girardet⁽⁸⁾ e o método comparativo que propõe ao elaborar as “constelações mitológicas”: *“os conjuntos de construções míticas sob o domínio de um mesmo tema, reunidas em torno de um núcleo central”*⁽⁹⁾

Estes conjuntos são apresentados em quatro constelações “A Conspiração”, “O Salvador”, “A Idade do Ouro” e a “Unidade”, estudados um a um separadamente, e apesar de possuírem um núcleo central que possibilita a separação em conjuntos não estão completamente isolados. Assim como os temas dos mitos sagrados também os do mitos políticos desdobram tornando fundamental estar atento para o que Girardet chama a atenção:

“...A mesma e essencial fluidez os caracteriza, ao mesmo tempo que a imprecisão de seus respectivos contornos. Imbricam-se, interpenetram-se, perdem-se por vezes um no outro. Uma rede ao mesmo tempo sutil e poderosa de liames de complementaridade não cessa de manter entre eles passagens, transições e interferências.”⁽¹⁰⁾

O personagem Lamarca integra-se em várias destas constelações. Pode ser visto em cada momento das narrativas como ativando um ou outro núcleo mítico. Por isso é importante analisar estas constelações juntamente com algumas passagens destas narrativas.

⁸ Raoul Girardet é Professor de História Contemporânea no Instituto de Estudos Políticos de Paris e na Escola militar de Saint-Cyr-Coëtquidan.

⁹ GIRARDET, Raoul. Op. cit., pp. 19 e 20

¹⁰ Idem, p. 15

“A NOVA FACE DO TERROR”: o tema da “conspiração”



FONTE: REVISTA VEJA nº 91 de 03/06/1970

Podemos encontrar em Lamarca o tema da “Conspiração” apresentado por Girardet. Esta constelação constrói e articula a imagem do complô. Seu núcleo é o poder que se move nas sombras, determina o desenrolar de acontecimentos e que justifica o antídoto contra ele, ou seja, a existência de um outro complô para combater o Mal. Este Mal está sempre encarnado na imagem do antagonista. Quando alguém ligado ao regime militar cita ou comenta as organizações clandestinas que aderiram a luta armada identifica nela este Mal. O mesmo acontece com os militantes ao comentar as atividades dos órgãos de repressão. Porém, como ponto comum entre os depoimentos, a imagem do Mal está presente.

Sua presença explica ações a execução de ações fora do controle ou do bom senso por serem “absolutamente necessárias” para que o objetivo de cada um dos grupos não se perca. De certa forma é em torno da defesa contra esse Mal que a identidade dos grupos se define.

Ao narrar a prisão dos militantes que estavam pintando o caminhão a ser utilizado na fuga e se percebeu o envolvimento desses com as ações que vinham desafiando as forças repressivas, o jornalista Luiz

Maklounf utiliza a imagem de Lamarca para dimensionar as ações e demonstrar o grau de violência a que foram expostos os presos:

“Levados para o QG do Ibirapuera, eles sustentaram, numa história arrumada às pressas, que eram contrabandistas – e daí a idéia do caminhão militar, eficiente disfarce. Os militares acreditaram – e foi isso que deu tempo para Lamarca sair. Quando a ficha caiu – quando entenderam que se não tivessem sido levados no bico a deserção de Quitaúna não teria existido –, os militares não pouparam violência. Os quatro foram torturados com o peso do Cambuci, de Kosel e de Lamarca – os militares conseguiram depoimentos literalmente torrenciais. Informações que desnudaram quase por completo toda a estrutura interna da VPR, desencadeando uma onda de prisões.”⁽¹¹⁾

No livro de Marcelo Rubens Paiva, *Não És Tu, Brasil*, romance que tem como pano de fundo a fuga de Lamarca e de alguns guerrilheiros do campo de treinamento no “Vale do Ribeira”, encontramos dois sugestivos trechos:

“Ficou de mãos abanando o coronel Erasmo⁽¹²⁾. Bem que tentou, seguindo os manuais do bom soldado, simulando uns fuzilamentos. Ficou deprimido ao descobrir que pelas vias normais, missão-terreno-inimigo-meios, o combate à subversão não surtia efeito. É, Erasmo, deixe para os outros, para os profissionais. Erasmo viu o DOI-Codi⁽¹³⁾ se fortalecer. Teve que ceder, como todos os outros comandantes militares, homens para a tarefa suja; como um pacto. Viu seu melhor homem, capitão Ênio, entrar na onda e ir para o DOI-Codi da rua Tutóia⁽¹⁴⁾, o centro da tortura paulista. Acompanhou o estado em que seu capitão ficou quando teve contato com a verdade das prisões. Viu capitão Ênio vomitar depois de descrever os horrores dos bastidores. Viu seu melhor homem definhar. Tentou alertá-lo: Sai disso, homem, isso não é pra você! Mas Ênio sabia: uma vez dentro, ninguém saía. Erasmo não viu mais nada. Seu melhor homem, capitão Ênio, se matou. O resto você sabe, coronel Erasmo pediu desligamento do

¹¹ CARVALHO, Luiz Maklounf. *MULHERES QUE FORAM A LUTA ARMADA*. São Paulo: Editora Globo, 1998, p. 52

¹² Erasmo Dias – Na época coronel da Polícia Militar de São Paulo que posteriormente seguiu carreira política.

¹³ DOI-Codi – Destacamento de Operações de Informações/Centro de Operações de Defesa Interna.

¹⁴ Centro de tortura denunciado com bastante frequência por militantes que estiveram presos.

Exército, entrou para a vida pública, virou secretário de Estado e depois deputado.⁽¹⁵⁾

E o segundo :

“Repensaram a tática antiguerrilheira e fortaleceram os grupos paramilitares, dando carta branca aos esquadrões e torturadores do DOPS⁽¹⁶⁾, do DOI-Codi e dos centros de informação do Exército, da Marinha e da Aeronáutica que, em vez de partirem diretamente para o confronto, priorizavam os informantes, delatores, agentes infiltrados e contra-inteligência. Tortura. Profissionalizaram o combate à subversão e, você sabe, funcionou. Extermínio. O Jogo virou. O que um ano antes eram só vitórias esmagadoras da guerrilha, assaltos a bancos a torto e a direito, roubos de armas, bombas em quartéis, justiçamentos, seqüestros de diplomatas, com quedas, sim, e mortes, agora, só derrotas. A revolução com os dias contados.”⁽¹⁷⁾

A narrativa apresenta, no primeiro trecho, uma justificativa que vai além dos desenrolar dos acontecimentos. A justificativa da nova realidade deflagrada para conter Lamarca, que não é apresentado como um único guerrilheiro, nem mesmo é citado nominalmente mas como todo movimento guerrilheiro, toda luta armada, é o Mal sendo identificado. Em função desse Mal identificado e nomeado que é formado um grupo, um outro *complot* para combater em um terreno diferente, um terreno de sombras, situado fora “das regras mais elementares da normalidade social”⁽¹⁸⁾ justificado e que adquiri uma força que ultrapassa a vontade humana e as regras de uma normalidade de combate.

No segundo trecho, aparece mais claramente a construção do aparato fisicamente constituído e instalado e sua forma de agir dentro desse novo terreno de combate, onde as regras do mundo da “Luz” perdem o valor e o sentido. Para poder se colocar em condições para travar um

¹⁵ PAIVA, Marcelo Rubens. NÃO ÉS TÚ, BRASIL. São Paulo: Mandarin, 1996, p. 195.

¹⁶ DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

¹⁷ PAIVA, Marcelo Rubens. Op. cit., 1996, p.197.

¹⁸ GIRARDET, Raoul. Op. cit., p. 43.

combate neste novo terreno o governo militar já vinha se preparando anteriormente, desde 1965 segundo o general Enio dos Santos Pinheiro:

“E o Serviço de Informações, que teria uma outra destinação, foi obrigado a se voltar também para a informação sobre a guerrilha. Isso foi logo em 65. A coisa foi evoluindo, mais adiante desencadeou-se a guerrilha do capitão Lamarca e a do Araguaia... Mas desde antes preocupava a questão dos universitários, porque havia muita infiltração. Além do grupo do Partido Comunista Brasileiro, que era tradicional, começaram a surgir outros grupos e outros líderes de dentro do PCB.”¹⁹

A “Guerrilha do Ribeira” aparece claramente no trecho de Marcelo Rubens Paiva como detonador desse novo modo de agir, mas através do depoimento do general Enio dos Santos Pinheiro vimos que muito antes o governo militar já se preparava para esta nova modalidade de combate, desde o segundo ano abandonou a “outra destinação” para dedicar-se a informação sobre guerrilha. Lamarca aparece como referência nominal da fuga confundida com um movimento de guerrilha da qual participou.

A “Guerrilha do Ribeira”, liderada por Lamarca, se constitui basicamente de uma fuga. Datada de 21 de abril a 31 de maio de 1970 ocorreu na região do Vale do Ribeira quando foi descoberto um campo de treinamento instalado pela VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) após o racha com a VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária).

Desse racha, chamado de “racha dos sete”, sai um grupo liderado por Lamarca formado pelo ex-sargento Darcy Rodrigues, o ex-sargento José Araújo Nóbrega, o ex-marinheiro Cláudio Ribeiro, Celso Lugaretti, Mario Japa e mais um militante. A causa foi a idéia da instalação da Organização no campo. Este grupo funda uma nova VPR que agora tem como prioridade a ida para o campo e o início da guerra. Antes porém é

¹⁹ D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon & CASTRO, Celso. (orgs) OS ANOS DE CHUMBO: A MEMÓRIA MILITAR SOBRE A REPRESSÃO. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 128.

preciso treinar os futuros guerrilheiros. Para isso foi comprado um sítio de 80 alqueires na altura do Km 510 da rodovia Régis Bittencourt situado na região do Vale do Jacupiranguinha, ao sul do verdadeiro Vale do Ribeira. Este campo de treinamento recebe o nome de núcleo “Carlos Marighela” é composto por duas bases, a primeira chamada de “Carlos Roberto Zanirato”⁽²⁰⁾ comandada pelo sargento Darcy Rodrigues e a segunda chamada “Eremias Delizoikov” comandada por Ioshitane Fujimore. Há também um ranchinho onde moram José Lavechia e Tercina Dias com mais três filhos e servem para dar uma fachada legal ao campo de treinamento fazendo-se passar por uma família de lavradores da região.

Após a descoberta do campo de treinamento inicia-se a desmobilização da área. Um primeiro grupo consegue sair antes do cerco da repressão e um outro grupo de quatro guerrilheiros que também deveria deixar o local foi obrigado a ficar pois o cerco da repressão já está montado e obriga este grupo a juntar-se com um grupo de cinco outros guerrilheiros destinados ficar na área. Ficaram: Lamarca, o ex-sargento Darcy Rodrigues, o ex-sargento José Araújo Nóbrega, Gilberto Faria Lima, Ioshitane Fujimore, Edmauro Gopfert, Diógenes Sobrosa, Ariston Lucena e José Lavechia.

Quatro guerrilheiros foram presos, José Lavechia, Darcy Rodrigues, Edmauro Gopfert e José Araújo Nobrega, os outro cinco escapam. É a tentativa destes nove guerrilheiros de furar o cerco da repressão, que durou quarenta dias, passa a ser conhecida como a “Guerrilha do Ribeira”.

Em outras citações a figura de Lamarca continua a aparecer como responsável direto de um novo modo de agir por parte dos militares. Em depoimentos de outros militares como o general Carlos Alberto da Fontoura

²⁰ Carlos Roberto Zanirato era soldado e havia desertado junto com Lamarca. Foi morto pela repressão no início de junho de 69.

encontramos novamente o personagem como justificativa para esse novo comportamento:

‘No meu tempo de chefe de Estado-Maior em Porto Alegre, foi preso um oficial comunista da Aeronáutica. Não me lembro o nome; era um comunista, daqueles de arma na mão. Foi preso na própria Aeronáutica e mandado para o 7º Batalhão de Caçadores. Fugiu. Mas, como fugiu? Estava numa sala fechada com sentinelas!’ ‘Fugiu pelo teto’ – as coisas são engraçadas. Então mandei um oficial falar com o comandante e fazer uma pesquisa: o oficial de dia no dia da fuga era o tenente Lamarca. Está aí a explicação. Ele já era comunista quando tenente em Porto Alegre, em 1966. Transferiu-se para um batalhão em São Paulo, e ninguém sabia que era comunista. Só quando fugiu. Não havia um serviço de informações. Por isso, um dia eu fui ao Médici e disse ‘O SNI esgotou os seus conhecimentos. Somos todos amadores. O senhor também foi amador como chefe do SNI, o Golberi era amador, eu sou amador, e os que vierem serão amadores.’ Diz ele: ‘Mas qual é a solução?’ ‘É fundar uma Escola Nacional de Informações.’ Disse que ia pensar um pouco. Daí uns dois dias ... Pode fundar.’”⁽²¹⁾

Lamarca torna-se a explicação e motivação de uma ação que vai muito além da sua perseguição captura e morte. Aparece como justificativa de uma nova postura do governo militar. Ultrapassa os contornos da opção política individual e tem na sua imagem todos os fatos sintetizados. Toda a ação repressiva, tanto no romance de Marcelo Rubens Paiva como no depoimento do general Carlos Alberto da Fontoura tem como epicentro o combate a esta figura. Lamarca não é apenas um indivíduo, mas simboliza uma situação extrema de crise diante da qual exige-se a ação de todos, até do mais alto dirigente militar.

A narrativa apresentada cumpre então um papel explicativo a medida que toda a situação do confronto e em especial as condições das Forças Armadas e o regime militar para o combate a guerrilha, assim

²¹ D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon & CASTRO, Celso. (orgs). Op. cit., p. 94. Depoimento do general-de-divisão Carlos Alberto da Fontoura a Maria Celina D' Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro. O trecho citado trata-se da resposta à pergunta “Como se deu a decisão de criar a Escola?” (Escola Nacional de Informações)

justificam a necessidade de mudança nas ações práticas levadas a cabo. Toda essa situação, e as necessidades para contê-la, são reconhecidas no personagem Lamarca. O que segundo Girardet é uma tendência do mito do Complô pois:

“...o mito do Complô tende, assim, a preencher uma função social de importância não negligenciável, e que é da ordem da explicação. Explicação tanto mais convincente quanto se pretende total e de exemplar clareza: todos os fatos, qualquer que seja a ordem a que pertençam, acham-se reduzidos, por uma lógica aparentemente inflexível, a uma mesma e única causalidade, a uma só vez elementar e todo-poderosa.”⁽²²⁾

Além do poder que se move nas sombras a “Conspiração” enquanto mito político apresenta também em seu núcleo temático a imagem da Organização e do conflito entre o Bem e o Mal. O único meio de combater o Mal é voltar contra ele as suas próprias armas. Uma organização do mal confrontando-se com uma réplica consagrada a serviço do bem. Mas que, antes de tudo, necessita da identificação do Mal, não somente no sentido de saber quem é ou está ao seu lado, identifica-se também o modo de agir, o objetivo maligno. Uma identificação completa para poder enfim enfrenta-lo, desmascara-lo, afronta-lo também de forma completa.

Neste sentido é necessário compreender quais características de uma organização estão presentes na outra. Estas são: a clandestinidade, versatilidade nas operações liberando-se dos entraves da burocracia legal, operar em um mundo que não obedece as regras sociais nem mesmo de um combate, capacidade de infiltração em todos os meios, submissão e obediência total as novas regras.⁽²³⁾

É interessante notar como essa caracterização mais claramente definida na fala de pessoas ligadas ao regime militar revela como a força da

²² Raoul Girardet, op. Cit. P. 55

²³ Idem, p. 59

“Conspiração” aparece de forma ambígua. No sentido forte é justificadora de toda constituição de um novo aparelho repressor para contê-la mas em um momento posterior a identificação do Mal perde sua força tendo banalizada a sua existência. A fala do Brigadeiro João Paulo Moreira Burnier deixa clara essa redução máxima que sofre a figura de Lamarca:

“O meu serviço realmente conseguiu obter a informação de que o Lamarca saiu de São Paulo e foi para o Nordeste, Salvador. Na mesma hora comuniquei ao Exército, que mandou gente atrás. E quem chegou no final da operação? Foi o Exército. Quem atirou no Lamarca? Foi um coronel do Exército que atirou na cara dele. O Lamarca foi morto em ação de combate, no meio do campo, com tropa do Exército. E quem deu as informações iniciais? Fomos nós, do CISA (Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica). Mas isso tem valor para nós? Não. O valor principal é o seguinte: os serviços de informações militares localizaram o Lamarca e eliminaram esse inimigo do Brasil. Acho que saiu um filme sobre esse homem. É um absurdo! É inacreditável saber que tem gente com a mentalidade de achar bonito dizer que o combate ao regime militar elevou a herói esse Lamarca. Herói, que nada, era um assassino! Um sujeito de vida completamente espúria! Não tinha família, não tinha nada; tinha amante, uma vida completamente irregular. Ele roubou, levou-se por um monte de elogios. Não era um idealista, não era um comunista de carteirinha. Era um homem que se tornou, como Prestes, um comunista no decorrer da vida.”⁽²⁴⁾

Mesmo se tratando de opiniões de pessoas diferentes, portanto com todo o direito de divergirem a respeito de qualquer assunto, note-se que a figura forte capaz de justificar a criação de uma escola profissionalizante para o serviço de informações do regime militar antes de ser derrotado é reduzido a um bandido comum após a derrota. Retomado em sua condição individual para ser destituído até da legitimidade de sua opção política.

A “Conspiração” está presente nas narrativas que ajudam a construir Lamarca enquanto um personagem mitológico. Ultrapassa as ações armadas que realizou, a deserção, o roubo das armas, o sentido individual

²⁴ D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon & CASTRO, Celso. (orgs). Op. cit., pp. 200-201. Depoimento do Brigadeiro João Paulo Moreira Burnier a Maria Celina D' Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro.

dessas ações e assume um perfil completo de todo o período, assim como serve para delimitar a posição de cada participante da luta naquele momento e a posição atual. Serve para marcar de que lado cada um está, e demarcar onde se localiza o Bem e o Mal.

“O LANCE DO OFICIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO”: o tema do “salvador”

As narrativas em torno de Lamarca fornecem várias características da constelação do Salvador. A primeira a ser destacada é de Jacob Gorender:

“Lamarca era homem modesto, generoso, comunicativo, até extrovertido. Sem pretensões de liderança carismática ou de alguma superioridade especial. Sua cultura política, como se constata nos escritos e entrevistas, era elementar, primária, simplória. Lia sofregamente, na ânsia de superar esta deficiência, que o inferiorizava diante dos intelectuais de formação universitária. Contudo, não lhe faltavam inteligência e senso comum da sua origem popular, que lhe permitiram acertar quando os intelectuais erravam. Uniu-se pelo amor à Iara Iavelberg, professora da USP e ex-militante da POLOP. Em meio à correria da luta clandestina, Iara ajudou a iniciação do companheiro na literatura marxista. Ao contrário de Prestes, glorificado pela imprensa de oposição burguesa durante seis anos, o também capitão Lamarca começou a trajetória de revolucionário já malsinado pela unanimidade dos meios de comunicação social. Desenham sua imagem pública como a de traidor, bandido inescrupuloso e assassino perverso. A fama de campeão de tiro reforçou imagem tão negativa.”⁽²⁵⁾

A imagem de homem simples sem atributos legendários apresentados por Gorender, é utilizada justamente para difundir a lenda. Assim Girardet comenta outra lenda, a do sr. Pinay, na França:

²⁵ GORENDER, Jacob. Op. cit., p. 188

“A ênfase é colocada naquilo que é, inversamente, o caráter ‘médio’ do personagem e de seu destino... Médio, em primeiro lugar, e seus biógrafos não o deixam de assinalá-lo, o sr. Pinay o é pela localização de suas origens geográficas, tendo nascido em 1891 no Massif Central: ‘Ele é, comenta Paris-Match, de uma província que facilita a unanimidade: nem muito ao norte, nem muito ao sul, nem do leste, nem do oeste’. Médio, ele o é também pelo meio social a que pertence – um pai pequeno industrial, uma mãe de próxima ascendência camponesa. Médio, ele o é ainda no próprio desenrolar de sua vida privada e de sua carreira política: Titular da medalha militar, o sr. Pinay é um antigo combatente da Primeira Guerra Mundial, na qual foi gravemente ferido; sua entrada na vida pública é relativamente tardia e começa, como se deve pelo exercício dos cargos mais modestos: conselheiro municipal aos 37 anos, prefeito aos 39, conselheiro geral aos 43, deputado aos 45. Tudo, em suma, nesse relato biográfico, é feito para tranquilizar, para banalizar o grande homem, para permitir que cada um de seus concidadãos se reconheça nele. Até a aparente insignificância de seus sucessos escolares, que seu biógrafo, Derône, não deixa de lembrar em termos de uma discreta elegância: ‘Quando estava em aula, escreve ele, o sr. Pinay interessava-se sobretudo pelos conhecimentos positivos, parecendo mais preocupado em ter, como escreve Montaigne, uma cabeça bem-feita do que uma cabeça cheia.’”⁽²⁶⁾

O principal núcleo dessa constelação não é a consolidação de um perfil do personagem e sim o poder de surgir em momentos de extrema crise e, graças a sua ação, realizar a “salvação” de seu grupo ou sociedade.

Além desse contorno geral, essa constelação apresenta quatro arquétipos onde são demonstradas diferentes formas desta manifestação. São os arquétipos de Cincinnatus, Alexandre, Sólon e Moisés.

O arquétipo de Cincinnatus retorna a um cenário ao qual já pertencia, abre mão de sua forma privada de viver para atender a um pedido da sociedade pela qual já havia feito muito.

O de Alexandre está centrado na figura do conquistador que rompe com a mediocridade e chama para a aventura. Aquele que liberta da monotonia segura de uma vida insonsa e oferece o risco e a glória de uma existência onde cria-se o destino escrevendo “seu nome em vermelho sobre a

²⁶ GIRARDET, Raoul op. Cit. pp. 64-65.

terra”. Mas também deixa como herança para as próximas gerações um modo de vida a seguir ou a ser resgatado.

Esse poder mobilizador do arquétipo de Alexandre aparece como uma preocupação para os militares. E mais uma vez é o general Carlos Alberto da Fontoura que utiliza a figura de Lamarca para demonstrar o cuidado para com esse perigo ao ser perguntado sobre a censura total em relação a guerrilha:

“Ah! Em relação à guerrilha, era. Porque a notícia desperta. Se deixássemos publicar, e sobretudo mentir, que a guerrilha venceu ali, que o Lamarca fez isso, fez aquilo, os estudantes começariam a se assanhar. Porque os estudantes universitários, a UNE, todos eram inocentes úteis.”⁽²⁷⁾

Sua resposta demonstra que a censura é um reconhecimento de que tal imagem possui um poder mobilizador que poderia chamar para a aventura, um grupo de pessoas que seriam capazes de acompanhá-la.

Mas é em uma nota no início do livro Lamarca, O Capitão da Guerrilha dos autores Oldack Miranda e Emiliano José que aparece mais claramente o perfil desse arquétipo.

“Os anos somados vão tornando possível uma análise política fria. Duro é sacar o lance do oficial do Exército Brasileiro, carreira brilhante à frente, que, inconformado, rasga sua farda, aposta noutro futuro – sonha com a humanidade livre, mete o peito resoluto em busca da liberdade e leva as últimas conseqüências o que julgava acertado.”⁽²⁸⁾

A questão colocada a si e aos leitores corresponde quase que literalmente ao arquétipo. O rompimento com sua própria insonsa

²⁷ D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon & CASTRO, Celso. (orgs). Op. cit., p. 98 Depoimento do general Carlos Alberto da Fontoura. a Maria Celina D' Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro.

²⁸ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. Op. cit., p. 16.

monótona mas segura existência em busca de um ideal expondo-se a morte mas com a glória de tê-lo perseguido.

Sólon - o Legislador - aparece ligado a construção de um modo de vida (deixado ou não como herança por alguma figura do arquétipo de Alexandre). Sua função é ditar as normas ou reaviva-las seguindo o exemplo dos “grandes ancestrais”.

Em outra passagem do livro de Oldack Miranda e Emiliano José é o próprio capitão que parece reivindicar para si esta condição de herdeiro:

*“Senti muito a morte de Guevara
Aquele 8 de outubro de 1967 para ele foi um castigo. Saiu do quartel
mais cedo e chegou em casa muito nervoso. Parecia que tinha perdido a
própria vida. Chorava, e de calção andava de um lado a outro, dava
murros na parede:
- Marina, perdemos um dos maiores líderes internacionalistas, mas na
vida é assim, ou se morre ou se vence, Che Guevara morreu, mas deixa
sua semente, raízes que não morrerão.”⁽²⁹⁾*

Além de neste momento aparecer como herdeiro do modo de Guevara, deixa claro em outros momentos a sua herança aos filhos: *“Vocês são felizes porque a mãe e o pai são revolucionários e vocês têm que ser também.”⁽³⁰⁾*

Por último o arquétipo de Moisés – o Profeta - que lidera e conduz o seu povo a um futuro que somente ele consegue ver através da História.

Encontramos uma fala extremamente lírica em uma reportagem da revista Veja na matéria de capa do dia 22/09/71 ao anunciar a morte do guerrilheiro: *“Extremamente vaidoso e sonhador, tudo indica que ele se via como um Alexandre Néviski tropical, cavalgando por planícies imaginárias à frente de tropas inexistentes”⁽³¹⁾*

²⁹ Idem, p. 41.

³⁰ Idem, p. 49.

³¹ REVISTA VEJA, 22/09/71 p. 25 Esta matéria foi capa e fez parte do “Livro do Ano” com as matérias que foram destaques do ano de 1971 que a revista editava.

AS PAIXÕES ETERNAS: o tema da “idade do ouro”

Este conjunto consiste no mais completo conjunto de características do mito político, segundo Raoul Girardet, pois apresenta “ao mesmo tempo ficção, sistema de explicação e mensagem mobilizadora”⁽³²⁾.

Seu núcleo principal é centrado na:

“restauração evidentemente incompleta, fragmentária, deformada, mas onde um refrão de canção, um certo vocabulário, os elementos de uma estética decorativa, as lembranças esparsas de usos abolidos vêm no entanto, recolocar na expressão do presente do gosto e da sensibilidade a imagem enobrecida de um passado mitificado”.⁽³³⁾

Em um artigo da Revista Veja sobre a descoberta do laudo de Lamarca encontramos uma passagem bem ilustrativa:

“Cerqueira⁽³⁴⁾ e o Ministério do Exército tiveram uma reação espalhafatosa ante a divulgação das fotos e do laudo. Pareciam ainda estar lutando contra Lamarca ‘não me interessa quantos tiros foram, se foram sete, foram poucos’, disse Cerqueira. Numa nota oficial, o Ministério do Exército registrou que Lamarca ‘sempre representará traição, deserção, terrorismo e quebra do juramento sagrado de um oficial’. Ambos parecem não esquecer nem perdoar o ridículo a que foram submetidos pelo capitão desertor.”⁽³⁵⁾

Não só o general Nilton Cerqueira e o Ministério do Exército recuperam o passado, também o autor do artigo ao recuperar a caçada em torno do “capitão desertor” como um momento de ridicularização que não adianta negar.

³² GIRARDET, Raoul. Op. Cit. p. 97

³³ Idem

³⁴ Nilton Cerqueira, na época major que comandou a operação Pajussara que acabou por encontrar e matar Lamarca.

³⁵ “Tiros nas Costas – Laudo mostra como morreu o capitão Lamarca”. In: REVISTA VEJA de 17/07/96 p. 40

O retorno do capitão através da descoberta do laudo cadavérico e das fotos do corpo de Lamarca foi bastante anunciado³⁶. E um artigo que merece destaque foi o publicado no Jornal Folha de São Paulo de 09/07/96 por Marilene Felinto:

‘Fatos antigos, que não se renovam, que não causam perturbação nos espíritos das gerações seguintes: como transformar em heróis os corpos crivados de bala, as caras contorcidas e torturadas de Carlos Lamarca e Carlos Marighela?’

As ossadas dos guerrilheiros do Araguaia, desenterradas nos confins de Tocantins recentemente, confundem-se com outras exumações de cadáveres feitas ainda ontem: todo documento é suspeito, todo laudo é técnico, todo passado histórico brasileiro, do mais remoto ao mais recente.

Impossível tirar heróis das imagens deformadas e, em última instância, derrotadas. Mais fácil apaixonar-se por Fidel Castro e Che Guevara – como fizemos, um grupo de amigas adolescentes e eu, no início dos anos 80, lendo a biografia desses revolucionários mitos latino-americanos.

Resta saber se a geração adolescente de hoje foi ao cinema assistir ao filme de Sérgio Rezende – ‘Lamarca – O Coração em Chamas’ e saiu apaixonada pelo capitão que desertou do Exército para combater o regime militar.

Nossa paixão por Castro e Guevara era romântica e ideológica. Desejávamos fisicamente aqueles homens barbados, armados e amoitados no escuro da Sierra Maestra.

Admirávamos a luta ousada contra os ianques. Líamos em voz alta as palavras de Fidel Castro: ‘A justiça continuará a ser feita, até que todos os criminosos do regime de Batista tenham sido julgados... Se os norte-americanos não estiverem gostando do que está acontecendo em Cuba, eles poderão desembarcar os ‘marines’ e, então, haverá 200 mil gringos mortos.’

Para a história dos guerrilheiros brasileiros, entretanto, meu olhar sempre foi de distanciamento e frieza, de desinteresse quase. Uma visão retrospectiva explica um pouco. Foram décadas ruins as de 60 e 70. Havia uma dureza no ar, uma constante ameaça de miséria na vida do lugar.

Na escola, meninos muito pequenos, éramos obrigados a formar fila, fardados como soldados, e cantar todo santo dia, no pátio, sob o sol a pino da 1h. da tarde em Recife, o Hino Nacional, de cor e salteado, sem errar um único verso. Anos depois, passei a sofrer de uma espécie de aversão ao bino.

Anos depois, quando tive consciência de que houve gente combatendo a dureza das fardas, gente torturada, morta e exilada, não senti qualquer

³⁶ A reportagem do Jornal O Globo de 07/07/96 sobre a descoberta do laudo cadavérico foi anunciada no programa Fantástico, da Rede Globo de 06/07/96 que de maneira geral não cultiva a prática de anunciar as manchetes do periódico. Também foi noticiada no Jornal Folha de São Paulo e Revista Veja.

emoção mais profunda. Sempre olhei com desdém a mistura de nostalgia e orgulho da geração velha, que participara da 'luta' e olhava a minha como alienada.

Era quase impossível perdoar àqueles guerrilheiros esforçados as centenas de hinos que cantei, a gravata apertada, a rigidez, a miséria. Impossível perdoar a derrota, a frustração, as duas décadas de ditadura, a vergonha de ser brasileiro.

Nos meus homens de Cuba, havia vitória nos olhos largos, no misto de força e ternura de Che Guevara, no corpo duro e grande de Fidel Castro. Na história falsificada do Brasil nunca houve com o que sonhar."³⁷⁾

Impressiona o passeio que as figuras citadas fazem no tempo. Logicamente não se trata de um retorno a um tempo bem-aventurado onde se tinha uma "intimidade protetora"⁽³⁸⁾, mas justamente a cobrança por não o terem concretizado transformam os brasileiros em fracassados?

A resposta a essa questão não nos interessa objetivamente. E sim compreender o quanto estas figuras foram capazes de suscitar na autora, o passeio temporal que realiza. Não em um tempo cronológico mas de sonhos. O retorno a um momento de paixões e desejos na década de 80 e posteriormente a outro de terror na infância, mas principalmente um tempo conservado em sonhos, que não pode ser substituído e que se encontra-se presente.

O artigo foi publicado em 09/07/96, dois dias após a divulgação do laudo cadavérico de Lamarca, em 07/07/96, e foi claramente motivado por este. A autora retornou aos anos 80 onde justifica a paixão e os sonhos despertados por Fidel e Guevara, neste momento da um salto a 1994 e faz um comentário crítico sobre qual o poder de suscitar sonhos o filme "Lamarca" de Sérgio Rezende teve sobre a geração que o assistiu, retorna aos anos 80. Passa pelos anos 60 e 70 onde recupera a impossibilidade de sonhar diante a dureza do momento para depois retornar aos anos 80 e defender-se de críticas feitas a sua geração. Críticas que faz também a geração que assistiu o filme de Sérgio

³⁷ FELINTO, Marilene (articulista). "Lamarca, Marighella e meus homens de Cuba". In: JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, de 09/07/96-cad. 2, p. 3.

³⁸ GIRARDET, Raoul. Op. cit. p. 97

Rezende, pois nem o filme foi capaz de motivar sonhos como a geração que o assistiu foi capaz de sonhar.

O tempo aparece como um todo, é um tempo presente e único.

“DOS FILHOS DESTE SOLO”: o tema da “unidade”

Quarta e última constelação a ser apresentada refere-se a “uma vontade una e regular”. Nesta vontade habitam o profano e o sagrado, o poder civil e o religioso, o bem e o mal, aquilo que está separado e deve ser unificado e o esforço para se conquistar a unificação.

Girardet recorre, entre outros, ao livro *Les soirées de Saint-Petersbourg*, de Joseph de Maistre para abordar o tema da “Unidade”:

“Quanto mais examinamos o universo, afirma Joseph de Maistre, mais nos sentimos levados a crer que o mal vem de uma certa divisão que não sabemos explicar, e que o retorno do bem depende de uma força contrária, que nos impele sem cessar para uma certa unidade igualmente inconcebível”⁽³⁹⁾

Os biógrafos de Lamarca ao lhe darem voz são bastante benevolentes:

“- Eu vim servir ao Exército pensando que o Exército estava servindo ao povo, mas quando o povo grita por seus direitos é reprimido. Aqui o Exército defende os monopólios, os latifundiários, a burguesia. O povo é sempre reprimido. Esse Exército é podre e eu não aguento mais.”⁽⁴⁰⁾

E também quando nos mostram as atitudes do então garoto de 17 anos:

“Aos 17 anos, abraça a carreira militar com o entusiasmo de quem, meses antes, se havia misturado às massas populares nas ruas do Rio de Janeiro,

³⁹ Idem, p. 142.

⁴⁰ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. Op. cit., p. 33. Este comentário teria sido feito por Lamarca a sua esposa Maria Pavan quando ainda era primeiro-tenente em 1966.

movilizadas em torno da campanha “O petróleo é Nosso”- a luta contra a invasão do capital estrangeiro no país.”⁽⁴¹⁾

Vemos então o povo representado como uma unidade que foi rompida por interesses privados e o Exército, conivente com isto, já não consegue satisfazer o seu desejo de unidade.

Recorrendo novamente a Girardet e este a *O Banquete* de Michelet; encontramos o sentido de harmonia presente no núcleo deste conjunto mítico:

“O banquete, esse é ainda o título de uma obra de Michelet publicada depois de sua morte, mas cujos fragmentos foram redigidos nos anos 1850 e que se acha inteiramente consagrada à exaltação dessa ‘bela harmonia viva dos corações’ que é o ‘milagre da associação.’⁽⁴²⁾

Mais a frente, ainda em Michelet; encontramos uma certa seleção ou identificação daqueles que seriam os convidados:

“O sonho de Danton, se se acredita em seus inimigos, era ver a França inteira, ricos e pobres indistintamente, todos os partidos reconciliados, sentados no mesmo banquete.”⁽⁴³⁾

Lamarca ao tentar explicar aos filhos o que era um revolucionário demonstra como deve ser e quem deve participar desta unidade.

“O que é um revolucionário? É toda pessoa que ama todos os povos, ama a Humanidade, tem uma imensa capacidade de amar, ama a Justiça, a Igualdade. Mas ele tem de odiar também, odiar aos que impedem que o revolucionário ame, porque é uma necessidade amar. Odiar aos que odeiam o povo, a Humanidade, a Justiça Social.”⁽⁴⁴⁾

Mas não é apenas neste cenário público que encontramos a figura da “Unidade”. Também no casamento esta constelação aparece:

⁴¹ Idem, p. 33.

⁴² Raoul Girardet, op. Cit. pp. 143-144.

⁴³ Idem, 144.

⁴⁴ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. op. Cit. p. 49.

⁴⁴ Idem, p. 173.

“Da condenação do casamento burguês à visão redentora do Casal sacerdote, guia espiritual de uma humanidade renovada, a caminhada adquiri, no caso, o valor de um testemunho singularmente revelador”.⁽⁴⁵⁾

Este tema do casamento mereceu até a distinção de ser título de um capítulo do livro de Oldack Miranda e Emiliano José⁽⁴⁶⁾, onde o perfil de Iara é demonstrado da seguinte forma:

“Mas com Iara foi diferente. Muito diferente de Maria Pavan, um amor quase fraternal, como que uma irmã de criação. Iara não, era uma mulher ousada, atraente e com uma profunda formação teórica e política”⁽⁴⁷⁾

O casamento aparece para expressar que não se trata de ações solitárias que iram satisfazer unicamente ao seu destemido autor. A união com Maria Pavan serve para a construção do perfil de um Lamarca dotado dos valores comuns a outras pessoas. Não se trata de um aventureiro no sentido mais irresponsável que essa palavra possa oferecer.

O casamento sacerdotal com Iara complementa a trajetória do homem que se rebela contra o regime militar e que produziu inúmeros “filhos”, como foram os movimentos pela anistia, pelo reconhecimento da responsabilidade por parte do governo das mortes de pessoas que estavam sob a guarda do Estado. São filhos desse casamento sacerdotal todos aqueles que se colocam contra aquele governo ditatorial e que reconhecem a figura de Lamarca como exemplo de luta, de idealismo, de doação.

⁴⁵ Idem, p. 173

⁴⁶ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. “Não Queria Trair Maria, Amava Iara”. In: LAMARCA – O CAPITÃO DA GUERRILHA. São Paulo: Global Editora, 1984, p. 57

⁴⁷ Idem, p. 58

CAPITULO V

AS IMAGENS DE LAMARCA, O IMAGINÁRIO SOBRE LAMARCA

As imagens aparecem com destaque na constituição de um mito político. Devem possuir um poder de síntese de toda a narrativa, de todo o contexto de onde a foi recortada.

Para analisarmos figuras da construção de Lamarca como personagem mítico temos que estar atentos ao que o fundamento histórico desse mito nos oferece e compreender sua iconografia a partir deste fundamento.

É necessário entendermos iconografia como “o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição a sua forma”⁽¹⁾. Recorremos à iconografia, e especialmente a Erwin Panofsky em *Significado nas artes visuais*, para tentarmos demonstrar alguns significados contidos nas imagens ou que podem vir a assumir na narrativa mítica.

Segundo Erwin Panofsky, estes significados podem ser divididos em três níveis:

1. Significado natural ou primários – É caracterizado pela junção de outros dois “subsignificados” básicos: o significado fatural e o significado expressional. O significado fatural é compreendido pela identificação das formas visíveis reconhecidas por experiências práticas. O significado expressional é o complemento do significado fatural acrescido de gestos, expressões corporais, faciais e empatia. Assim temos que as imagens de Lamarca possuem aspectos históricos que deve ser reconhecidos, como a farda, cores que foram modificadas para uma aproximação com a doutrina política que adotou. E é complementada com as expressões faciais, por exemplo, que lhe são imputadas nas figuras.

2. Significado secundário ou convencional – Relaciona-se com o Significado primário complementado pelo conhecimento de costumes e tradições culturais peculiares de uma dada civilização. Mais que isso, mais que complementar,

¹ PANOFSKY, Erwin *SIGNIFICADO NAS ARTES VISUAIS*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1955

para as imagens de Lamarca este significado convencional irá ter um caráter de transição para a um terceiro significado, o significado intrínseco, pois as imagens míticas possuem uma dinâmica muito mais viva que uma obra de arte individual.

3. Significado intrínseco ou conteúdo – Definido como um princípio unificador que explica os acontecimentos visíveis e sua significação inteligível. Determina a forma com o qual o acontecimento visível se manifesta. No mito Lamarca este tipo de significado é variado. Isto de acordo com o núcleo mítico pelo qual está sendo enfocado em um dado momento ou por um determinado analista.

Por regra deve-se tomar esta ordem de significados para uma análise. Ou seja, primeiro os significados naturais, depois os significados convencionais e, por último, os significados intrínsecos ou de conteúdo.

Ao trabalharmos dessa forma interpretativa iremos passar por três aspectos, o primeiro da Descrição Pré-Iconográfica, o segundo da análise iconográfica e, por último, a interpretação iconográfica.

Descrição Pré-Iconográfica é a identificação dos motivos, ou seja, linhas cores e volumes que representam objetos e eventos, nos baseando em experiências práticas.

“No caso de uma descrição pré-iconográfica que se mantém dentro dos limites do mundo dos motivos o problema parece bastante simples. Os objetos e eventos, cuja representação por linhas, cores e volumes constituem o mundo dos motivos, podem ser identificados, como já vimos, tendo por base nossa experiência prática. Qualquer pessoa pode reconhecer as formas e o comportamento dos seres humanos, animais, plantas e não possa distinguir um rosto zangado de um alegre. É claro, as vezes acontece, um dado caso, que o alcance de nossa experiência não seja suficiente por exemplo, quando nos defrontamos com um utensílio obsoleto ou desconhecido ou com a representação de uma planta ou animal desconhecido. Nesse caso precisamos aumentar o alcance de nossa experiência prática consultando um perito; mas mesmo assim, não abandonamos a esfera da experiência prática como tal, que nos indica é desnecessário dizer, o tipo de perito que se deve consultar.”⁽²⁾

² PANOFSKY, Erwin. Op. cit., 1955.

Mas pode ser possível descrever pré-iconograficamente uma obra de arte sem identificarmos sua interpretação histórica.

“...não devemos levar a crer que jamais nos seja possível dar uma correta descrição pré-iconográfica de uma obra de arte sem adivinharmos, por assim dizer, qual seu locus histórico. Embora acreditemos estar identificando os motivos com base em nossa experiência prática pura e simples, estamos, na verdade, lendo “o que vemos”, de conformidade com o modo pelo qual os objetos e fatos são expressos por formas que varia segundo as condições históricas. Ao fazermos isso, submetemos nossa experiência prática a um princípio corretivo que cabe chamar de história do estilo.”³⁾

Análise Iconográfica – A análise iconográfica trata-se do reconhecimento histórico e contextual do ícone representando, o que vem a ser influenciado pelas condições sócio – culturais, religiosas e étnicas, isto é, aplicando o conhecimento literário aos motivos. Uma vez que um:

“...bosquíano australiano não seria capaz de reconhecer o assunto da ‘Última Ceia’; esta lhe comunicaria apenas a idéia de um jantar animado. Para compreender o significado iconográfico da pintura, teria que se familiarizar com o conteúdo do Evangelho.”⁴⁾

Interpretação Iconológica.

“Finalmente, a interpretação iconológica requer algo mais que a familiaridade com conceitos ou temas específicos transmitidos através de fontes literárias. Quando desejamos nos assenhorar desses princípios básicos que norteiam a escolha e apresentação dos motivos, bem como da produção e interpretação de imagens, estórias e alegorias que dão sentido até os arranjos formais e aos processos técnicos empregados, não podemos esperar encontrar um texto que se ajuste a esses princípios básicos, como João 13:21 se ajusta a iconografia da Última Ceia. Para captar esses princípios, necessitamos de uma faculdade mental comparável à de um clínico nos seus diagnósticos – faculdade essa que só me é dado descrever pelo termo bastante desacreditado de uma ‘intuição sintética’, e que pode ser mais desenvolvida num leigo talentoso do que num estudioso erudito.”⁵⁾

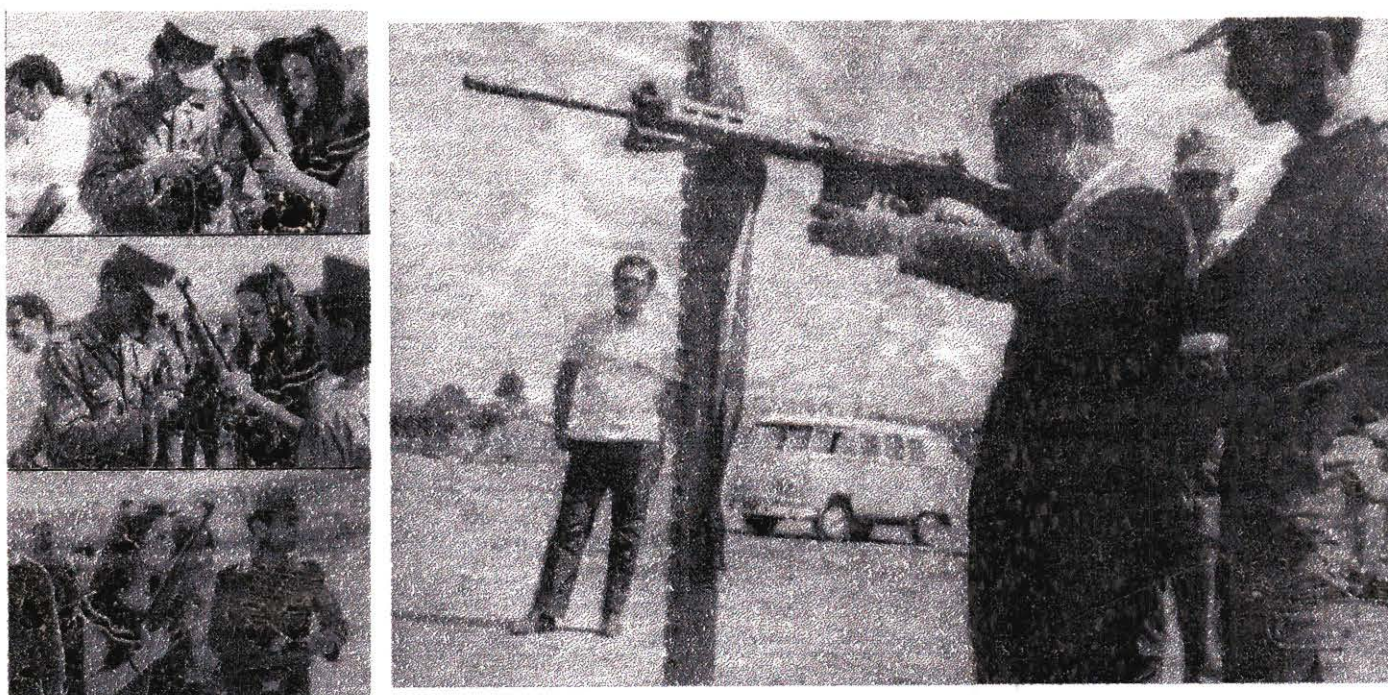
³ Idem

⁴ Idem

⁵ Idem

Como vimos é preciso para uma análise iconográfica que tenhamos algum conhecimento anterior sobre os elementos que contidos na imagem. Estes elementos devem fazer sentido na composição da mensagem, assim como do contexto histórico onde esta se insere. É dessa forma que iremos estudar algumas das imagens de Lamarca.

AS PRIMEIRAS FOTOS - AS FOTOS COMO INSTRUTOR DE TIROS



As primeiras imagens de Lamarca, personagem mítico, foi uma série de fotos realizadas em treinamento de tiro para bancários do Banco Brasileiro de Descontos – Bradesco e até para um diretor e mais tarde governador de São Paulo, Laudo Natel, para que estes pudessem reagir a aos assaltos impetrados por “terroristas”. São bastante conhecidas e reaparecem freqüentemente em jornais e revistas⁽⁶⁾

⁶ Estas fotos ou detalhes delas são encontradas no Jornal Folha de São Paulo – Caderno Folhetim “O Diário de Lamarca” de 10 de julho de 1987– Folha de São Paulo 4º caderno p. 1, reportagem sobre o Livro de

Foram tiradas no dia 22 de janeiro de 1969, dois dias antes da deserção do capitão, no 4º Regimento de Infantaria de Quitaúna, na Grande São Paulo e parecem representar a existência uma certa integração entre os setores da sociedade que encontram no Exército tanto a imagem de tutor da ordem, como do abnegado servidor da nação e representante onipresente do Estado que paira sobre a sociedade calma e ordeira rumo a um destino altaneiro reservado a nação.

“Instantâneos” pouco naturais, esta série de fotos mostra o capitão fardado anotando dados, explicando detalhes das armas ao lado de uma bancária, morena, bem vestida e também ao lado de um diretor do Banco Brasileiro de Descontos. Junto a este diretor a posição de Lamarca mais parece de um cordial abraço e não de ajuste para uma posição de tiro. Pode-se notar que estas fotos seriam utilizadas para demonstrar haver uma integração entre o Exército e a sociedade civil.

A figura do capitão evidentemente representa o Exército, a bancária representa o trabalhador e numa postura que hoje se considera politicamente correta o fato de ser uma mulher pode ser bastante sugestivo e o poder político civil assim como o potencial econômico do país é reconhecido na figura de Laudo Natel.

A bancária que aparece nas fotos não parece estar vestida para uma aula de tiro. Está visivelmente maquiada, com pulseira onde se destaca um pingente em forma de figa, vestido e com uma arma longa e pesada. Tal arma não parece ser a indicada para uma reação rápida, a não ser que já estivesse com a arma pendurada ou empunhada, mas este não é o caso dos funcionários que trabalham no caixa de um banco.

A escolha de Lamarca e o destaque recebido nas fotos, já que ainda não era um nome conhecido, parece ter sido em função de sua fama como

campeão de tiro e também da patente. Capitão não é uma patente considerada do alto escalão, em geral é alcançada por volta dos trinta anos. Nesta idade o militar está apto a aliar o vigor físico a certa maturidade necessária para a ação. Seu contato se dá mais diretamente com a tropa no cumprimento de ordens e não com as decisões do comando. Além disso trata-se de um filho de sapateiro que conseguiu, ainda jovem, uma certa estabilidade e ascendência social o que transmite a idéia de um Exército popular e democrático onde o indivíduo alcança seus objetivos através da sua virtude e não da casta a que pertence. Essa tese de Exército de base popular foi utilizada até por Luís Carlos Prestes⁽⁷⁾ para explicar o grande número de militares nas fileiras do partido comunista, ele mesmo ex-capitão de engenharia do Exército.

O episódio destes treinamentos poderia ter abreviado a trajetória do revolucionário, pois no final de 1968 o militante Antônio Roberto Espinosa, que o desconhecia como militante, ao descobrir que era o instrutor de tiro para as bancárias chegou a propor o seu justicamento⁽⁸⁾ e levou o militante Wellington Moreira Diniz a elaborar planos para mata-lo⁽⁹⁾.

Pois bem, em relação a estas fotos podemos considerar que duas constelações míticas estão presentes, a da “Unidade” e a da “Conspiração”.

A divulgação destes treinamentos foi feita com a intenção de propaganda. Por isto as imagens dos vários setores trabalhando juntos sob a guarda do Exército denota uma “Unidade” onde todos indistintamente estariam

⁷ GORENDER, Jacob. *COMBATE NAS TREVAS*. São Paulo: Ática, 1987, p. 53. Transcrição de entrevista de Luís Carlos Prestes a TV Tupi, também transcrita no suplemento especial de *Novos Rumos*. Nesta entrevista o secretário geral do PCB afirmou “As forças armadas no Brasil têm características muito particulares, muito diferentes de outros países da América Latina. Uma das questões específicas da revolução brasileira é o caráter democrático, a tradição democrática das Forças Armadas, particularmente do Exército. No Exército brasileiro, esse democratismo vem de longe. A oficialidade do Exército era recrutada, em geral, entre a pequena burguesia mais pobre. Eu mesmo, que estou lhe falando só fui para a Escola Militar porque era o único lugar onde poderia estudar Engenharia (...) Quer dizer, a pequena burguesia mais pobre ia justamente para a Escola Militar, e isso deu um caráter democrático, particularmente ao Exército brasileiro, que participou e vem participando, em geral, de todas as lutas do nosso povo...”

⁸ PATARRA, Judith Lieblich. *IARA, REPORTAGEM BIOGRÁFICA*. Rio de Janeiro: Editoras Rosa dos Tempos, 1993, p. 292

⁹ CARVALHO, Luiz Maklouf. *MULHERES QUE FORAM A LUTA ARMADA*. São Paulo: Editora Globo, 1998, p. 144.

unidos sob a mesma vontade. O interesse dessas fotos é evidenciar a existência e convidar a participação de todos nessa união.

O convite é endereçado para o grande público de classe média baixa para que optem de maneira “correta” sobre o presente e o futuro. As imagens são de pessoas que através do seu trabalho conseguem alcançar uma situação social e financeira estável e um futuro sem maiores problemas. Isto é oferecido para aquele que através do “amor” ao seu emprego traduz seu “amor” a pátria. Este convite deixa bem claro para quem estes benefícios são possíveis, marca bem o lado “correto” sem mencionar o lado “incorreto” e isto é feito de forma pedagógica, que ensina o caminho a seguir rumo aos benefícios desta união.

O que encontramos nestas fotos são dois elementos míticos, um explicativo, demonstrando que naquele momento existe uma união de “toda sociedade” em defesa da ordem e da prosperidade, outro, um elemento mobilizador ao sugerir a adesão a esta união.

O discurso pedagógico destas fotos sugerem que a observação de Girardet a respeito de uma das características da constelação mítica da “Unidade”:

“O fato de que a exigência unitária constitui o próprio eixo da narrativa, o núcleo central em torno do qual ela se articula, explica o caráter obrigatoriamente unívoco, para não dizer maniqueísta, do discurso. Não se trata por parte do narrador, de demonstrar qualquer neutralidade, de justificar, quando se apresentam posições adversas, de mencionar as razões suscetíveis de ser invocadas de uma parte e de outra.”⁽¹⁰⁾

Portanto este caráter pedagógico é encontrado no personagem Lamarca antes mesmo de sua saída do Exército. E sugere o quanto o momento histórico favorece o discurso mítico. Mesmo que jamais tivesse deixado o Exército a intenção desse discurso quando naquele momento a luta armada já estava ocorrendo, permaneceria. Logicamente sem se oferecer com tanta nitidez

¹⁰ GIRARDET, Raoul. MITOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 162.

para a análise. Lamarca desertou e a sua presença nas fotos as tornou muito mais conhecidas do que a princípio poderia se supor.

A deserção transforma substancialmente a mensagem que as fotos passam a veicular. A figura agora é a da necessidade de se armar para defender aquela suposta “Unidade”. Um detalhe de uma dessas foto é publicado na Revista Veja⁽¹¹⁾ para anunciar a fuga do capitão. Neste apenas o capitão aparece e seu rosto é o destaque.

Outra constelação mitológica aparece nestas fotos. Agora a “Conspiração” é vista.

E pode ser vista em seu sentido forte, pois o Mal conseguiu infiltrar na “mais” segura das instituições, o próprio Exército, e a ação para contê-lo se justifica. Ao mesmo tempo se rompe a fronteira daquela “Unidade” onde não era identificado o Mal, ou seja naquela “Unidade” o discurso pedagógico mostrava um mundo de “Luz”, um mundo legal, neste momento o Mal sorrateiramente se infiltrou, caminhou nas sombras para poder quebrar esta harmonia. O rapaz de futuro brilhante e seguro assume agora a imagem de todo esse Mal.

Lamarca não é visto como uma vítima ou sido seduzido, ao contrário, a partir de agora se torna o próprio rosto do Mal, algo com o que se pode identifica-lo , ataca-lo; “O Mal que se sofre, e mais ainda, talvez, aquele que se teme, acha-se doravante muito concretamente encarnado”⁽¹²⁾.

A mudança em relação as fotos vai acompanhar mudança que ocorre em relação ao ex-capitão. Se dois dias antes da deserção ele poderia ser utilizado para compor a imagem de “Unidade” agora como expressão do Mal, aparece quase como uma névoa por trás daquelas imagens. Mas assim como na imagem do Exército que representava, ao encarnar o Mal sua imagem continua onipresente, só que agora ameaçadora, vagando em torno da união, se

¹¹ REVISTA VEJA, de 21/05/69 p. 18

¹² Girardet, Raoul. Op. cit., p. 55.

infiltrando, caminhando sorrateiramente pelas sombras, possuindo uma força que não é individual e misteriosamente poderosa.

Eis como aparece a ficha que o apresenta como desertor:

“Carlos Lamarca João’, filho de Antônio Lamarca, natural do Rio de Janeiro, nascido a 27-10-37, ex-capitão do Exército, título de eleitor nº 12.652 de 1-6-60. É magro, 1,70 m de altura, olhos escuros. Nervoso e exímio atirador. Autor do roubo de armas do 4º Regimento de Infantaria de Quitaúna, e dos assaltos a bancos na Rua Piratininga no dia 9”.⁽¹³⁾

O militar que antes aparecia amistoso, calmo e atencioso nos treinamentos já não possui mais esse perfil, mas ainda não é a completa expressão do Mal. Esta imagem só vai estar completa quando é enviado pelo DOPS à Segunda Auditoria, o inquérito sobre Lamarca:

*“INQUÉRITO DO DOPS DE SÃO PAULO
ENVIADO À SEGUNDA AUDITORIA*

Carlos Lamarca – vulgos João, César, ex-capitão do Exército, era o melhor atirador do regimento, instrutor de tiro dos funcionários do Branco Brasileiro de Descontos. Durante as manobras de treinamento contra guerrilha realizadas pelo Exército com o sentido de treinamento, poucas vezes ficava do lado dos ‘legais’, preferindo combater com os ‘guerrilheiros’. Atual membro da VPR – Vanguarda Popular Revolucionária, é acusado de participante ou responsável das seguintes ações:

- 1. Assalto à Pedreira Cajamar.*
- 2. Assalto à Pedreira Fortaleza.*
- 3. Atentado a bomba ao consulado norte-americano em São Paulo.*
- 4. Atentado a bomba ao jornal O Estado de S. Paulo.*
- 5. Atentado a bomba à loja Sears, na Lapa.*
- 6. Atentado ao Quartel-General do II Exército, do que resultou a morte de um soldado.*
- 7. Assassinato do capitão norte-americano Charles Chandler.*
- 8. Morte de um sentinela do Quartel da Força Pública no Barro Branco.*

¹³ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. LAMARCA, O CAPITÃO DA GUERRILHA. São Paulo: Global Editora, 1984, p. 55.

9. *Roubos de armas na Casa Diana.*
10. *Assalto ao Hospital Militar no bairro do Cambuci.*
11. *Assalto ao carro pagador da Massey-Ferguson.*
12. *Assalto ao trem pagador da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí.*
13. *Assalto ao Banco Brasileiro de Descontos, agência Rudge Ramos.*
14. *Assalto ao Banco do Comércio e Indústria de São Paulo.*
15. *Assalto ao Banco do Estado de São Paulo, agência da rua Iguatemi.*
16. *Assalto ao Banco do Comércio e Indústria de São Paulo.*
17. *Outro assalto ao mesmo Banco do Estado de São Paulo da rua Iguatemi.*
18. *Furtos de um caminhão, um jipe, 22 automóveis e três camionetes.*¹⁴

Este é o perfil novo perfil da imagem de Lamarca. Praticamente todas as principais ações dos grupos de esquerda são creditadas a ele.

Com todo esse poder creditado a sua imagem, aquelas fotos onde aparecia ao lado de banqueiros e bancários não são mais publicadas por inteiro, agora aparece apenas em detalhe¹⁵ como na Revista Veja para anunciar a sua fuga. Está separado das companhias com as quais compunha a “Unidade”, apenas seu rosto aparece, de frente, (porém o boné impede que se veja por completo o rosto). Esta imagem depois vai ser substituída, por uma outra foto, a que aparece nos cartazes de Procura-se, onde aparece com os cabelos maiores e traja um terno visivelmente surrado.

Este movimento em torno é interessante, pois vai da composição de uma “Unidade” até o perigo de sua decomposição através do poder da “Conspiração”. Aos poucos as imagens vão sendo selecionadas passando de uma série de fotos até a publicação apenas de um detalhe de uma das fotos, até ser substituída por uma outra, a dos cartazes de procurados, que não mais possui vínculo algum com a “Unidade”, representa apenas o Mal encarnado da “Conspiração” que aspira romper aquela estável união representada na série completa destas fotos.

¹⁴ PAIVA, Marcelo Rubens. NÃO ÉS TU, BRASIL. São Paulo: Mandarin, 1996, p. 37

¹⁵ REVISTA VEJA, 21/05/69 p. 18

A IMAGEM DA CAPA DO LIVRO E A FOTO DO “CHE”



Outra imagem bastante conhecida de Lamarca é a de um retrato para documento, a foto dos cartazes de terroristas procurados, onde aparece de terno e gravata com os cabelos desalinhados. Foi utilizado na confecção de uma gravura do artista Elifas Andreato para a capa do livro “Lamarca, O Capitão da Guerrilha”.

Esta gravura se assemelha em alguns detalhes com a famosa foto de Ernesto “Che” Guevara feita pelo fotógrafo cubano Alberto Korda.

Na sua forma mais conhecida, esta foto é apresentada em quase todos os locais públicos cubanos tendo um fundo vermelho. Isto acontece nos ginásios de

esporte e em prédios como no Ministério do Interior onde a silhueta do rosto de “Che” na foto foi feita em metal por toda a extensão da parede.

A gravura de Lamarca apresentada na capa do livro sofre claramente um processo de aproximação com esta foto, a começar pela troca do terno da foto original para uma camisa de tom avermelhado. Esta troca também aproxima as duas imagens no sentido de que a foto de “Che” é um instantâneo e a de Lamarca é posada. A gravura do livro quebra um pouco este sentido estático e nos remete ao movimento da narrativa da sua saga guerrilheira.

Assim como “Che”, Lamarca também olha para o porvir, para um futuro que apenas o guerrilheiro visionário pode enxergar. Os olhos de “Che” parecem mais serenos, olha de uma forma mais abstrata, como se olhasse o futuro da humanidade. “Che” não se mostra preocupado com a libertação de países e sim dos homens, se preocupa com a construção do novo homem latino-americano.

Na gravura de Lamarca o olhar também está carregado de expressões. Há algo de aflição e esperança simultaneamente, e existe uma diferença para com o olhar do “Che”. O de Lamarca é um pouco mais objetivo, não olha para o futuro da humanidade, olha para um povo oprimido para uma ditadura concreta .

Os cabelos, apesar da diferença de comprimento são também aproximados nas pontas que aparecem. Na foto que serviu de base para esta gravura realmente existem algumas pontas de cabelo fora de alinhamento, mas o destaque que recebe na gravura é de ser registrado.

Estas imagens nos revelam toda a dinâmica das narrativas em torno desses personagens.

O olhar solitário é relacionado com o poder de saber para onde seguir, com a capacidade de conduzir a sociedade por estes caminhos que apenas seu olhar pode vislumbrar. Através de seu poder em ver e guiar seu povo alcança o tempo de felicidade e fartura.

São imagens de que chamam para a aventura, uma aventura ocorrida em um espaço bem conhecido. Na “Unidade” da América Latina, sua luta por uma

segunda independência contra o complô do imperialismo Norte-Americano e a luta contra a ditadura militar no Brasil.

Os elementos contidos são facilmente identificados. A cor avermelhada da camisa de Lamarca o aproxima da doutrina marxista e também com um fogo que arde no peito do personagem. O movimento dos cabelos que nos remete a ação, a aproximação com de “Che” e aos desejos expressos por essa figura. Estes são elementos que nos levam a pensar nesta gravura como um imagem que é parte da construção do mito Lamarca.

LAMARCA NO NECROTÉRIO E “CHE” NA LAVANDERIA DO HOSPITAL



A semelhança mais evidente ~~são~~ entre as fotos que apresentam os cadáveres dos dois guerrilheiros. Estas imagens já foram também relacionadas com o quadro “Aula de Anatomia” de Rembrandt. 5/

Se o método que mais nos oferece condições para a análise dos mitos adverte para que antes temos que aproxima-los através de um núcleo central, e o método que utilizamos para a interpretar as imagens parte de um princípio de

conhecimento anterior sobre o contexto que a imagem se encontra estas duas coisas são oferecidas nestas fotos com muita nitidez

Primeiro a aproximação entre Lamarca e “Che” é feita para quem sabe de quem se trata Lamarca como “Che” e o quadro de Rembrandt da um ar de nobreza a cena. Neste caso a aproximação entre os personagens não vai servir para informar aquele que está diante das imagens, o que vai ocorrer é um dimensionamento deste personagens e das mensagens contidas.

O contraste entre o corpo morto e os olhos abertos é muito interessante. O corpo suado e esgotado chegou ao fim de seu caminho. Tudo o que podia fazer foi feito. O aspecto humano do personagem terminou e o olhar denuncia a sobrevivência dos ideais, o porvir que ainda será concretizado. Mostra toda a emoção do momento singular e cruel onde o Mal tenta eliminar, de maneira inglória, o Bem. Este triunfa sobre a morte física.

Estas fotos apresentam uma enorme semelhança, e o seu poder de mobilização está contido nestes contrastes entre morte e vida.

Ao aproximarmos as imagens de “Che” e Lamarca estamos aproximando todas as virtudes que se possam atribuir tanto a um quanto a outro.

CAPÍTULO VI

SINCRONIAS ENTRE “CHE” e LAMARCA

Não é somente nas fotos, como foi visto no capítulo anterior, que existe esta aproximação entre os personagens de Carlos Lamarca e “Che” Guevara. Existe uma série de “coincidências” na trajetória destes dois personagens.

Ambos tiveram duas esposas. A primeira esposa de Carlos Lamarca foi Maria Pavan que é apresentada no livro de Oldack Miranda e Emiliano José como sendo uma mulher amiga e companheira, não se envolveu diretamente com a opção política de Lamarca. A primeira esposa de “Che”, foi com Hilda Gadea Acosta esteve junto ao “Che” na Guatemala e quando entrou em contato com o grupo cubano que pretendia derrubar a ditadura de Fulgêncio Batista.

A segunda mulher com quem Lamarca teve um relacionamento mais prolongado foi Iara Iavelberg, psicóloga, professora e militante política, que atuou na orientação política do grupo militar de Quitauína, do qual fazia parte Lamarca antes da fuga. A segunda esposa de “Che” Guevara era Aleida March que é apresentada como professora e companheira em Sierra Maestra. Mas as fotos mais conhecidas de Aleida em nada aparece a guerrilheira e sim a mãe de família.

Nesta coincidência de ambos terem duas mulheres, encontramos alguns elementos para serem analisados.

A primeira esposa de Lamarca, Maria Pavan, era uma mulher para ser “mãe de família e não heroína”⁽¹⁾. Esta imagem de Maria Pavan é utilizada para compor a imagem de um homem comum. Foi educada para ser mãe de família abstraímos também a imagem do companheiro, um pai de família, alguém que possui uma vida comum como a de qualquer outra pessoa. A importância dessa imagem é fundamental para a construção do arquétipo de Alexandre pois ajuda a

¹ REVISTA VEJA, 04/05/94 pag. 118. Depoimento de Maria Pavan quando do lançamento do filme de Sérgio Rezende.

compor o quadro com o qual o personagem vai romper. Ao mesmo tempo tem a intenção de transforma-lo em uma pessoa tão simples e comum como o leitor dessas narrativas.

O arquétipo de Alexandre vai romper com esta realidade, “rasga a farda, aposta noutro futuro” neste futuro vamos encontrar a figura da segunda companheira de Lamarca. Iara é apresentada de forma diferente.

‘Mas com Iara foi diferente. Muito diferente de Maria Pavan, um amor quase fraternal, como que uma irmã de criação. Iara não, era uma mulher ousada, atraente e com profunda formação teórica e política.’⁽²⁾

Com “Che” Guevara há uma inversão pois será a sua primeira esposa que será mostrada como a revolucionária. É Hilda Gadea que ira apresentar o jovem médico argentino a aventura ao acompanhá-lo na Guatemala e no México quando “Che” se aproxima do grupo de Fidel Castro. Enquanto que Aleida March, mesmo sendo também uma das guerrilheiras que estavam em Sierra Maestra é mais vista como a mãe dos filhos do segundo homem mais importante de Cuba. Realidade contra a qual o “Che” se rebela e sai para fazer a sua guerrilha na Bolívia.

Maria Pavan e Aleida March cumprem o papel de criar a existência monótona contra a qual os personagens de Lamarca e “Che” se rebelam. Enquanto que Iara e Hilda Gadea são a representação do futuro de aventura pelo qual optaram Lamarca e “Che”.

No caso do “Che” a ordem desses relacionamentos pode parecer a primeira vista que esta invertida já que chamado para a aventura é representado no primeiro casamento e a existência monótona no segundo casamento. O “Che”, ou melhor as narrativas míticas do “Che” vão ser criadas de maneira que o garoto determinado e doente, que viaja por todo o continente da América do Sul de motocicleta, que trabalha em leprosários vai se encontrar com seu destino

² Lamarca – O Capitão da Guerrilha, p. 58

quase que naturalmente, praticamente não há um momento de rebeldia, pois toda sua existência o leva-o para este caminho. O papel desempenhado por Hilda Gadea é o de conduzi-lo por este caminho, ao qual já aspira e deseja. No entanto é quando consegue realizar algo imponente, quando pode acabar sua existência tranqüilamente como importante figura do cenário político mundial é que há a ruptura, “rasga a farda” é se lança novamente no caminho natural onde Hilda Gadea foi fundamental ao lhe dar a possibilidade de realizar aquilo a que estava predestinado. Ou seja, a importância de Hilda Gadea é posteriormente recuperada.

No personagem Lamarca é Iara que vai cumprir este papel de ruptura com a existência monótona, mas a narrativa de Lamarca apresenta uma linearidade maior. Em sua trajetória não há um intervalo paz entre os períodos de guerra como a do “Che”.

Outra coincidência entre os dois personagens é quanto a doenças na infância. A famosa asma de “Che” Guevara levou a sua família a mudar de cidade a procura de um local onde o clima não fosse tão severo com o garoto. Os primeiros sintomas dessa doença aconteceram antes que completasse dois anos, porém uma outra doença lhe ocorreu quando tinha apenas quarenta dias de vida, uma pneumonia⁽³⁾.

O garoto Lamarca também sofreu com uma pneumonia dupla quando tinha dois anos de idade e que graças a um diagnóstico errado, lhe deram por tuberculoso, foi considerado desenganado mas sobreviveu.

Estas doenças são citadas por terem um papel importante nas narrativas pois a partir delas o perfil dos personagens vão sendo construídos. Através do combate as doenças inicia-se a composição do ambiente familiar.

No caso do “Che” Guevara vemos a dedicação dos pais em procurar cidades onde o clima fosse favorável ao garoto:

³ “Vida e Morte de Um Mito”. In: REVISTA CAROS AMIGOS, Ed. Especial 10/97. P. 4

“A família mudava muito de cidade, em busca de um clima melhor para o garoto, até parar em Alta García, na região serrana de Córdoba, onde ele vai crescer.”⁽⁴⁾

Dedicação que ocupa grande parte do tempo dos pais.

“À noite, muitas vezes Guevara Lynch⁽⁵⁾ dormia sentado na cama do filho, com a cabeça do menino pousada em seu peito para ajudá-lo a suportar os ataques de asma. Ernesto tinha quatro irmãos e uma amistosa vida familiar. Nós vivíamos uma boa vida. Eu passava meu tempo com o menino. Ensinei-o a atirar, a nadar e o levei para jogar futebol e rugby. Cuidava para que no verão passasse três horas por dia na piscina, para relaxar seus músculos do peito e permitir que respirasse melhor”, recordou o pai, anos mais tarde”⁽⁶⁾

Na biografia de Oldack Miranda e Emiliano José este assunto é abordado sem detalhar a dedicação mas afirmando o favoritismo em torno do filho doente da seguinte forma:

“Nascido no Estácio, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, a 27 de outubro de 1937, o menino Carlos Lamarca agitou a família com apenas dois anos de idade: foi desenganado pelos médicos que o deram como tuberculoso. Sobreviveu. Tratava-se de uma pneumonia dupla, mas a comoção tornou-o favorito entre os seis filhos.”⁽⁷⁾

É a partir dessas doenças que o caráter dos garotos vão sendo construídos nas narrativas. Logo no parágrafo posterior ao acima citado é apresentada a lembrança que Walter, irmão de Lamarca, tinha do garoto.

“Seu irmão Walter Lamarca guardou dele uma imagem de um garoto decidido. Não gostava de perder e sempre conquistava a liderança nas brincadeiras de rua. Na primeira comunhão foi orador e, desde o primário, na Escola Canadá, ainda no Estácio, até no Instituto Arcoverde, colégio de

⁴ Idem

⁵ Ernesto Guevara Lynch, arquiteto e engenheiro civil, pai de Ernesto Guevara de La Serna, o “Che” Guevara.

⁶ KELLNER, Douglas. ERNESTO CHE GUEVARA. São Paulo: Nova Cultural, 1989 pp. 15/16.

⁷ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. LAMARCA – O CAPITÃO DA GUERRILHA. São Paulo: Editora Global, 1984, p. 33.

padres, onde completou o colegial, se destacava na classe. Essa persistência levou-o a ser o único dos filhos a alcançar o curso superior. Adolescente, cultivava a disciplina, o que se refletia até no uniforme escolar impecavelmente engomado”.⁽⁸⁾

O garoto Ernesto Guevara de La Serna também enfrentou a doença com galhardia e também é um parente próximo quem depõe sobre isto:

“Nós escutávamos como ele ofegava, víamos como se deitava no chão para facilitar a respiração. Mas jamais se queixava. Para ele, tratava-se de um desafio.

Uma tia de Che.”⁽⁹⁾

Vemos que as doenças são utilizadas para demonstrar a firmeza, a determinação, a persistência, a superação dos personagens. Desde cedo colocados diante de dificuldades conseguiram vencer e quando adultos e graças as suas virtudes e ao caráter forjados na infância conseguem, superar, ir além, dedicarem a seus ideais a vontade e a determinação que tinham em relação a própria existência. Ou seja a partir da sua própria luta pela vida é que os personagens serão capazes de se doar completamente aos seus ideais revolucionários.

O homem providencial surge da sua condição comum, neste caso da realidade das crianças do continente e da forma como superam estas dificuldades. Partem dessa situação para se diferenciar no futuro.

Neste sentido um outro paralelo pode ser traçado, é a história de Jesus Cristo. Também Jesus Cristo se fez comum, se tornou um igual para poder posteriormente se diferenciar e realizar a salvação.

Os ideais também aparecem na mesma época tanto para Lamarca como para “Che”.

Lamarca:

⁸ Idem

⁹ KELLNER, Douglas. Op. cit., p. 16.

“Aos 17 anos, abraça a carreira militar com o entusiasmo de quem, meses antes, se havia misturado às massas populares nas ruas do Rio de Janeiro, mobilizadas em torno da campanha ‘O Petróleo é Nosso’ – a luta contra a invasão do capital estrangeiro no país.”⁽¹⁰⁾

Em “Che”:

“No final de 1944, quando Guevara tinha 17 anos, sua família mudou-se para Buenos Aires, capital e centro da vida cultural e política da Argentina. Ele havia decidido estudar medicina, mas continuava atraído por viagens e aventuras.”⁽¹¹⁾

É interessante notar que a citação a idade de “Che” pode muito bem ser questionada pois, segundo a Revista Caros Amigos em edição especial de outubro de 1997, ele só teria terminado os estudos e a família se mudado para Buenos Aires dois anos mais tarde, ou seja quando tinha 19 anos.

Nos interessa as coincidências das narrativas e vemos esta das idades é complementada pelos motivos que os levaram a optar pelas profissões:

No livro de Oldack Miranda e Emiliano José é o próprio Lamarca que explicita os seus motivos:

“- Eu vim servir ao Exército pensando que o Exército estava servindo ao povo, mas quando o povo grita por seus direitos é reprimido. Aqui, o Exército defende os monopólios, os latifundiários, a burguesia. O povo é sempre reprimido. Esse Exército é podre e eu não agüento mais.”⁽¹²⁾

Para “Che” a opção foi motivada por um acontecimento familiar, mas também despertou o desejo de servir, no seu caso este servir é literalmente salvar vidas:

“Pensava em estudar engenharia, mas a morte da avó, à qual era muito ligado e de quem assiste à morte, leva-o a decidir-se pela medicina.”⁽¹³⁾

¹⁰ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. Op. cit., p. 33.

¹¹ KELLNER, Douglas. Op. cit., p. 16

¹² MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. Op. cit., p. 33

¹³ KELLNER, Douglas. Op. cit.

A mesma situação incômoda que Lamarca sente em relação ao Exército, ou seja quando está exercendo a sua profissão, vai ocorrer com “Che” quando em viagem pelo continente vai entrando em contato com trabalhadores, povos indígenas, e trabalhando em leprosários;

“Dessa viagem ficará um diário pelo qual se nota sua crescente politização e o choque que lhe provocam a pobreza, a injustiça e a arbitrariedade que encontrou pelo caminho. O hábito de escrever diários irá acompanhá-lo até seus últimos dias, na Bolívia.”⁽¹⁴⁾

Para esta questão profissional temos que ficar atentos que o ideal de servir é o motivo das opções, no entanto a medida que o caminho escolhido não consegue satisfazer o ideal inicia-se o processo de ruptura.

Lamarca e “Che” escreveram cartas aos filhos, as cartas do “Che” são uma carta parabenizando a filha Hildita pelo 10º aniversário e outra de despedida que deveria ser lida apenas após a sua morte. A de Lamarca foi enviada aos filhos que viviam em Cuba enquanto o pai tentava fazer a revolução.

Existem nestas cartas algumas semelhanças:

“Hildita querida:

Hoje te escrevo, embora a carta demore muito a chegar às tuas mãos; mas quero que saibas que me lembro de ti e espero que estejas passando um aniversário muito feliz. Já és quase uma mulher e já não é possível escrever-te como às crianças, contando tolices e mentirinhas.

Deves saber que estou e estarei durante muito tempo longe de ti, fazendo o que posso para lutar contra nossos inimigos. Não que seja muita coisa, mas alguma coisa estou fazendo e creio que poderás sempre te orgulhar de teu pai, assim como eu me orgulho de ti.

Lembra-te de que ainda faltam muitos anos de luta e, mesmo quando fores mulher, terás que fazer tua parte na luta. Enquanto isso, tens que preparar-te, ser muito revolucionária, o que na tua idade, significa aprender muito, o mais que for possível e estar pronta para apoiar as causas justas. Além

¹⁴ REVISTA CAROS AMIGOS, Ed. Especial 10/87, p. 4.

disso, obedecer à tua mãe e não te julgares capaz de tudo antes do tempo. O tempo chegará...

Deves lutar para ser das melhores alunas na escola. Melhor em todos os sentidos; já sabes o que quero dizer: estudo e atitude revolucionária, isto é, boa conduta, seriedade, amor à revolução, companheirismo, etc.

Eu não era assim quando tinha a tua idade, mas vivia numa sociedade diferente, onde o homem era inimigo do homem. Tens agora o privilégio de viver em outra época e tens que ser digna dela.

Não te esqueças de olhar pela casa, de vigiar os outros garotos e aconselhá-los a que estudem e se comportem bem, principalmente Aleidita, que te respeita muito como irmã mais velha.

Bem, querida, mais uma vez, feliz aniversário. Dá um abraço em tua mamãe e em Gina e recebe um abraço bem apertado, que valha por todo esse tempo em que não nos vemos, de teu

*Papai.*¹⁵⁾

A segunda carta:

“A meus filhos

Queridos Hildita, Aleidita, Camilo, Célia e Ernesto:

Se algumas vez tiverem de ler esta carta será porque já não estarei entre vocês.

Quase não se lembrarão de mim e os mais pequeninos não lembrarão nada.

Seu pai foi um homem que atua como pensa e, por certo, foi leal a suas convicções.

Cresçam como bons revolucionários. Estudem muito para poder dominar a natureza. Lembrem-se de que a revolução é o importante e de que cada um de nós, sozinho, não vale nada.

Sobretudo, sejam capazes de sentir no mais profundo, qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. É a qualidade mais linda de um revolucionário.

Até sempre, filhinhos, espero vê-los ainda. Um beijão e um abraço do

*Papai.*¹⁶⁾

A carta de Lamarca:

¹⁵ COLEÇÃO PENSAMENTO VIVO DE – CHE GUEVARA, Ed. Martin Claret, pp 16/18.

¹⁶ Idem

‘Brasil, 26 de julho de 69.

Aos meus filhos

Vivo falando de vocês com meus companheiros, eles estão longe dos filhos também e falam nos filhos deles. Um só é o desejo de todos nós, é que nossos filhos sejam revolucionários. O que é ser um revolucionário? É toda pessoa que ama todos os povos, ama a Humanidade, tem uma imensa capacidade de amar, ama a Justiça, a Igualdade. Mas ele tem de odiar também, odiar aos que impedem que o revolucionário ame, porque é uma necessidade amar. Odiar aos que odeiam o povo, a Humanidade, a Justiça Social. Odiar ao que dominam e exploram o povo, odiar aos que corrompem, ameaçam e alienam as mentes, aos que degradam a Humanidade, aos injustos, falsos, demagogos, covardes.

O revolucionário ama a Paz, faz a guerra como instrumento para Ter a Paz, a Paz Justa, sem exploração do homem pelo homem. O revolucionário tem que ser capaz de todos os sacrifícios pela causa, de até se separar dos seus filhos para libertar todos os filhos, de se separar dos pais porque outros pais precisam dele. Quando vocês sentirem saudades de mim, lembrem-se que aqui no Brasil existem muitas crianças que passam fome, que andam descalças, sem escolas, que sofrem e vêem seus pais sofrerem. Lembrem-se quando conversei com vocês no quarto e pedi a vocês que deixassem eu lutar para acabar com isso. Eu me lembro que a Claudinha bateu palmas e o Cesar disse: ‘Muito bem, papai’. Combinamos que tínhamos de ficar longe um do outro, que vocês estudariam muito, que ajudariam a mamãe em tudo, e que guardaríamos no coração a esperança de nos encontrarmos novamente.

Vocês são felizes porque a mãe e o pai são revolucionários e vocês têm que ser também. Amem muito a mamãe, eu não posso beijá-la, todos os dias de manhã beijem duas vezes a ela, uma vez por mim. Tenho tantas saudades de vocês mas não choro não, beijo as fotografias, encho o peito de ar e pego firme no meu trabalho. Penso em vocês e em todas as crianças então ganho forças para lutar. Quando sentirem saudades, então estudem mais, perguntem tudo o que não entenderem, perguntem sempre o porquê das coisas – perguntar e pensar – ver se é certo, se não for, salem, discutam – ver se é justo, se não for, lutem para mudar. Sejam disciplinados, façam somente o que for certo, justo. Ser disciplinado não é ser obediente, quem obedece tudo sem pensar não presta.

Como vai o treinamento de tiro? Não se esqueçam de colocar algodão no ouvido, e também de olhar sempre pra mira e puxar o gatilho bem devagar. Já mandaram consertar a pistola de ar comprimido?

Espero que vocês pratiquem corrida, natação e todos os jogos. Alimentem-se bem, vocês que tanto gostam de frutas devem estar satisfeitos, aí ninguém passa fome, não tem mendigos, aqui... Aí comem abacate na salada, com sal e azeite; gostaram?

Como vai o jogo de botão? Você, Cesar, tem ensinado aos meninos. Seguem junto 29 bolinhas de cortiça que fiz treinando a paciência, que eu tinha pouco, é preciso ser paciente, sem ser passivo, claro.

E você, Claudinha, continua fazendo discursos? Como eu gostava, você vai ser uma grande agitadora.

Cuidem bem dos dentes para que possam mastigar bem. Não se esqueçam de cantar e dançar. O Cesar gosta muito de desenhar e a Cláudia de pintar, procurem praticar bastante, procurem criar, não imitem ninguém.

Não chamem ninguém de senhor porque ninguém é senhor de ninguém. Mas ouçam os mais velhos e procurem fazer as coisas melhor que eles, porque tudo o que é novo é superior ao velho. Respeitem os mais velhos mas exijam que respeitem vocês – exijam mesmo.

Contei para os companheiros que o Cesinha usava nome de guerra e eles acharam engraçado. Já usei o nome de Cesar, mas tive que mudar.

Não sei como acabar essa carta porque é como se estivesse conversando com vocês. Espero receber uma carta de vocês, se não for possível continuarei pensando muito em vocês.

A maior alegria que vocês podem me dar é aproveitar muito o estudo, preparando para fazer a Revolução em qualquer país.

Muitos beijos para minha esposa querida e meus filhos, com todo amor, cheio de saudades.

Carlos Lamarca.

Ousar Lutar – Ousar Vencer⁽¹⁷⁾

Não é algo ilógico um pai escrever aos filhos, principalmente quando este pai está em uma situação de extrema pressão psicológica, com os sentimentos a flor da pele, mas o que chama a atenção é que estas cartas, as que foram publicadas, contém traços e preocupações comuns.

Logo no início da carta de Lamarca há a explicação sobre o que é ser um revolucionário:

“O que é um revolucionário? É toda pessoa que ama todos os povos, ama a Humanidade, tem uma imensa capacidade de amar, ama a Justiça, a Igualdade. Mas ele tem de odiar também, odiar aos que impedem que o revolucionário ame, porque é uma necessidade amar.”⁽¹⁸⁾

¹⁷ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. Op. cit., pp. 49/50.

¹⁸ Idem

Na carta de despedida aos filhos “Che” comenta sobre qual é a qualidade mais linda do revolucionário:

“Sobretudo, sejam sempre capazes de sentir, no mais profundo, qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. É a qualidade mais linda de um revolucionário.”

O amor revolucionário é abordado diretamente neste trecho. É um amor que age, que exige uma atuação. É o “amar ao próximo como a si mesmo”.

No segundo parágrafo da carta de Lamarca duas passagens são marcantes. Primeiro:

“O revolucionário ama a Paz, faz a guerra como instrumento para ter a Paz, a Paz Justa, sem exploração do homem pelo homem.”

Neste trecho é de se notar que um chavão para se referir ao capitalismo foi utilizado “exploração do homem pelo homem”. Na carta de “Che” a Hildita temos a seguinte passagem:

“Eu não era assim quando tinha a tua idade, mas vivia numa sociedade diferente, onde o homem era inimigo do homem”.

A mesma mensagem do chavão é utilizada por “Che”.

A segunda passagem é quando Lamarca comenta a sua atitude de aderir a luta revolucionária:

“Quando sentirem saudades de mim, lembrem-se que aqui no Brasil existem muitas crianças que passam fome, que andam descalças, sem escolas, que sofrem e vêem seus pais sofrerem. Lembrem-se quando conversei com vocês no quarto e pedi a vocês que deixassem eu lutar para acabar com isso. Eu me lembro bem que a Claudinha bateu palmas e o Cesar disse: ‘Muito bem, papai’.”

“Che” também cita a sua atuação aos filhos e aponta sobre a atitude que devem ter em relação a isto na carta a Hildita:

“Deves saber que estou e estarei durante muito tempo longe de ti, fazendo o que posso para lutar contra nossos inimigos. Não que seja muita coisa, mas alguma coisa estou fazendo e creio que poderás sempre te orgulhar de teu pai, assim como eu me orgulho de ti.”

No terceiro parágrafo Lamarca diz aos filhos o que espera deles:

“Vocês são felizes porque a mãe e o pai são revolucionários e vocês têm que ser também. Amem muito a mamãe, eu não posso beijá-la, todos os dias de manhã beijem duas vezes a ela, uma vez por mim.”

Na carta a seus filhos “Che” é mais incisivo:

“Cresçam como bons revolucionários.”

E na carta a Hildita:

“Enquanto isso, tens que preparar-te, ser muito revolucionária, o que na sua idade significa aprender muito, o mais que for possível e estar sempre pronta para apoiar as causas justas.”

No quarto parágrafo Lamarca chama a atenção dos filhos para os estudos e para a justiça:

“então estudem mais, perguntem tudo o que não entenderem, perguntem sempre o porquê das coisas – perguntar e pensar – ver se é certo, se não for, falem, discutam – ver se é justo, se não for lutem para mudar.”

Após alguns comentários sobre particularidades de cada filho, Lamarca dá um conselho que está diretamente ligado a doutrina pela qual optou:

“Não chamem ninguém de senhor porque ninguém é senhor de ninguém. Mas ouçam os mais velhos e procurem fazer as coisas melhores que eles, porque tudo que é novo é superior ao velho.”

Dizer que tudo o que é novo é superior ao que é velho é uma clara alusão a evolução da sociedade tal como é visto no marxismo. Somado este conselho ao conselho anterior sobre o estudo, Lamarca está literalmente a análise de modificação da natureza pelo homem.

“Che” novamente é mais direto quando dá o mesmo conselho:

“Estudem muito para poder dominar a técnica que permite dominar a natureza.”

Após comentar algumas particularidades dos filhos Lamarca encerra a carta com um último conselho, em forma de pedido, aos filhos:

“A maior alegria que vocês podem me dar é aproveitar muito o estudo, preparando-se para fazer a revolução em qualquer país.”

Esta revolução mundial é abordada o por “Che” no mesmo parágrafo que fala a Hildita sobre o amor revolucionário.

Vemos então as cartas cumprindo um papel nas narrativas. O primeiro era claro o papel paterno mostrando que, tal qual o homem comum, eles também tinham obrigações paternas as quais dentro das suas possibilidades cumprem com o maior zelo, amor e carinho.

Por que então tantas referências a doutrina e a atividade que ambos abraçaram? A respostas é que estas cartas, e não outras que possivelmente podem ter sido escritas, possibilitam a potencialização desse amor paternal. Um amor que mesmo nos momentos em que a vida corre perigo não é jamais esquecido. Porém um outro sentimento lhe obriga a estar longe. Um outro tipo de amor, o amor revolucionário, que não é egoísta, que não se resume a uma esfera particular. Ao demonstrar tão grande é o amor pelos filhos maior vai ser o amor a causa pela qual lutam e educam os filhos para lutarem.

Este é um amor exigente que leva o homem a superar a sua condição individual para pertencer a um grupo. Não pode ser satisfeito apenas na esfera particular. Toda a humanidade deve participar dessa felicidade.

A aventura para a qual o arquétipo de Alexandre chama e invoca já não é uma aventura irresponsável, agora é motivada por um sentimento de responsabilidade e amor a todo um grupo, seja este grupo pequeno ou grande, um país ou toda humanidade.

Eis que o contorno da constelação do Salvador se cruza com o contorno da unidade. A motivação da ação da luta do homem providencial é a possibilidade de reunir em um mesmo banquete a humanidade como um todo. Esta é a exigência principal deste amor revolucionário e está bem claro para Lamarca:

“O erro significa a morte e a morte de um indivíduo não pode ser comparada a com a causa que não morre mas sofre refluxos. Perdemos o direito de morrer até que a morte seja um exemplo.”⁽¹⁹⁾

¹⁹ MIRANDA, Oldack & JOSÉ, Emiliano. Op. cit., p. 46 - Trecho de uma carta a esposa Maria Pavan em 26/06/69.

CONCLUSÃO

Podemos afirmar Lamarca como personagem mítico, ou seja como um Mito Político?

Pelos elementos os quais entendemos constituir o mito podemos afirmar que Lamarca trata-se não apenas de um personagem histórico como também de um personagem mítico. Pois entre História e Mito, particularmente Mito Político, entendemos que existe uma proximidade muito grande nestas duas formas de narrativas. Tanto a História como o Mito contém chaves para o reconhecimento que a sociedade tem de si.

Estruturalmente, as narrativas em torno desse personagem possuem um fundamento histórico que foi o período de fechamento do regime militar, a luta contra a ditadura, a anistia, a guerrilha, uma identidade contrária àquela imposta à sociedade pelo governo. Narrativas que são compreendidas por parte da sociedade minimamente informada sobre os acontecimentos daquele período.

A narrativa cumpre um papel importante para a constituição do mito, pois contém explicações e justificativas. É necessário que a narrativa seja competente em diferenciar o objeto ou pessoas de outros objetos e pessoas da mesma natureza ou com a mesma trajetória histórica para que estas sejam transformadas em mitos.

Outra estruturas que sobre as quais podemos definir o mito político, como o poder de síntese explicativa, fabulação, poder mobilização e os núcleos temáticos foram observados através de algumas passagens das narrativas sobre o personagem Lamarca.

Também as imagens e as aproximações com “Che” Guevara, que favorece o entendimento das mensagens contidas na sua figura foram explicitados e explicados.

Por preencher todos estes requisitos já poderíamos nos pensar em condições de responder afirmativamente a questão sobre o mito Lamarca. Mas

além de preencher requisitos, devemos identificar este personagem como mítico através da totalidade que narrativas construíram em diferentes períodos políticos desde a repressão até os dias de hoje.

O mito Lamarca, explica, conta, narra, o terror de um período, a opressão imposta não apenas a uma geração e sim a todo país. Como mito, Lamarca mobiliza debates, luta por anistia e indenizações. A situação deste personagem hoje é de um personagem vitorioso neste sentido, e a cada relato onde seu nome é citado, a cada debate continua a definir lados a fornecer elementos com os quais nos identificamos, com os quais explicamos e mobilizamos. Sua trajetória individual consegue aglutinar toda a emoção que um simples relato dos acontecimentos limitados por uma frieza acadêmica racional jamais conseguiria.

BIBLIOGRAFIA

ALVERGA, Alex Polari de. **INVENTÁRIO DE CICATRIZES**. 3ª ed., São Paulo: Editora Parma, 1978.

ARQUEDIOCESE, São Paulo. **BRASIL: NUNCA MAIS**, Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

BARTHES, Roland. **O PODER DO MITO**. São Paulo: Editora Martin Claret.

BOBBIO, Norberto. **DICIONÁRIO DE POLÍTICA**. Brasília: Editora UNB

BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE, LEMBRANÇA DE VELHOS**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **MULHERES QUE FORAM À LUTA ARMADA**. São Paulo: Editora Globo, 1998.

D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon & CASTRO, Celso. (orgs) **OS ANOS DE CHUMBO: A MEMÓRIA MILITAR SOBRE A REPRESSÃO**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ELIADE, Mircea. **O SAGRADO E O PROFANO**. 3ª ed., São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

_____. **MITO E REALIDADE**. 5ª ed. Coleção Debates, São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

_____. **O MITO DO ETERNO RETORNO**. Rio de Janeiro: Edições 70 Ltda., 1993.

GABEIRA, Fernando. **O QUE É ISSO COMPANHEIRO**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

_____. **ENTRADAS E BANDEIRAS**. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

GIORDANI, Marco Pollo. **BRASIL: SEMPRE**. Porto Alegre: Tchê, 1986.

GIRARDET, Raoul. **MITOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS**. tradução Maria Lúcia Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GORENDER, Jacob. **COMBATE NAS TREVAS**. São Paulo: Ática, 1987.

KELLNER, Douglas. **ERNESTO CHE GUEVARA**. Coleção Grandes Líderes, São Paulo: Editora Nova Cultural, 1989.

MIRANDA, Oldack & JOSÉ Emiliano. **LAMARCA, O CAPITÃO DA GUERRILHA**. 9ª ed., São Paulo: Global Editora, 1984.

PAIVA, Marcelo Rubens. **NÃO ÉS TU, BRASIL**. São Paulo: Mandarin, 1996.

PATARRA, Judith Lieblich. **IARA – REPORTAGEM BIOGRÁFICA**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1993.

PANOFSKY, Erwin. **SIGNIFICADO NAS ARTES VISUAIS**. São Paulo: Editora Perspectiva: 1955.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **A REVOLUÇÃO FALTOU AO ENCONTRO**. MCT/CNPq, São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

USTRA, Carlos Alberto Brilhante. **ROMPENDO O SILÊNCIO**. 2ª ed., Brasília: Editerra, 1987.

VENTURA, Zuenir. **1968 – O ANO QUE NÃO TERMINOU – A AVENTURA DE UMA GERAÇÃO**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

Revistas:

VEJA, de 1968 a 1998.

ISTO É, de 1968 a 1998.

CAROS AMIGOS, Edição Especial de 10/97

Jornais:

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, de 1968 a 1998

FOLHETIM, JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, O Diário de Lamarca

O GLOBO, Descoberta do Laudo Cadavérico de Lamarca